

AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

FLÁVIA PADULA

... DE ...
VOLTA A CASA DA
COLINA

SÉRIE CONTOS DE NATAL



PERIGOSAS NACIONAIS

DE VOLTA À
Casa da Colina
2 LIVRO DA SÉRIE CONT
OS DE NATAL

Flávia Padula

**Copyright © 2017 Flávia
Padula**

Todos os direitos reservados. Todos os personagens
PERIGOSAS ACHERON

desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas terá sido mera
coincidência. Proibida a reprodução, total ou
parcial, desta publicação, seja qual for o meio,
eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa
da autora.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Nota da Autora

Decidi escrever o Spin-off dos contos A Carta e A Casa da Colina. Foram duas obras lindas que registrei e que merecem uma continuação. E como eu amo o Natal, nada melhor que um conto de presente para todos nós. Eu desejo um Feliz Natal a todos, um próspero Ano Novo, seja em 2018, 2019 ou 2047. Que a magia da vida e os milagres da fé estejam presentes em sua vida todos os dias do ano, todos os segundos em que seu coração bater.

Digo que 2017 foi um de aprendizados. E agradeço a Deus pelos caminhos que ele me deu e por este conto. Agradeço também por minha família, que sempre me apoia. Eternamente grata aos meus leitores e ao carinho que recebo, é uma energia contagiante. Obrigada de coração por fazerem parte da minha história.

Que em sua vida, tudo que lhe acontecer seja motivos de agradecimento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Boa leitura!

Flávia Padula

PERIGOSAS ACHERON

SUMÁRIO

NOTA DA AUTORA

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

PERIGOSAS NACIONAIS

[Epílogo](#)

[A Carta:](#)

[A Casa da Colina](#)

[Sobre a autora](#)

PERIGOSAS ACHERON

1

O barulho dos freios da locomotiva é ensurdecedor. Nunca vou me acostumar, ainda sou apegada aos cavalos e à sua monótona cavalgada, aliada à liberdade de dirigir o animal para onde quer ir-se e não para onde é levado, desgastando a visão nas mesmas paisagens, por causa de um único caminho a traçar. A modernidade tem tirado de nós a oportunidade de fazer escolhas. Olho através da pequena janela da cabine e solto um longo suspiro. Dez anos se passaram e aqui estou, em Shetwood. Pessoas descem apressadas dos vagões, enquanto outras sobem para que a máquina siga viagem pela mágica dos trilhos, ao som seco do ferro. A

PERIGOSAS ACHERON

Inglaterra evoluiu tanto que pareço estar em outro mundo. Ninguém mais olha para o lado para se cumprimentarem, estão sempre com pressa, como se o mundo fosse acabar daqui a cinco minutos, em meio à fumaça das locomotivas.

Desço do vagão e prontamente o bilheteiro me ajuda com a bagagem. Agradeço com um franco sorriso e olho ao redor. Finalmente estou em casa. Eu não trouxe muita coisa, não pretendo ficar tanto tempo, apenas o mês de julho, no verão, como prometi aos meus pais. Aliás, convencê-los a me deixar vir para Shetwood foi uma batalha árdua, da qual não desisti até conseguir. Seria ironia se eu dissesse que nunca fiz isso e que sempre desisti de lutar pelo que quero, entretanto, viajar sozinha para o interior era para os meus pais como lhes dar uma facada no coração. Tal situação lhes trazia preocupação e certo desconforto social, afinal, uma senhorita nunca viajava sozinha, sem uma dama de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

companhia e quando está prestes a se casar!

Entretanto, eu era a exceção.

Olho ao redor. Tudo mudou por aqui. Antes não possuíamos a estação de trem e apenas uma mina de carvão. Hoje, Shetwood tem mais minas que qualquer outro lugar da Grã-Bretanha, o Duque de Montgomery enriqueceu com a exploração do minério e o sacrifício de muitos homens, mulheres e crianças. Descobri que pessoas são apenas números, quando os donos da economia precisam exercer sua força para aumentar suas riquezas. Meu pai foi uma vítima destes homens e por pouco eu também não fui.

- Lady Turner – a voz masculina soou cortando meus pensamentos.

Olhei para o lado e me surpreendi ao ver o senhor alto, negro e muito bem trajado. Coloquei a mão na cintura e balancei a cabeça em negativa:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Thomas? O que faz aqui?

Ele deu um passo para mim, com um sorriso peculiar:

- Ordens do seu pai, senhorita – ele explicou – Ele nos enviou para cuidar da casa durante a sua estadia.

- E quem mais está com o senhor além de Lucy?

- Ninguém – ele deu um sorriso simpático.

Ergui uma sobrancelha desconfiada:

- Pensei que tivéssemos entrado em um acordo: eu ficaria sozinha – argumentei.

- E a senhorita ficará sozinha sem a presença de sua família – ele assegurou – Eu e Lucy somos empregados, apenas a auxiliaremos no que necessitar e no andamento da casa.

Eu deveria ter imaginado que meu pai

PERIGOSAS ACHERON

jamais colocaria minha honra em risco. O que eu poderia fazer? Thomas e Lucy eram empregados de meu tio Scott há muitos anos e cuidavam de mim desde que eu coloquei meus pés em Londres, eu os amava, e era como se fossem da família. Tê-los ali era melhor que ter a sombra de meus pais e qualquer outra pessoa que pudesse atrapalhar meu sossego.

- Tudo bem – eu concordei.

Thomas pegou minha bagagem e eu o segui até a carruagem que me aguardava. O veículo imponente possuía o brasão da família, meu pai era o Conde de Waterford, Lorde Vincent Courtney Turner e minha mãe Lady Phedra Turner. E embora, eu nunca tenha ostentado minha posição social, eu sempre fui fiel a todas às responsabilidades de ser uma herdeira de um condado. Claro que eu não herdaria o título, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

trazia para mim todas as exigências a serem seguidas na sociedade londrina. Eu não poderia me casar com qualquer homem, ou fazer o que desejava, precisava seguir padrões e valores sociais e de qualquer forma sempre deveria pensar nas consequências dos meus atos. Infelizmente, para uma moça de origem plebeia estava se tornando um fardo. Acomodei-me no banco macio de veludo pensando nisso.

Eu não era filha legítima dos condes. Eu era filha de um simples mineiro, Richard Ward, de Shetwood, que morreu num desastre em uma mina de carvão há dez anos. Phedra, que na época era minha tutora, me adotou e ao casar-se com o Conde, tornei-me também sua filha. E embora a sociedade soubesse que eu era apenas uma filha de criação, meu pai sempre fez questão que eu fosse tratada como legítima e a aristocracia engoliu seu desejo.

PERIGOSAS ACHERON

Em certos casos, porque em outros, eu tinha que aguentar o descaso e a indiferença de alguns nobres. E algumas senhoritas mais arrogantes agora me odiavam porque eu era cortejada pelo invejado Barão de Arnou, Lorde Marcel Arnou. Era um homem íntegro, bonito, inteligente, simpático e agradável, mas estar ao lado dele despertava em mim apenas um amor fraternal, nada mais. Em todos os momentos que ele tentou se aproximar, senti repulsa, não por ter-lhe asco, ao contrário, mas por não sentir nada que fizesse meu coração saltar ao peito ou meus pensamentos se tornarem dele por um dia todo.

Sim, eu sou uma romântica incorrigível... Acredito no amor e na força dele. Tenho este exemplo dentro de casa, meus pais são completamente apaixonados um pelo outro, é nítido o brilho no olhar quando se encontram e a maneira carinhosa com a qual se tratam. Existe respeito, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

companheirismo e uma amizade profunda. Por isso, quando Arnou propôs casamento e minha família ficou encantada, estive prestes a declinar, não eram eles que tinham que ficar felizes. Mas eu não estava. O que resultou naquela viagem, para que eu pudesse pensar, refletir e encontrar-me de algum modo e saber o que realmente desejava da vida.

Não queria casar por acordo, apenas para ter uma vida satisfatória e tranquila. Meu coração ansiava por mais, algo que eu não sabia explicar. Porém, estava ali, dentro de mim, ardendo para ser descoberto.

Enquanto a carruagem atravessava as ruas de Shetwood, eu vi muitos rostos se virarem para contemplar o veículo, mas não reconhecia nenhum deles. Minhas lembranças acerca das pessoas eram vagas, eu tinha apenas dez anos quando parti. A não ser pelos mais próximos e amigos de meu pai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na época, mas duvidava que fosse encontra-los novamente. Muitos já deveriam estar mortos. Quando a carruagem começou a subir a colina, coloquei minha cabeça para fora da portinhola e respirei profundamente o ar puro do verão. Pinheiros e eucaliptos dividiam a mesma paisagem e uma estrada tortuosa de cascalho e terra me levaria até a casa. Foi como se a energia de todo o meu corpo se renovasse e eu me sentisse em casa. E eu estava. Fiquei emocionada quando avistei o casebre no alto da colina, simples, de janelas pequenas e chaminé.

Durante aqueles anos todos, meu pai a manteve conservada, chegou a reforma-la, mas minha mãe nunca quis voltar aquele lugar. Ela não possuía boas lembranças de tudo que havia vivido. Respeitando sua dor, eu nunca voltei ali, mas agora era meu lar. Por um breve espaço de tempo, a Casa da Colina seria meu lar e meu refúgio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cercas brancas circundavam a casa simples, rodeada de grama verde e um jardim bem cuidado. A casa de madeira possuía janelas também brancas e gerânios coloridos que caíam pelas bordas plantadas. Desci da carruagem, corri pelo gramado e olhei ao redor. As montanhas que se estendiam ao longe, o que estragava eram as fumaças que saíam detrás delas: as poderosas minas de carvão. Parei de sorrir e fitei a triste paisagem que me atormentava. Eu jamais poderia concordar com aquele trabalho, eu ainda podia sentir na pele o que era estar dentro de túneis estreitos e com pouco oxigênio para respirar. Eu sabia o que era perder um familiar para um monte de pedras e a ganância de muitos homens.

- Lady Turner – a voz de Lucy soou atrás de mim.

Eu me virei para ela com um sorriso largo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para a senhora baixa, de cabelos loiros e têmporas grisalhas.

- Espero que ao menos tenha feito um bolo de milho, Lucy! – eu fingi estar brava me aproximando para um rápido abraço.

- Fez boa viagem? – ela quis saber, acariciando meu rosto.

- Ninguém pode fazer uma boa viagem dentro daquela máquina – reclamei.

De braços dados começamos a andar em direção a casa, enquanto Thomas levava minha bagagem para dentro.

- Pense nos benefícios – ela me reprovou.

- Não há benefícios na modernidade, Lucy – eu garanti.

Thomas abriu a porta e um labrador amarelo de grande porte surgiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bob? – eu disse entusiasmada e me agachei para receber o carinho do meu cachorro. Acariciei seu pelo macio e ele lambeu meu rosto – Eu também estava com saudades – olhei para Lucy – Trouxe Bob?

- Seu pai exigiu que trouxéssemos – ela disse com carinho – Ele sabia o quanto ficaria solitária aqui.

Mais uma vez fiquei emocionada e me levantei. Meu pai sempre seria maravilhoso comigo, sempre me surpreenderia.

- Obrigada – agradei – Vou escrever a ele agradecendo a gentileza.

- Vamos entrar, deve estar cansada e com fome.

- Cansada não, mas com muita fome...

Entramos. Nada havia mudado na Casa da Colina. Meu pai preservara a antiga mobília e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

decoração. O sofá de dois lugares permanecia ali, a sua frente o tapete colorido feito por minha mãe e sua irmã, Taylor. Havia também a pequena mesa de madeira redonda e quatro cadeiras. E nos fundos: a cozinha e os dois pequenos quartos.

- Este quarto foi de sua mãe – Lucy abriu a porta e eu entrei. Eu olhei ao redor com carinho e assenti.

- Obrigada por cuidar de tudo, Lucy.

Eu me afastei dela e fui até a janela e a abri. Dali eu podia ver todo o vale de Shetwood. Prendi a respiração e lágrimas vieram aos olhos. Tudo estava destruído pelas minas de carvão.

PERIGOSAS ACHERON

2

O cansaço havia me vencido no dia de minha chegada à Shetwood. Entretanto, na manhã seguinte, quando me levantei e abri a janela, olhei com rancor para a paisagem a minha frente. Aquilo que antes fora um vale bonito, verde e gracioso, tornou-se um lugar sem vida, uma neblina densa cobria tudo, eles haviam queimado o prado e a exploração de carvão deformara a vista, deixando-a fria e opaca, sem forma. O que antes fora um horizonte dourado, agora era tomado pelas fumaças, formando um campo de cinzas. Parecia o inferno.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não podia aceitar aquilo. Nunca.

Bati a janela com força e saí do quarto. Ao me ver, Lucy colocou o bolo de milho sobre a mesa.

- Bom dia.

- Bom dia – respondi de mau humor.

- O que foi? Não parece bem...

- E quem pode ficar bem com tanta destruição, Lucy? – perguntei irritada – O que estão fazendo com Shetwood?

- Acalme-se, senhorita! – Lucy pediu voltando para perto do fogão – Não pode fazer nada. É o mundo moderno invadindo o campo.

Mordi a língua para não responder e lançar sobre Lucy minha cólera.

- Devo fingir que não estou vendo nada? – perguntei depois de tomar meu chá.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Uma senhorita educada não fala sobre estas coisas – Lucy me explicou voltando para perto de mim – Temos que nos ater apenas ao que nos é referido: nossa vida no lar e nosso futuro como esposa de um homem digno e respeitável.

Por que aquele argumento me ofendia ainda mais e fazia com que meu sangue fervesse nas veias? Era verdade o que Lucy dissera: as mulheres deveriam se ater aos assuntos domésticos e a um casamento bem feito para o futuro. Mas eu não podia me calar diante daquela calamidade! Eu precisava fazer alguma coisa, ficar sentada ali dentro da casa e olhando tudo ao meu redor ser destruído, parecia tão discrepante de minha índole.

- Deixe estes assuntos para os homens tratarem – ela finalizou com um sorriso e voltou para a cozinha.

Eu não consegui comer o bolo. Levantei e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saí da casa, estava sufocada. Tanto pelos argumentos sociais de Lucy, quanto pela fumaça preta das minas de carvão. Olhei para a paisagem outra vez. Eles iam acabar com tudo e eu ia ficar sentada ali, apenas olhando? Achando normal que os homens ganhassem dinheiro às custas da escravidão de muitos e da exploração desenfreada da natureza? Era revoltante.

Fui para o estábulo e encontrei Thomas cuidando dos cavalos.

- Bom dia, Thomas. – Eu disse tentando ser amável.

- Bom dia, senhorita.

- Poderia selar um cavalo para mim, por favor?

- Vai passear, senhorita? – ele quis saber indo em direção as celas em coma da mureta.

- Sim – eu forcei um sorriso – Quero ver se

PERIGOSAS ACHERON

reencontro alguns amigos da infância.

Ele me olhou por um instante. Acredito que Thomas sabia que eu mentia, mas concordou e selou o cavalo negro para mim.

- Não quer que eu a acompanhe, senhorita?
– ele se ofereceu.

- Não é necessário – assegurei montando – Acredito que nada deve ter mudado por aqui. Não vou demorar, volto antes do almoço – prometi.

Saí a largo galope e ainda ouvi os latidos de Bob enquanto eu pulava o cercado, ao invés de circundá-lo com delicadeza e perícia, como uma dama deveria fazer. Eu estava com pressa e queria ver de perto as minas. Não precisei ir muito longe. Logo abaixo do vale, eu as encontrei. Primeiro, eu me deparei com o acampamento que abrigava centenas de trabalhadores, todos vivendo em condições sub-humanas naquelas barracas que mal

PERIGOSAS NACIONAIS

podiam abriga-los das intempéries do clima frio e seco. Cavalguei lentamente, destonando de tudo que me cercava: *eu era a nobre senhorita, bem vestida e rica que cavalgava perdida entre a escória da sociedade*. Era assim que meus conhecidos em Londres falariam de minha aventura naquele momento.

Àquela hora da manhã, não havia quase ninguém por ali. Mas os que estavam em suas barracas mal erguidas, paravam para me olhar. Pelo menos, antes, quando eu ainda era criança, tínhamos nossas casas, um teto firme para dormir. Ali, não havia muita dignidade. O fim da agricultura no campo, trouxera aquela gente desesperada por emprego para as minas. Pessoas que ganhavam poucos xelins, apenas para ter o que comer, nada mais.

Uma criança brincava na porta de uma

PERIGOSAS ACHERON

barraca, não deveria ter mais que dez anos estava toda suja, descalça. Minhas recordações viajaram por dez anos antes, quando eu trabalhava nas Minas de Carvão com meu pai. A criança voltou-se para mim e eu senti o coração espremer: ela não possuía um dos braços. Ninguém precisou me dizer o que lhe acontecera. Nós crianças éramos usados para entrar nos tuneis mais estreitos para ajudar a cavar. Vi muitos morrerem ou sofrerem alguma amputação por causa dos acidentes.

Aquilo cortou meu coração. Tive vontade de chorar. Descer do cavalo e abraçar aquela criança, dizer que tudo ficaria bem.

- Perdida, senhorita?

A voz masculina soou às minhas costas. Dei a volta no cavalo e me deparei com um rapaz que deveria ter a minha idade, talvez um pouco mais velho, moreno e robusto. Mas o que me

PERIGOSAS NACIONAIS

chamou a atenção foi a cor de seus olhos: eram como duas pedras de jade. Eu conhecia aquele olhar. O mesmo olhar que salvou a minha vida uma vez.

- Gregory? – eu perguntei surpresa. – Greg MacCallister?

Ele franziu o cenho e ajeitou a postura.

- Eu a conheço?

Eu desci do cavalo e me aproximei dele, tirando o chapéu e exibindo meus cabelos loiros:

- Não se lembra de mim? – eu perguntei e ele fez que não – Sou eu, Beatrice Ward!

Os olhos dele se arregalaram.

- Beatrice? – ele me olhou atentamente – Você, quer dizer, a senhorita se tornou uma dama!

Eu ri dele.

- E o que esperava?

PERIGOSAS ACHERON

Ele encolheu os ombros tímido:

- Não sei. Sempre foi tão levada e olhe agora: é uma lady.

- Sim, eu sou – admiti e forcei um sorriso.

- O que faz em Shetwood? – ele se aproximou de mim – Nunca mais tivemos notícias suas ou da Senhorita Johnson...

- Moramos em Londres e Phedra se casou com o conde de Waterford – contei – Eles me adotaram.

- A senhorita teve sorte! – ele observou – Não teria sobrevivido a esta vida!

- O que houve aqui, Gregory? – eu perguntei e olhei ao redor antes de me voltar para ele.

- As minas cresceram, muita gente veio para cá, emprego fácil – ele explicou – Não é bom que fique cavalgando sozinha por essas bandas,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beatrice. Há muitos desordeiros e gente que não vale nada.

- Eu estou hospedada na Casa da Colina – contei – E o vale está destruído, tudo parece estar se desfazendo em Shetwood.

Ele se certificou que não havia ninguém próximo e murmurou:

- Essas pessoas precisam trabalhar, Phedra. Não há lugar para elas em Londres ou no campo. Elas perderam muito com a industrialização – ele fez uma pausa – O que está vendo, não é nada. Estão explorando os colonos, mal pagam para que comam e o trabalho das crianças é o mais oprimido.

- E ninguém os ajuda, ou faz nada? – perguntei incrédula.

- Algumas pessoas tentaram, mas desapareceram – disse de modo significativo.

- Eu não posso acreditar – falei com pesar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acredite, isso aqui virou um inferno, bem diferente da sua Londres, agora.

Ele não estava me recriminando, mas eu não podia deixar de me sentir culpada por ter tanto e por aquela gente não ter nada.

Alguém chamou por Greg. Ele olhou por cima do ombro e respondeu que já estava indo.

- Eu preciso trabalhar, Beatrice.

- O que faz nas minas?

- Sou chefe de uma delas – ele me contou e pareceu se sentir mal. Então começou a se desculpar – Eu tenho família e preciso trabalhar para sustentar meus pais e irmãos. Caso contrário, todos morreremos de fome.

- Não precisa se justificar, Gregory – eu assegurei – Eu no seu lugar, não faria diferente.

Ele deu um sorriso bonito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Volte para casa – ele me aconselhou –
Aqui não é lugar para a senhorita, não mais.

Eu concordei para que ele fosse em paz.
Gregory se afastou rapidamente e ainda olhou para trás e sorriu, antes de desaparecer entre as barracas.

Recordei-me do dia que ele salvou minha vida. Houve uma explosão na mina em que trabalhávamos e por causa do inverno, a neve desceu montanha abaixo. Ficamos soterrados e por um milagre sobrevivemos, ele me abraçou e protegeu meu corpo, impediu que eu morresse. Fomos resgatados por meu pai, Vincent Turner. Meu pai legítimo morreu naquela explosão.

Eu devia minha vida à Gregory. Graças a agilidade dele, eu estava ali para contar a história. Naquela tragédia, muitos morreram, inclusive crianças. Pensei que aquele podia ser o maior inferno na vida de alguém, contudo, eu estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enganada. Montei o cavalo e olhei novamente a paisagem que se perdeu em meio ao acampamento. Uma determinação me contagiou de forma avassaladora: um dia Greg, Vincent e Phedra salvaram minha vida. Agora, de alguma forma eu necessitava retribuir isso àquela gente.

Vi o homem alto e corpulento olhando-me de longe. Não usava as melhores roupas, mas pela vestimenta precária e suja de carvão eu sabia de quem se tratava, provavelmente, o líder daquela destruição. Eu o abominei por sua aparência lasciva, bem como o olhar cobiçoso. Bati contra a anca do cavalo e sai em direção à casa. Eu pensaria numa forma de ajudar aquela gente. Sim, eu o faria.

PERIGOSAS ACHERON

3

Já era fim de tarde quando convenci Lucy e Thomas a me acompanharem a casa dos MacCallister. Caso, eu tivesse sorte, eles ainda morariam no fim do vale, bem abaixo da colina, perto de Shetwood. Pelo menos era ali que antigamente os mineiros construía suas precárias casas. A que morei com meu pai era a primeira e ao ver a luz pela janela, sabia que alguém já havia ocupado. O que eu esperava? Que fossem fantasmas ou que ela ficasse vazia para sempre? A casa de Greg ficava mais abaixo, bem no fim, perto do brejo.

PERIGOSAS NACIONAIS

A carruagem parou antes, Thomas ficou com medo que atolasse. Eu desci usando um vestido mais simples. Meus vestidos feitos para a temporada de Londres eram uma ofensa aquela gente simples e do campo. Por sorte, eu havia trazido meus vestidos para cuidar do jardim, mais simples, e coloquei um deles. Não havia chapéu ou sombrinha para combinar, nem sapatos de bico fino ou colar de pérolas caras. Eu usava apenas uma botinha velha e meu cabelo estava trançado num penteado simples. Aquela era Beatrice Ward e eu gostava de mim assim.

Bati na porta e a mãe de Greg me atendeu, senhora Genoveva MacCallister. Ela me olhou curiosa e levou algum tempo para dizer:

- No que posso ajudar?

- Senhora MacCallister? — eu perguntei e ela assentiu — Sou Beatrice Ward e estou à procura

PERIGOSAS ACHERON

de seu filho Greg...

- Beatrice? – ela perguntou estupefata – O que faz aqui, pensamos que tivesse partido para Londres.

- Estou passando uns dias na Casa da Colina – expliquei – Gregory está?

- Sim – ela olhou por cima do ombro e o chamou com um grito.

Uma dezena de crianças surgiu fazendo algazarra e correndo em volta de Greg. Ele estava limpo, os cabelos molhados. Ficou surpreso por me ver.

- Boa noite – eu sorri para ele.

- Boa noite, Beatrice.

- Não vão me convidar para entrar? – perguntei solícita.

- Claro que sim – a senhora MacCallister

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu da porta para que eu entrasse no casebre acompanhada de Lucy – Crianças! – ela gritou – Vão lavar as mãos, o jantar está quase pronto – ela olhou para mim – Vai jantar conosco?

- Sim – eu respondi com alegria – Até trouxemos pães – e mostrei Lucy que carregava uma enorme cesta – Esta é minha... – eu hesitei em apresentá-la como minha dama de companhia, soava tão fora da realidade – Minha amiga Lucy e fizemos pães e uma deliciosa torta de maçã.

As crianças gritaram de alegria. Eles eram uma escadinha. Imaginei que tivessem entre treze a cinco anos de idade. Uma das meninas surgiu com o bebê no colo, pelo visto o senhor MacCallister era um homem muito esperto em se tratando de ter filhos.

- Vou acompanhá-la à cozinha – Lucy avisou e junto da senhora MacCallister sumiram

PERIGOSAS ACHERON

pelo corredor.

- Sente-se – Greg convidou apontando para o sofá de dois lugares com um pano estampado por cima – Não a esperava aqui.

- Eu sei, Greg. Mas eu não parei de pensar no que vi hoje.

Ele fez que não:

- Esqueça aquilo, Beatrice. Não faz parte da sua realidade.

- Eu sei e pode parecer loucura, Greg. Mas não posso partir para Londres sem fazer nada por aquelas pessoas.

- E o que pensa em fazer? – perguntou cético – Não sabe como aquela gente pode ser ruim. Acha mesmo que vai conseguir acabar com as minas? – ele perguntou e eu não respondi – Aqueles depósitos de carvão são o que mantem a Inglaterra em movimento: indústrias, trens, tudo

PERIGOSAS NACIONAIS

gira em torno disso, Beatrice. Não pode ir contra um sistema.

Ele fez uma longa pausa, esperando que os irmãos que passaram correndo se afastassem para prosseguir:

- Entendo sua revolta. Eu já me revoltei várias vezes. Entretanto, eu preciso daquilo para sobreviver! Meu avô morreu nas Minas, meu pai e meus irmãos trabalham nela. O que acha que faríamos sem esse trabalho aqui? Shetwood morreria, não haveria empregados para consumir e o comércio morreria. Tonar-se-ia uma cidade fantasma! – argumentou – E não saberíamos o que fazer, iríamos viver de qual outro trabalho?

Eu sabia que ele tinha razão, mas ouvi-lo dizer que eu não podia fazer nada, me ofendia mais que qualquer outra coisa. Levantei e andei pela sala, antes de me voltar para ele.

PERIGOSAS ACHERON

- Não posso fingir que não estou vendo o sofrimento daquela gente... Não vou acabar com a exploração, mas tenho que fazer algo, Greg. Qualquer coisa...

Ele me olhou compreensivo:

- Logo vai embora, Beatrice, e se esquecerá de tudo isso que viu.

- Impossível! – eu disse alterada.

Lucy surgiu na pequena sala e nos convidou para comer. Nossa discussão parou ali, mas não havia acabado. Eu queria saber mais sobre as minas. Talvez, perguntasse mais tarde.

Os adultos se sentaram à mesa: eu, Lucy, os pais de Greg, Greg, seu irmão Tim e sua irmã Sara. As dez crianças foram servidas pela mãe e foram comer sentadas do lado de fora da casa.

- Então, como é Londres, Beatrice? – Sara quis saber. Ela não deveria ter mais que dezesseis

PERIGOSAS NACIONAIS

anos.

- É grande e barulhenta – eu debochei e eles riram – É um lugar bonito. Pelo menos na parte em que eu vivo. Mas há bairros feios também e muita pobreza.

- Phedra veio com você? – a senhora MacCallister quis saber.

- Não, eu vim sozinha, vou passar apenas algumas semanas e voltarei, logo.

- Beatrice está de casamento marcado – Lucy contou.

- Não estou – eu a olhei de forma reprovadora. Por que ela disse isso? Fiquei olhando-a com curiosidade.

- A data não está marcada, mas já tem um bom pretendente – ela concertou.

- Lucy – eu a reprovei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sabia se ia me casar com Marcel, nada estava decidido. Não gostava que falassem por mim.

- Por aqui muita gente se casou – Sara contou.

- E você tem pretendentes? – perguntei tentando esquecer a gafe de Lucy.

- Alguns – ela disse tímida.

- Jeremy Boat – Tim contou.

Sara ficou vermelha como um pimentão. Eu conhecia os Boat. Também moravam nas proximidades. Eram de família das minas, mas Jeremy sempre foi um asno, nunca gostei dele. Entretanto, as pessoas mudavam.

- Lembro-me dos Boat – comentei – São boa gente, fará um excelente casamento.

- Obrigada – ela me sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quem também se casou foi Susan Sally com Tom Journey – a senhora MacCallister continuou a falar – Lembra-se deles? Claro que sim. Mas muita gente se mudou e outros ficaram, em dez anos aconteceu muita coisa por aqui. Luke Nilton teve dez filhos, mas a esposa morreu no último verão, lembra-se dela? – ela me perguntou e eu assenti – Foi uma morte triste, o bebê ficou atravessando, não saía, morreram os dois – ela lamentou – E pensar que era para Phedra ser esposa dele, não é? Agora ela é uma condessa e sua mãe... – forçou um sorriso quando eu não comentei nada - Vai visitar sua tia? – ela quis saber.

- Minha tia? – eu franzi o cenho. – Não tenho parentes em Shetwood. Era apenas eu e meu pai, e ele faleceu.

- Sua tia Taylor, irmã de Phedra. – Ela explicou.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei surpresa por saber que ela estava morando em Shetwood. A última vez que ouvi falar dela foi quando partimos da Casa da Colina e Taylor estava se trancando num convento para dar o filho bastardo de um homem casado.

- Não sabe o que houve? – a mulher me perguntou chocada, enquanto o marido tomava a sopa fazendo barulho. John MacCallister era um homem invisível. Não havia envelhecido muito, mas ficar em silêncio era sua maior façanha, a não ser quando tomava sopa – Bem, alguns meses depois que vocês partiram, a senhora Burgh ficou muito doente, sem explicação morreu antes da páscoa. O senhor Burgh, sem qualquer cerimônia, mandou trazer sua tia para Shetwood, ela deu à luz ao filho deles aqui mesmo! – falou indignada e em seguida deferiu com veneno – Dizem que a senhora Burgh morreu de tristeza e vergonha pelo que sua tia fez com ela, dormindo com o marido dela...
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mãe! – Greg a reprovou.

- Mas é a verdade! – ela defendeu.

- Ela não é minha tia, senhora MacCallister – expliquei – Mas tenho certeza, que minha mãe ficará muito feliz em saber do paradeiro de sua irmã, já que nunca mais teve notícias dela nos últimos dez anos. Vou fazer-lhe uma visita – disse educadamente – Obrigada por me informar.

A mulher enfiou um pedaço de pão na boca e não disse mais nada. O restante do jantar, Sara e Tim ficaram fazendo perguntas sobre Londres e Greg manteve-se quieto. Notei que ele era tão calado quanto o próprio pai. Terminamos e eu achei melhor partir, já era tarde e todos precisavam levantar cedo para o trabalho.

Greg nos acompanhou até a carruagem.

- Obrigada pelo jantar, Gregory – eu agradei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu agradeço a sua visita – ele disse cordial – E peço desculpas por minha mãe. Às vezes, ela simplesmente não consegue parar de falar...

- Não há o que desculpar. Meu retorno traz muita superstição para esse povo, você sabe. A Casa da Colina, minha mãe e Taylor. – Encolhi os ombros – Não posso culpa-los!

- Sim – ele concordou – Quando vai partir?

- Ainda não sei, mas terá notícias minhas...

- Beatrice – ele me reprovou.

- Fique tranquilo, não me colocarei em risco, apenas farei a minha parte. Prometo. Antes de ir, perguntei – Quem era aquele homem que chamou por você na mina?

Greg franziu o cenho, tentando lembrar-se:

- Está falando do homem com cara de poucos amigos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim.

- Eduard Carter – Greg deu um passo para mim, apreensivo – Fique longe dele, Beatrice. Ele é um homem perigoso! É o sócio do Duque de Montgomery, acompanha tudo de perto e não hesita em tirar de seu caminho quem quer que seja.

- Fico grata com sua preocupação, Gregory, mas não pretendo cruzar meu caminho com o dele – explicou – Apenas fiquei curiosa. É interessante, que o sócio de uma mina tão valorosa ande vestido com trapos.

- Ele não é um nobre, enriqueceu passando os outros para trás nas mesas de jogos e depois tirando a vida de muitos homens bons para ficar com o que era deles – Greg me confidenciou – A porcentagem de Carter é pouca, ele apenas é bem pago para fazer o trabalho sujo para os grandes – explicou - É ele que mantém tudo quieto por aqui,

PERIGOSAS ACHERON

Beatrice. Tome cuidado...

- Eu vou tomar – assegurei.

Entrei na carruagem e Thomas a colocou em movimento. Ainda olhei pela janela e vi Greg parado, olhando para o veículo que se distanciava, as mãos no bolso do macacão bege. Ele era uma boa pessoa, sempre seria. Entretanto, nenhuma retórica me faria ir embora. Ninguém conseguiria me fazer mudar de ideia, eu estava disposta a tudo para melhor a vida daquela gente. Algo me dizia que a minha vida e a dos moradores de Shetwood estava prestes a mudar.

- Ele não seria um bom marido para a senhorita – Lucy comentou de repente.

Eu olhei para ela, chocada:

- Foi por isso que agiu de forma tão reprovadora à mesa de jantar, falando sobre minha vida pessoal? – perguntei com rispidez.

Ela encolheu os ombros:

- Um aviso para os interesseiros...

Eu revirei os olhos, impaciente:

- Agradeço sua gentileza em querer me manter segura, Lucy, mas quero que saiba Gregory MacCallister é um amigo por quem tenho grande apreço, ele salvou minha vida uma vez, e se estou aqui falando com a senhora, é graças a ele – contei – O que mais me irrita nisso, não é que tente me proteger, mas que veja maldade em tudo que me cerca.

- Não existe amizade entre homem e mulher, senhorita – ela me reprovou – E ainda sim, é óbvio o modo carinhoso como ele a olha.

- É como um irmão – garanti.

Lucy balançou a cabeça:

- Ou a senhorita é tola demais, ou se faz de desentendida... É claro que ele a deseja como sua

PERIGOSAS ACHERON

esposa...

- Não! – eu fiz que não – Está exagerando!

E eu acredito em amizades entre homens e mulheres. Nem toda aproximação é com interesse para casamento, Lucy! Agora, porque temos carinho um pelo outro, eu e Greg temos que nos casar?

- E ainda o chama pelo apelido! – ela me reprovou.

Eu me irritei com aquela conversa:

- Aqui na plebe, não temos essas frescuras da alta sociedade – eu disse brava – Aqui nós nos tratamos por apelidos, e sem formalidades. É tudo muito normal!

- Espero que não acredite ser normal também ficar de segredinhos com tal rapaz. Pode pensar que ninguém está vendo neste fim de mundo, mas pelo que notei da língua afiada da mãe

dele, logo a fofoca que está de gracinhas com este rapaz chegará à Londres! – ela me precaveu.

Eu vi que nada a faria mudar de ideia. Era o jeito dela de pensar e eu deveria respeitar, mas não me afastaria de Greg por causa disso. Estar perto dele me fazia bem, ele era uma boa pessoa e nossa conexão era forte, como se ele fosse meu irmão. Lucy estava enganada, não havia maior interesse entre nós.

- Espero que saiba o que está fazendo, senhorita, e não envergonhe seus pais!

- Eu não o farei – garanti.

- Que bom – ela me olhou um segundo e depois desviou seu olhar severo para a estrada escura.

Respirei fundo. Era por isso que eu jamais me sentiria parte dos aristocratas ingleses. Meu modo de ver a vida era mais simples, mais humano.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não havia regras tolas que pudessem separar amigos de verdade.

Quando cheguei à Casa da Colina fiquei sentada no banco velho na frente da casa com Bob aos meus pés, pensativa. Recordei-me de quando era criança e trabalhava nas minas. A única pessoa que viu algum potencial em mim diferente daquilo foi Phedra. Ela era tutora das meninas da região e decidiu me ensinar alguns idiomas e matérias básicas de ensino, e graças ao estudo eu pude desenvolver meu talento com outras línguas. Sorri e acariciei o pelo macio de Bob. Phedra nunca desistiu de mim. Nem quando lhe disseram que eu poderia estar morta sob a neve naquele desastre da mina, ela abdicou de me procurar.

Eu era uma pessoa muito afortunada.

Eu também não podia abandonar aqueles que eram iguais a mim. Talvez, o que faltasse para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eles era uma oportunidade. Uma luz se abriu em minha mente e eu sorri. Bob levantou o focinho e latiu. Ri para ele:

- Sim, Bob, nós vamos ficar em Shetwood. Eu sei o que vou fazer... – eu me levantei empolgada – Vamos, Bob, vamos escrever para os meus pais, temos que avisá-los que não voltaremos tão cedo para casa.

Eu entrei e Bob me seguiu.

PERIGOSAS ACHERON

4

O céu estava nublado, mas havia parado de chover no fim da tarde, entretanto a temperatura não caiu nenhum pouco, eu tinha a impressão que estava no próprio inferno, tão forte o calor.

Deitada em minha cama e comecei a ler:

“Querida Beatrice,

É com espanto que recebi sua carta. Tem certeza que é isto mesmo que quer? Passar a sua vida dando aulas para crianças que trabalham nas minas de carvão? Entendi seu ponto de vista e respeito-o imensamente. Por isso a amo, minha

PERIGOSAS ACHERON

querida filha. Entretanto, preocupo-me com sua estadia em Shetwood. Pelo que me disse, as coisas mudaram drasticamente e se já não eram boas há dez anos, agora, pioraram. Eu e seu pai conversamos muito e tive sérios problemas para convencer Vincent que a vida é sua, e pode fazer dela o que bem desejar.

Quem ficou bastante decepcionado foi Marcel de Arnou, mas tenho certeza que com a temporada, ele vai se entreter com novas pretendentes. Seu pai ficou desolado, fazia votos que vocês se casassem, mas expliquei a ele que nós mulheres de Shetwood nos casamos apenas por amor. Vai levar algum tempo até ele se acostumar com ideia, e prometeu que vai escrever ou lhe faremos uma visita em breve. Ainda mais, porque sei que esta sua decisão não é definitiva, foi apenas um ato desesperado de uma jovem que se viu diante de um eminente e indesejado casamento.

Eu a conheço muito, Beatrice.

Com sua carta, também recebi a carta de Lucy. Sei que ela é exagerada, pudica demais e até rancorosa diante dos bons costumes. Falou-me sobre sua preocupação e o jovem Gregory MacCallister. Como você o citou em sua carta, mas sem grande ênfase, acredito na amizade fraternal de vocês, mesmo assim tome cuidado. Até mesmo as pessoas que amamos podem nos decepcionar e você ficou muito tempo distante, não sabe quase nada da vida dele nos últimos anos. Tome cuidado com sua reputação, Beatrice. Sua honra é a única coisa que você tem de valor nesta vida e ninguém pode tirar, se você não permitir.

O que mais eu posso lhe dizer? Londres fica entediante sem você. Estou fragilizada com sua partida, mas feliz por encontrar um caminho, um começo para sua vida. Espero que nunca se

PERIGOSAS NACIONAIS

esqueça de meus conselhos, das tardes que passamos conversando e eu lhe expliquei acerca da vida e principalmente: sobre sua própria felicidade. Saiba que se, em algum dado momento, não se sentir mais à vontade na Casa da Colina, estaremos aqui sempre, seu quarto, suas coisas, seus irmãos e sua família que te amam acima de tudo. Por isso, nós respeitamos sua decisão. Espero que saiba fazer jus à educação que lhe demos e o amor que compartilhamos. Desejo que me escreva toda semana, sempre contando novidades. Você está fora de casa há semanas e para mim são anos.

Amo-te muito.

Para sempre, mamãe.

Lady Phedra Turner.

Condessa de Waterford.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu terminei de ler a carta e enxuguei as lágrimas. Eu sabia que ela me apoiaria em minha decisão de ficar e ajudar àquelas pessoas. Nossas almas pertenciam ao mesmo lugar, éramos simples e vivíamos o que desejávamos e nos fazia bem. Ela jamais me obrigaria a ser um deles, enquanto eu não quisesse ser. Guardei a carta debaixo de meu travesseiro, mas não deixei de ficar um pouco irritada com Lucy e sua mania de se intrometer em minha vida desde que chegamos à Shetwood. Eu compreendia que ela apenas queria meu bem, mas ao escrever para minha mãe, eu me sentia traída, era como se a velha senhora estivesse tentando me prejudicar, ao invés de me ajudar.

Levantei-me e saí do quarto, logo as crianças chegariam.

Eles vinham em grupos e eu lhes dava aulas no estábulo. Thomas havia improvisado um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

espaço e eu usei uma velha mesa para servir de apoio. Também comprei tudo que precisavam e um quadro para escrever e lhes ensinar as letras. E eles gostavam, porque além das aulas, Lucy lhes preparava uma refeição deliciosa.

O primeiro convite foi o mais difícil. Eu fui até aquele garotinho sem o braço, seu nome era George, e perguntei se ele gostaria de aprender a ler e a escrever. Conversei com os pais dele, que por considera-lo um inválido, era como se estivessem se livrando de um peso. No primeiro dia, havia apenas George, mas quando ele chegou no acampamento e contou que além de aprender, eu lhe dava um belo jantar, três crianças vieram com ele. E passado duas semanas, eu tinha vinte crianças para alimentar e ensinar todas as noites. Não era nem um terço de todo o acampamento, mas já era um bom começo.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei surpresa quando saí de casa e vi Gregory parado junto ao portão. Usava seu macacão bege e tirou a boina, ajeitando os cabelos escuros e sorrindo para mim. Bob latiu para ele e eu fui até o portão saudá-lo.

- Não me diga que veio aprender também – eu abri o portão e fiquei parada diante dele – Ou veio para jantar?

Ele me deu seu melhor sorriso.

- Nem por um e nem por outro – assegurou – Vim trazer meus irmãos para aprenderem a ler.

Ele apontou para as cinco crianças entre doze e sete anos brincando dentro do gramado. Eu nem os havia notado.

- Que bom!

- Não estão felizes com isso, Beatrice – ele me advertiu.

- Está falando do senhor Carter? – eu quis

PERIGOSAS NACIONAIS

saber.

- Exatamente. Disse que se as crianças faltarem no trabalho ou ficarem preguiçosas, ele tira o trabalho dos pais também – contou-me – Manda todo mundo embora do acampamento.

Eu já esperava por aquilo. O homem não interviu em meu trabalho, mas também não se mostrou solidário para com ele.

- Ele disse que aprendizado é para os nobres, e que nós somos pobres e burros de carga, não precisamos disso.

- Nós não somos burros de carga, Greg! – eu disse ofendida – Não ligue para o que esse ignorante diz. Eu vou continuar fazendo meu trabalho, não estou prejudicando ninguém e nem tirando as crianças da mina, apenas lhes dando quem sabe, uma melhor oportunidade no futuro.

Os olhos dele brilharam admirados:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu me orgulho desta sua determinação, Beatrice – disse com carinho.

- Obrigada – eu fiquei feliz com a sinceridade dele.

- Poucas pessoas fazem algo sem pedir nada em troca.

- Eu não me importo de fazer o bem, Greg – eu disse sem graça e resolvi mudar de assunto. Elogios me deixavam sempre tímida – Não quer entrar? Pelo menos pode jantar conosco...

- Não vou atrapalhar? – ele quis saber.

- Você nunca atrapalha – eu assegurei.

Dei passagem para ele e Greg entrou. Bob foi cheirá-lo e Greg acariciou sua cabeça, deixando o animal mais à vontade com sua presença. Avisei a Lucy que teríamos mais seis bocas para comer, e ela mostrou-se solícita, até ver Gregory.

- Boa noite, senhora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Boa noite – ela respondeu com falsa educação e olhou para mim – Vou servir as crianças no estábulo.

E saiu a nossa frente. Greg me olhou com bom humor:

- Ela não gosta de mim, não é?

- Não é isso – eu tentei remediar a situação – Ela tem medo que você manche minha reputação.

- E por que eu faria isso? – ele perguntou franzindo o cenho novamente.

- Ela tem receio que nossa amizade caia na boca do povo e eu fique mal falada – expliquei.

Ele fez que não:

- Eu jamais faria algo para ofendê-la, Beatrice – ele assegurou.

Eu sabia disso, por isso, confiava nele.

- Eu sei, não me importo com a opinião

PERIGOSAS ACHERON

dela ou dos demais.

Começamos a caminhar lado a lado, em direção ao estábulo. As crianças corriam para lá também.

- Já foi falar com a senhora Burgh? – ele quis saber.

- Não, por que?

Ele encolheu os ombros:

- É disso que as pessoas têm falado. De seu retorno e da senhora Burgh.

- E o que tem uma coisa haver com a outra, Greg?

- Ela tem má reputação, Beatrice. E as pessoas esperam o mesmo de você... Talvez a preocupação da senhora Lucy não seja assim, em vão...

Aquilo era um absurdo, mas minha mãe

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre me precaveu da língua afiada daquela gente. Por mais que tentasse ser uma boa pessoa, eles sempre falariam. Era inevitável.

- Eu não me importo – assegurei novamente.

Chegamos ao estábulo e nos reunimos as crianças para jantar. Depois eles limparam a mesa e nos reunimos para dar a aula. Nenhum deles tivera contato com um livro antes e estavam fascinados com tudo o que eu dizia. Antes de partirem, eu lhes contava uma história e seus olhos brilhavam enlevados. Até mesmo Greg estava encantado com tudo aquilo.

Ele pediu que os irmãos esperassem fora do estábulo e se aproximou de mim:

- Eu preciso de sua ajuda – ele pediu.

- Minha ajuda?

Ele assentiu e ficou sem graça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Pode dizer, Greg. Sabe que pode contar comigo, sempre.

Eu pensei que ele me pediria dinheiro ou qualquer outra coisa, mas o que veio a seguir me deixou boquiaberta.

- Pode escrever uma carta de amor para mim?

- O que?

Ele ficou vermelho, totalmente desconcertado.

- Eu sei que é um pedido estranho – ele tentava se explicar – Mas eu preciso que me ajude a escrever, eu não sou bom com palavras e eu gostaria de enviar uma carta à Matilda Singer.

Eu ri de repente.

- Desculpe-me, eu sei que é ridículo – e começou a sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não, Greg! – eu me controlei – Não estou rindo de você – eu fui até ele – Apenas havia entendido mal, pensei que queria que eu escrevesse a carta *para você*, entende? – expliquei e ele compreendeu o mal-entendido – Mas, eu o ajudarei nisso.

- Mesmo?

- Sim, claro que sim.

Era um pedido tão simples.

- Se quiser também posso lhe ajudar a aprender a escrever... – propus.

- Não – ele fez que não – Melhor não. Carter não ia gostar e poderia me tirar o emprego – argumentou.

- Este homem não pode comandar sua vida, Greg!

- É o meu trabalho, Beatrice! E se ele pensar que estou apoiado você, vai me tirar da PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chefia e o dinheiro vai diminuir. E como vou poder cortejar Matilda? – perguntou angustiado - E o pior seria perder o emprego de uma vez, eu não sei fazer mais nada!

Ela não ia obriga-lo a pensar de outra forma.

- Tudo bem – concordou – Venha amanhã um pouco mais cedo e eu o ajudarei com sua carta de amor.

- Obrigado, Beatrice.

- É o mínimo que posso fazer depois de tudo o que fez por mim – ela tocou seu ombro com carinho.

Greg concordou e se foi.

Terminei de juntar as coisas e depois fechei o estábulo. Podia jurar que enquanto caminhava até a casa, vi um vulto além dos pinheiros que ficavam do outro lado. Bob correu para a cerca e começou a

PERIGOSAS ACHERON

latir. Aproximei da cerca e fiquei olhando, mas estava escuro demais e se fosse alguém, teria se escondido.

- Vamos, Bob...

Eu peguei Bob pela coleira e o levei para dentro de casa. Olhei para trás antes de fechar a porta. Tive a sensação que alguém me observava.

5

Eu precisava de mais bancos e uma mesa maior para abrigar as crianças. As semanas avançaram e o número de alunos foi aumentando. Agora eram no total cinquenta. Lucy não reclamava de cozinhar para elas, mas toda vez que Gregory aparecia com os irmãos, eu tinha a sensação que ela colocaria veneno no tempero dele se pudesse.

Fui com Thomas à cidade para comprar a madeira para fazer os novos móveis, e por acaso esbarrei com a senhora Burgh. Eu me lembraria de Taylor por toda uma vida. Ela não havia envelhecido muito, continuava jovem, bonita e

arrogante. Era morena como minha mãe, entretanto, mais baixa e um jeito de olhar com desdém.

Quando ela entrou na loja e me viu, olhou-me com desprezo, com certeza não me reconheceria, afinal, a última vez que nos vimos, eu tinha apenas dez anos.

- Precisa de mais alguma coisa, Lady Turner? – o senhor Donald quis saber.

- Por enquanto é o suficiente – eu lhe sorri – Thomas virá buscar tudo amanhã, está bem?

- Claro, senhorita.

Eu me virei para sair e me deparei com ela bem à minha frente:

- Ora... Ora... Quando me disseram que havia retornado à Casa da Colina pensei que fosse mentira – ela olhou para as minhas roupas com desdém – Não vai dizer um olá para sua tia?

Havia falsidade em sua voz e eu sempre
PERIGOSAS ACHERON

odiei pessoas falsas.

- Senhora Burgh – eu fiz reverência com falsa educação – Como vai?

Ela não esperava por minha cordialidade. Voltei-me para o senhor Donald.

- Esqueci-me, senhor. Eu vou precisar do serviço de um carpinteiro. Caso conheça algum, pode pedir que ele vá até a Casa da Colina para falar comigo?

- Sim, senhorita.

Então, me voltei para Taylor:

- Foi um prazer revê-la.

Passei por ela e fui direto para minha carruagem que me aguardava na porta junto de Thomas. Taylor não me irritava pelas diferenças que tinha com minha mãe, mas por ser tão mesquinha a ponto de não admitir seus erros do passado e tornar-se uma pessoa ao menos humilde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas minha consciência não deixou de me sussurrar que talvez ela agisse desta forma para se defender das más línguas de Shetwood. Não deveria ser fácil enfrentar toda aquela gente, sabendo que a culpavam pela morte da falecida senhora Burgh por causa do caso extraconjugal que Taylor manteve com o senhor Burgh antes de tornar-se esposa dele. Na verdade, isso não era problema meu e tratei de afastá-la dos meus pensamentos.

Escrevi para mamãe, naquela tarde, contando a quantidade de alunos que possuía, sabia que ela ficaria feliz por mim. Nunca imaginei que seriam tantos. Mas a maioria não vinha por causa dos estudos e sim pela comida e isso de alguma forma me incomodava. Porque eu sabia que eles continuavam passando por necessidades naquele acampamento. Preferi não citar na carta meu encontro com Taylor, não era o tipo de assunto que se tratava por cartas.

PERIGOSAS ACHERON

- Parece distraída – Greg comentou comigo aquela noite depois da aula.

- Não é nada! – eu tranquilizei, não podia dizer a ele que minha mente teimava em encontrar mais uma forma de ajudar toda aquela gente – Trouxe a carta de Matilde?

Ele assentiu e nos sentamos à mesa.

- Quer que eu leia?

- Sim...

Eu paguei o papel amarelado e li. Estava encantada com a forma bonita e sincera que Matilde e Gregory estavam apaixonados. Ele esperava até o próximo natal para pedi-la em casamento. Nos fundos da casa de seu pai, estava construído mais dois cômodos para que pudessem morar, até que ele tivesse economias suficientes para comprar uma casa para eles. Até pensei em oferecer-lhes a Casa da Colina depois de minha

partida, minha mãe não faria qualquer objeção, mas eu sabia que Greg era orgulhoso demais para aceitar. Ele se ofenderia.

As horas passaram e quando me dei conta já era muito tarde. Greg guardou a carta que escrevi para ele e saiu apressado. Pediu milhões de desculpas, e eu garanti que de minha parte não havia problemas. Fiquei olhando-o desaparecer colina à baixo e novamente Bob latia contra a cerca. Puxei meu cachorro pela coleira novamente, mas ele insistia em não sair. Ouvi um ramo se quebrar em meio à escuridão e senti um frio na barriga.

- Quem está aí? – gritei.

Thomas abriu a porta da casa e saiu com um rifle na mão. Olhei para ele assustada, a luz das velas de dentro de casa, iluminando-o. Escutei passos se afastando e soube que havia alguém ali

PERIGOSAS NACIONAIS

sim e estava me observando. Mas não senti medo, se quisessem meu mal, já teriam colocado em prática. Fiquei apenas curiosa.

- Não acha que seria melhor mudarmos para o vilarejo? – Thomas me perguntou depois de descarregar todos os materiais que eu havia comprado na cidade.

Eu olhei para as placas de madeira empilhadas e depois para ele:

- Não aceitariam os filhos dos trabalhadores lá – comentei.

- Está ficando perigoso, senhorita – ele me seguiu pelo estábulo – Ontem havia alguém entre os pinheiros e não é a primeira vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu o encarei. Sabia que ele tinha razão.

- Pode ser um animal atraído pela luz ou comida...

- Ou alguém que não goste da senhorita.

Eu fiz que não:

- E quem seria? – perguntei com um sorriso de tranquilidade – Não tenho inimigos, Thomas.

- Aquela gente da mina não gosta que dê aulas para os filhos deles – comentou.

- Como sabe disso?

- O senhor MacCallister comentou comigo outro dia, senhorita. Eles apenas a deixam em paz por causa de sua posição social, por ser filha de um Conde. Isso a mantém protegida. Caso não fosse isso, já a teriam banido daqui.

- Estou apenas ajudando, Thomas. E enquanto não me pedirem para sair, eu vou ficar... –

PERIGOSAS ACHERON

disse determinada.

Ouvi Bob latir. Aproximei da porta do estábulo e vi um homem parado junto a cerca.

- Quem deve ser? – Thomas quis saber.

- Com certeza é o carpinteiro enviado pelo senhor Donald para nos ajudar – eu falei me afastando dele e daquela conversa.

Eu limpei as mãos no avental branco que cobria meu vestido simples. O homem parado junto à cerca estava muito bem vestido para um carpinteiro, mas eu achei ridículo minhas conclusões. Talvez, por saber de quem eu era filha, ele resolveu se aprumar. Ou não, quem sabe fosse uma pessoa querendo apenas se vestir bem. Olhando aquele homem alto, de cabelos platinados que se bagunçavam com o vento e ele tentando ajeitá-los com a mão, eu me perguntei de onde o conhecia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele estava sério vendo que eu me aproximava.

- Bob! Cale-se! – eu ordenei ao cachorro e olhei para ele e seu olhar inescrutável, mas lindo e límpido como o céu azul daquele verão – Em que posso ajudá-lo?

- Eu gostaria de falar com a senhorita Turner – ele observou com frieza.

Era o carpinteiro.

- Eu sou a senhorita Turner – me identifiquei e o cachorro continuou latindo. Ele franziu o cenho e me olhou atentamente desacreditado. Eu sei que esperavam que a filha de um conde se vestisse com mais aprumo, mas ali na Casa da Colina, não havia necessidade disso – Pare Bob! – eu falei brava e meu cachorro parou de latir e se sentou, então olhei para o desconhecido – E o senhor é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Robert Stanford – ele se apresentou esperando que eu reconhecesse seu nome.

- Senhor Stanford. Eu o aguardava! – Abri o portão para que ele entrasse – Pode deixar seu cavalo pastando. O celeiro fica logo ali – aponte para o prédio.

Ele me olhou estranhamente por um instante, depois para o estábulo e seu olhar voltou para mim.

- Algum problema? – eu perguntei diante de sua indecisão.

- Não – ele negou com a cabeça, fez o que pedi e me seguiu até o estábulo.

- Este é Thomas, ele trabalha aqui na casa – apresentei – Thomas, este é o senhor Stanford.

Os dois se cumprimentaram.

- O senhor Stanford veio ajudar com os móveis – eu expliquei e Thomas sorriu satisfeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Vai ser bom ter alguém para ajudar... – ele observou.

Eu sorri agradada e olhei para o senhor Stanford:

- Recebo crianças aqui todas as noites – eu comecei a falar mostrando o lugar para ele. – Preciso de mais cadeiras e uma mesa maior para abriga-los.

- A senhora dá aulas? – ele perguntou um tanto surpreso.

- Sim – eu respondi – O senhor Donald não lhe disse?

- Não! – ele fez que não.

- Pensei que tivesse dito – eu estranhei – Mas não há problema, o senhor acha que pode fazer?

- O que? – ele perguntou como se não tivéssemos dito nada até agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- A mesa? – perguntei o óbvio.

- Ah, claro – ele andou pelo recinto e olhou para mim – Quantas crianças tem aqui?

Eu pensei por um instante.

- Cinquenta crianças... – respondi orgulhosa.

- Cinquenta? – perguntou indignado – A senhora tirou cinquenta crianças das minas?

- Bem, eu não as tirei das minas, infelizmente. – Fiz uma careta - Aqui, elas vêm todas as noites e jantam e lhes ensino o que queiram aprender... – expliquei.

- Por que faz isso, senhorita? – ele quis saber.

- O que eu faço? – eu não compreendi a pergunta.

- Por que dá aulas para estas crianças?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ah, claro – eu lhe sorri – É porque eu não podia deixar que fossem exploradas e perderam sua infância nas minas de carvão. – expliquei complacente - Quero que tenham a chance de aprender algo e quem sabe no futuro tenham um emprego digno e sem opressão.

- Exploradas? – ele deu um passo para mim e colocou as mãos para trás do próprio corpo – Elas ganham para isso, não são oprimidas! As famílias podem ir e vir quando quiser, se ficam é porque precisam!

Eu fiquei aturdida com aquele comentário.

- O senhor já esteve naquele acampamento? Viu as condições em que vivem? É desumano!

- E qual seu real interesse nisso? – ele perguntou ríspido – O que ganha realmente com esta história?

Eu levei a mão ao peito e o encarei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ofendida:

- E que negócio eu poderia ter, senhor? Que não fosse apenas ajudá-los?

Robert parou diante de mim e segurou meu braço. Fiquei estática, nunca um homem ousara me tocar, jamais alguém atreveu me afrontar daquele modo. Sua mão queimava em minha pele.

- Para quem trabalha? – perguntou furioso, seus olhos azuis ficaram escuros.

- Solte-me! – gritei.

Bob correu e avançou em Robert, mordendo sua perna e fazendo-o cair no chão.

- Bob! – Eu gritei e puxei o cachorro pela coleira – Menino feio!

Bob o soltou e eu o afastei.

- Segure-o Thomas – eu pedi ao meu empregado sabendo que Bob avançaria naquele

PERIGOSAS ACHERON

homem louco outra vez.

Eu me abaixei para olhar o ferimento. Por sorte, Bob havia pegado o couro da bota do carpinteiro, machucando levemente a pele.

- Não machucou muito, precisamos lavar com água e sabão... – disse e no instante seguinte levantei e me aproximei uma das baías e trouxe comigo um balde.

- O que é isso? – Robert perguntou desconfiado.

Eu me ajoelhei ao lado dele novamente:

- Água e sabão – eu peguei o pano e torci – Tire sua bota, por favor, senhor.

- Isto é mesmo necessário?

- Caso não limparmos pode infeccionar e o senhor vir a óbito, o que prefere?

Ele resmungou e com rispidez tirou a

própria bota.

- Cachorro dos infernos! – ele reclamou.

- Ninguém mandou o senhor me agredir! – eu defendi meu cão.

- Eu não a agredi! – ele se defendeu.

- E o que é segurar de forma agitada o braço de uma senhorita desconhecida? – perguntei com firmeza e educação e ele não teve resposta para argumentar – O cachorro fez bem, estava apenas me defendendo. Com licença.

Passei o pano sobre a ferida, várias vezes, antes de pegar meu lenço e colocar em volta da parte machucada.

- Pode vestir a bota, o senhor vai ficar bom. Talvez, seria interessante colocar alho no local para que não infeccione – afirmou.

- Alho?

- Sim – eu me levantei e levei o balde para a baia novamente. – É o que fazíamos quando eu era criança e sempre deu certo.

Ele vestiu a bota e ficou de pé, limpando a roupa suja de poeira.

- Agora pode me dizer quem é o senhor? – eu perguntei me voltando para ele e cruzando os braços – Por que tenho certeza que carpinteiro o senhor não é. – fiquei aguardando a resposta.

Tive a impressão que ele segurou para não rir. Ajeitou a roupa e me encarou com certa vantagem:

- E que diferença isso faz? – ele quis saber.

- Caso não seja o carpinteiro, o senhor não é bem-vindo aqui! – eu lhe dei as costas e saí do celeiro.

Ele mancou ao me seguir:

- Para quem a senhorita trabalha? – ele

PERIGOSAS NACIONAIS

perguntou.

- Para ninguém – eu me voltei para ele e quase nos trombamos. Olhei-o de cima a baixo e pela primeira vez notei que era bem mais alto que os homens que eu conhecia – Quem é o senhor?

- Robert Stanford – repetiu seu nome.

- Isso o senhor já disse. Eu quero saber o que faz para vir aqui me afrontar desta maneira? Quem o mandou? O Senhor Carter?

- Não, eu vim porque quis...

- E?

- Esta história de dar aulas as crianças é um total despautério! – ele argumentou.

- Eu não ligo para a sua opinião! – eu me virei novamente e comecei a andar apressada em direção a casa – Pode voltar de onde veio, eu não vou deixar de dar aulas a estas crianças!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não pode interferir dessa forma na vida destas pessoas! – ele tentou argumentar comigo.

- Nada que disser vai me fazer mudar de ideia, senhor Stanford – eu disse por cima do ombro sem parar de andar.

- Senhorita Turner! – ele me chamou, mas eu o ignorei – A senhorita tem que me ouvir!

Eu abri a porta e olhei para ele:

- Saia da minha propriedade ou mandarei Thomas colocá-lo para fora sob a mira de uma espingarda! – ameacei antes de entrar e batê-la com força, bem na cara dele.

Esperei alguns segundos e depois corri para a janela. O homem já havia montado em seu cavalo e se afastava da propriedade, em direção às minas. Com certeza ia dar a notícia para o senhor Carter que não havia conseguido me assustar. Será que era ele que andava rondando minha casa?

PERIGOSAS ACHERON

Provavelmente. Respirei fundo, e comprimi os lábios nervosa. Algo me dizia que Carter não desistiria tão fácil de me fazer mudar ideia, e que não seria a última vez que eu me encontraria com esse tal de Senhor Stanford.

6

Eu estranhei quando as crianças não apareceram para o estudo aquela tarde. Senti o coração gelar quando não vi sinal delas ou de Gregory e seus irmãos. Carter devia tê-los proibido, era a única explicação depois da visita do senhor Stanford aquela tarde. Será que eu deveria ter tratado o tal homem com mais cordialidade? Claro que não, ele se fez passar pelo carpinteiro e me deixou falar como uma idiota para no fim me agredir com palavras torpes. Eu não tinha que justificar nada, estava certa em colocá-lo para fora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei triste, mas não iria chorar, nem mesmo quando anoiteceu e nenhum sinal deles. Sabia que a luta contra aquela situação não seria fácil, que eles não me deixariam vencer, mas eu não estava disposta a perder. Um sentimento de frustração me invadiu enquanto caminhava para casa. Não queria ver aquele homem arrogante novamente. Maldito homem ganancioso!

Entrei cozinhando na frente do pequeno fogão.

- Eles não vieram – Beatrice reclamou.

- Acha que aquele homem os convenceu a não vir?

- Sim – eu a abracei e beijei seus cabelos grisalhos – Vai ser pior que eu esperava, Lucy. Pensei que não se importariam com simples aulas, mas estes homens querem tirar tudo desta gente, até o pouco de dignidade que qualquer um lhes

PERIGOSAS ACHERON

ofereça.

- O que vai fazer? Voltar para casa? -
perguntou esperançosa.

Eu me sentei na cadeira e apoiei as mãos na mesa. Sabia que as crianças não viriam mais, entretanto, não queria dar-se por vencida. Voltar para Londres? Sem ao menos ensinar alguém ou dar-lhes uma vida melhor? Eu preferia a morte a rebaixar-me daquela forma.

- Vou falar com ele, esse tal de senhor Carter – eu disse determinada – Tenho que fazê-lo entender o mal que faz a estas crianças, Lucy.

- Ele ganha dinheiro com isso, senhorita. Nossa sociedade permite, não vê mal algum no trabalho infantil...

- Mas eu não posso aceitar – disse angustiada, esfregando as mãos – Não depois das experiências que vivi...

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucy se aproximou e segurou minhas mãos.

- Sabe que não pode contra esta gente – ela avisou – Seu pai deixou claro, que a deixaria ficar desde que não corresse nenhum risco com suas atitudes.

Eu sabia que meu pai me amava o suficiente para me proteger, por isso me deixou ficar em Shetwood. Não podia decepcioná-lo a ponto de comprometer minha vida e honra naquele lugar. Entretanto, eu não fazia nada demais. E não podia ir embora sem ajudar aquela gente.

- Eu vou falar com o senhor Carter, Lucy. Tentar fazê-lo ver a luz da razão – eu prometi – Apenas isso.

- Não sei o que ganha com isso...

- Paz de espírito. – Respondi revoltada - Já estive lá? Eu vivi aquilo, Lucy e tive uma chance. Muitos deles nunca terão! Jamais!

PERIGOSAS ACHERON

Lucy me olhou com carinho e sua expressão anuviou.

- Eu irei com a senhorita!

- A senhora não sabe cavalgar e o lugar é inacessível com a carruagem – expliquei – Eu irei sozinha, amanhã.

- Senhorita... – ela me reprovou.

- Está decidido – eu me levantei e falei determinada – O que eles podem fazer comigo? Matar-me? A filha de um conde? – eu fiz que não – O máximo que aquele homem vai fazer é rir de mim...

- Está subestimando a falta de caráter de muitos homens, senhorita – ela me advertiu enquanto eu caminhava para a porta e saía para a noite escura sem lhe dar muita atenção.

Porque se eu escutasse as palavras de Lucy, teria que partir dali naquele instante sem olhar para

PERIGOSAS NACIONAIS

trás. Novamente, Bob estava latindo perto da cerca, de frente para os pinheiros. Alguém me vigiava e era certeza. Uni toda coragem que possuía e fui até Bob, alisando seu pelo para tentar acalmá-lo.

- Quem está aí? – eu gritei – É melhor sair ou vou mandar meu empregado atirar!

Pobre, Thomas, estava no celeiro e não poderia me ouvir mesmo que eu gritasse.

Ouvi pisadas nas folhas secas e gravetos. Meu coração congelou ante a ideia que poderia ser um forasteiro ou até um dos homens enviados por Carter ou o próprio sócio das minas, armado para atirar em mim. Bob latia mais e senti minhas mãos suarem frio. Então, a figura raquítica de George surgiu na fraca luz da lua.

- George? – eu perguntei surpresa e aliviada ao mesmo tempo – O que faz aí?

Ele encolheu os ombros frágeis, escondidos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sob o farrapo de roupa.

- Estou escondido, senhorita.

Eu me compadeci dele, sem mesmo saber sua história. Aproximei da cerca e o chamei. Sem esforço algum, o ajudei a pular para dentro. Abaixei para perguntar:

- E o que faz escondido aí? – perguntei com piedade.

- Não sou mais bem-vindo no acampamento – ele me contou.

- O que? – eu não podia acreditar no que ouvi – Como assim?

Ele encolheu os ombros novamente e espremeu os olhos pequenos e escuros:

- Desde que me convidou para aprender a ler, meus pais me expulsaram, disseram que se eu viesse, não precisava mais voltar, já que sempre fui em peso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu fiquei chocada com aquilo.

- Eles não fariam isso!

- Fizeram – ele me garantiu.

- E onde tem ficado todas essas noites nas últimas semanas?

- Tenho dormido na floresta de pinheiros...

- Então era você todas as noites! – eu concluí com imenso pesar – Por que não me disse nada?

- Não fui ensinado a contar os problemas, senhorita – ele confidenciou.

Como eu não notei? Meu coração se espremeu no peito ao imaginá-lo todas aquelas noites e dias no meio daquela floresta sozinho, passando frio e fome. Como os pais dele podiam ser tão cruéis?

- E por que não veio hoje para a aula?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Como não vi ninguém, pensei que não teria nada...

- Venha, você deve estar morto de fome – eu disse segurando sua única mão – E vamos ter que tomar um banho, George, você está com piolho e seu cheiro não é dos melhores – eu constatei olhando seu cabelo duro e cheio de bichinhos andando por ele.

- Comer é bom, senhorita, mas eu não gosto de banho. – Ele falou.

- Quase ninguém gosta – eu garanti enquanto caminhávamos – Mas é necessário e para ficar aqui, você vai ter que tomar um bom banho.

- Vai me deixar ficar aqui? – ele se surpreendeu.

- Não posso deixa-lo a mercê do nada – eu expliquei – Ficaré comigo até eu ver o que faço com você...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Obrigado, senhorita – ele agradeceu.

Eu apenas sorri e entramos no celeiro. Thomas nos olhou, sorriu e continuou seu trabalho com uma cadeira que começava a fazer. Servi George e me aproximei de Thomas.

- Ele vai ter que ficar com a gente – contei.

Thomas olhou para o menino e depois para mim:

- O que houve?

- O expulsaram do acampamento e há noites ele dormia na floresta de pinheiros – expliquei – Não posso deixa-lo lá, Thomas, é terrível.

Ele assentiu e compreendeu:

- Faz bem, senhorita. Faz bem – ele concordou.

- Amanhã vamos à cidade comprar roupas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ele – avisei.

- Está bem – Thomas concordou.

Eu voltei para perto de George:

- Hoje você dorme aqui no estábulo – eu contei – Mas amanhã, eu lhe darei um banho e poderá ficar na casa comigo.

- Está bem – ele concordou terminando o prato de sopa.

- Quer mais? – eu quis saber.

- Eu posso comer mais?

Ele me olhou com tanta inocência que tive vontade de chorar. Recordei de quando Phedra me dava aulas e eu não via a hora de chegar e comer do jantar que ela fazia para mim, ansiosa sempre por mais, já que era a única refeição que eu fazia depois de um dia longo de trabalho.

- Claro que pode – eu peguei o prato e

PERIGOSAS ACHERON

coloquei mais sopa – Mas não exagere, para não ter uma indigestão.

- *Indi...* O que?

- Dor de estômago – expliquei.

- Ah... Eu quase nunca tenho dores, senhorita – ele me confortou.

- É e por que? – perguntei e sentei-me ao lado dele.

- Depois que se perde um braço, não existe mais dor que possa ser pior – ele me disse com bom humor – A gente se esquece do resto.

Ao ouvir aquela frase, eu tive certeza que minha vida jamais seria a mesma depois de conhecer George.

Na manhã seguinte, Thomas foi a cidade e providenciou as roupas para o menino. Enquanto isso, eu e Lucy nos unimos para dar-lhe um bom banho. Primeiro ele se fez de rogado, implorou por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

misericórdia, mas depois tivemos que correr atrás dele e cerca-lo. Ele esperneava e gritava como se estivéssemos levando-o para um sacrifício. Eu ria, tentando acalmá-lo e sem conseguir tirar-lhe as roupas velhas, o enfiámos dentro do barril com elas. Assim que sentiu a temperatura morna da água, ele parou de gritar. Lucy olhou para mim e riu, aquela fora uma missão que nos fez ficar ofegantes.

- Agora tire esta roupa – eu pedi – Não pode tomar banho com elas.

Ele tirou as peças e me deu. Entreguei a Lucy e ela as queimou para evitar que qualquer peste passasse para nós. O cabelo dele estava duro e acabei tendo que cortá-lo para tirar todos os nós que possuía. Quando Thomas chegou, nós acabávamos de enxuga-lo e ele estava enrolado na toalha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Thomas colocou o pacote em cima da mesa e eu o abri.

- Agora você terá roupas novas, George, não poderá ficar se esgueirando pela floresta como estava acostumado a fazer, do contrário, vai estraga-las muito rápido.

Ele assentiu:

- E vou ficar aqui?

- Sim...

Peguei a camisa branca e a desabotoei. Ele estendeu o único braço para que eu a enfiasse nele. Então olhei para o toco do outro lado e preendi a respiração, foi inevitável não me chocar com aquela cicatriz enorme e feia.

- Dói? – eu perguntei.

- Não mais...

- Quando foi que aconteceu? – perguntei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

curiosa.

- Eu tinha uns sete anos – ele me contou –
A parede do túnel cedeu e meu braço ficou preso.
Para me salvar eles tiveram que me puxar pelas
pernas e acabou arrancando meu braço...

Escutei Lucy soluçar e sair do estábulo às
pressas. Eu contive as lágrimas para não o
constranger.

- Depois disso não servi mais para o
trabalho – ele prosseguiu com pesar – Acabei me
tornando um peso para minha família.

- Você não é um peso, George. Não para
mim – eu assegurei.

Terminei de colocar a camisa e a abotoei,
ele alisou o tecido, olhando como se fosse algo
encantado.

- É bonito – ele elogiou e olhou para mim –
Parece com as nuvens do céu.

PERIGOSAS ACHERON

A lágrima caiu sem que eu pudesse evitar. Era uma simples camisa, mas para um menino que nunca teve nada era um tesouro. Enxuguei meu rosto e terminei de vesti-lo com as calças pretas com suspensório, as botas e o lindo casaco marrom. Levantei e vi um lindo menino de cabelos castanhos que ria olhando para sua própria roupa.

- É bonito demais, senhorita.

- É seu. E terá mais roupas como esta. – Eu prometi – Aqui terá uma vida tranquila.

Ele me abraçou pela cintura e eu fiquei sem saber o que fazer, mas acabei abraçando-o também. Seu corpo frágil era tão bom de abraçar que senti que podia passar a vida toda ali, impregnada daquele intenso carinho sincero.

7

Aqueles momentos com George me fizeram ficar muito mais determinada em meu objetivo. Eu descii para as minas de carvão para poder falar com o senhor Carter. Por insistência de Lucy, Thomas me acompanhou. Desde minha partida de Shetwood, eu nunca mais havia me aproximado de uma mina de carvão e voltar ali, não me trouxe sentimentos bons, eu estava angustiada por ver tanta gente trabalhando, como escravos enfileirados, cabisbaixos, levando e trazendo pedras pesadas de dentro da montanha que se erguia gigantesca diante de mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

A última vez que estive ali, foi no dia do acidente. A diferença era que havia neve e o lugar não estava tão destruído como agora, com crateras e cavernas espalhadas por toda a montanha. Foi a última vez que vi meu pai antes dele morrer trabalhando. Engoli seco em todo o meu pavor e segui em frente. Desmontei do cavalo e deixei a rédea com Thomas e fui pelo resto do caminho sozinha, passando pelas pessoas, que me olhavam como se eu fosse um fantasma.

Entrei no escritório de madeira. Era ali que Carter contratava e fazia seus ridículos pagamentos para os empregados. Ele estava sentando na pequena mesa, que mal cobria a barriga imensa, e levantou os olhos quando entrei. Deu uma risada de deboche.

- Pensei que a uma hora destas a senhorita estaria no trem a caminho de Londres – ele falou

PERIGOSAS ACHERON

sem rodeios e sem educação.

Reparei que ele não tinha todos os dentes e se eu fosse um homem lhe daria um soco bem dado, para arrancar mais alguns.

- Por que as crianças não apareceram ontem? – perguntei parando diante da mesa.

Ele se ergueu. Era um monstro de um homem: grande, forte, robusto e mal-encarado. E ficava pior ainda com as roupas sujas, o chapéu velho e o cheiro podre. Mas eu não tinha medo dele.

- Estão proibidas – ele respondeu – Ou isso ou estão fora das minas...

- Não pode fazer isso! – eu contestei.

- E quem vai me impedir? – ele me desafiou.

Ainda bem que eu não sabia atirar e não carregava uma arma, pensei com raiva. Eu teria o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maior prazer em usá-la naquele momento e fazê-lo cair de joelhos.

- É a única chance que eles têm de uma vida melhor! – eu tentei argumentar – Não estou tirando-os do trabalho, só estou lhes dando mais!

- Isso tem atrapalhado o trabalho deles! – ele se projetou para mim e eu dei um passo para trás.

- Em que? – perguntei sem entender.

- Estão distraídos com conversas tolas! Passam a noite lendo, gastam velas, e não rendem o necessário como antes!

- Isso é mentira! – eu retruquei.

- Eles não precisam disso, senhorita!

- Seu ignorante! – eu perdi a cabeça – Só pensa no dinheiro e nas vantagens que tira em cima dessa gente!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não ouse me ofender, sua... – ele disse vindo para cima de mim erguendo o chicote no ar.

- Carter! – a voz masculina soou pelo ambiente e ele parou onde estava.

Meu coração bateu apressado. Olhei para o lado e vi o senhor Stanford parado. Onde ele estava que eu não o vi entrar? Não pude evitar sentir aquela estranha sensação de segurança com a chegada dele, por um instante pensei que Carter fosse me agredir.

- Escutou o que essa mulher disse? – Carter perguntou, indignado.

Stanford se aproximou com o olhar severo sobre o homem. Eu fiquei surpresa com aquilo, pensei que ele defenderia Carter. Mas fez o contrário.

- Essa senhorita é filha do Conde de Waterford – ele parou ao nosso lado – Tenha

PERIGOSAS ACHERON

respeito por ela.

Carter retrocedeu e bufou irritado.

- Ela não pode chegar aqui e fazer o que quer! – Carter argumentou – Está distraindo estas crianças! Está nos dando prejuízo!

Stanford olhou para mim como se não quisesse que eu tivesse ouvido aquilo, e devolveu o olhar frio para Carter.

- Por que não cuida do andamento da mina? – ele propôs – Eu converso com a senhorita Turner.

Carter não gostou, mas acabou cedendo e de repente notei que quem mandava ali era Stanford e não Carter. O homem grosseiro saiu. Stanford fechou a porta e se voltou para mim.

- Pensei que nunca mais a veria – ele disse seco.

- Eu pensei o mesmo depois de expulsá-lo de minha propriedade – eu cruzei os braços e ele
PERIGOSAS ACHERON

me fitou de soslaio – Então, não foi mandado por Carter?

- Não – ele parou diante de mim – Eu sou dono disso tudo, vim para resolver o problema que está causando.

Então, o desgraçado era o filho do Duque de Montgomery? Talvez por isso, eu tive a sensação de conhece-lo de algum lugar. Talvez, das rodas sociais de Londres.

- *Problema?* E desde quando dar aulas para crianças é problema?

- O rendimento delas caiu no trabalho, não posso deixar que isso aconteça! – ele me avisou.

- Não pode estar falando sério... Qual o problema de eles aprenderem algo?

- Ouviu o que Carter disse – ele devolveu.

- Não pode estar pensando apenas em seus lucros! – falei indignada e comecei a gesticular
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nervosa – Já viu como esta gente vive, senhor? É a mais pura miséria da Inglaterra! Eles mal têm o que comer e vestir! Moram em barracas que não escondem o frio ou o calor! São crianças, deveriam estar brincando ao invés de trabalhar e morrer nestas minas!

Ele passou por mim e andou de um lado para o outro antes de me dizer:

- Não está enfrentando a realidade como ela é, *Lady Turner* – ele disse meu título de propósito – Aqui não é a Londres de bailes e passeios no parque! Aqui é a verdadeira Inglaterra como disse, as minas de carvão movem este país e não há como pará-las! E se não for eu o dono, será outro, talvez até pior.

- Pode ajuda-los...

- E quem disse que eles querem isso? – ele fez que não colocando as mãos nos quadris – Posso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mandar todos embora se quiser, mas amanhã haverá outros, o êxodo rural está fazendo desses antigos agricultores escravos da urbanização e a culpa não é minha...

Eu não havia pensando por este lado. Sabia como o esquema da modernidade funcionava: necessidade de trabalho, salários baixos, pobreza, miséria, a sobrevivência do mais forte, daquele que aceitava qualquer acordo para ter alguns xelins no bolso. Infelizmente, as coisas não eram boas para quem estava na camada social mais baixa.

- Tudo bem, o senhor tem razão – eu concordei e ele sorriu satisfeito – Esta é a máquina escrava do capitalismo. Mas o que eu não consigo entender é por que tem que explorá-los tanto? Por que não pode lhes dar casas dignas, um salário bom para sobreviverem e deixar que seus filhos estudem para que tenham um futuro diferente?

PERIGOSAS ACHERON

Nós nos encaramos por alguns segundos. Havia uma parte dele que talvez concordasse comigo, mas ele estava preso ao sistema.

- Não é assim que as coisas funcionam – ele argumentou.

- Mas poderia ser – ele andou pela sala e fui atrás dele – São apenas crianças e ensiná-las a ler vai atrapalhar o trabalho nas minas? Claro que não...

- A senhorita não entenderia! – ele disse ríspido voltando-se para mim – Vem de um mundo muito glamouroso para compreender o que eles precisam realmente!

Eu dei um passo para ele e disse com todo ódio que sentia:

- Sei mais que imagina, senhor Stanford – eu o enfrentei – Não ouse usar minha vida frívola em Londres para justificar minhas opiniões, o

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor não sabe nada sobre mim!

Nossos olhares se encontraram e eu senti um misto de raiva e indignação. Entretanto, eu senti um tremor pelo corpo e senti vontade de agredi-lo por isso. Afastei-me e lhe dei as costas.

- Havia um menino em seu acampamento, seu nome é George. Ele tem dez anos. – Eu tentei me acalmar e olhei para o senhor Stanford – Ele perdeu o braço na mina de carvão há alguns anos e tornou-se um peso para a família. Por causa das aulas, o expulsaram, mas acredito que foi mais por conveniência. Há quase um mês, ele vinha dormindo na floresta na frente da minha casa. Eu o recolhi e vou cuidar dele. Nada que fizerem me impedirá, senhor Stanford! Não sou um mártir, por isso. Estou apenas ajudando o próximo!

- É uma tolice! – ele me avisou.

- Por que? Por que ao invés de fazer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bordados, tomar chás com as minhas amigas e passear por Hyde Park, eu prefiro dar aula para um bando de crianças sujas e com fome? – eu o fitei com desprezo – O senhor não sabe nada sobre mim!

Ele respirou impaciente:

- Não preciso saber nada sobre a senhorita, garanto-lhe – ele me enfrentou - Não quero uma guerra.

- Nem eu.

- Então pare de se intrometer nos meus negócios – ele exigiu.

- Sabe que não vou.

- Isso é muito maior que imagina.

Eu fiz que não. Poderíamos ficar ali o dia todo que nenhum convenceria o outro de nada.

- Acho que perdi meu tempo vindo até aqui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– eu constatei – Mesmo assim, obrigada por sua atenção.

- Por nada – ele disse com ironia. Claro que me achava uma tola.

Eu me virei e fui para a porta e ele não me impediu. Saí e a bati com força. Eu detestava aquele homem e sua frieza e nada me faria sair da Casa da Colina. Nada. Voltei para a casa mastigando maribondos. Irritada com aquele homem e toda a situação. Não queria ser tratada como um tola coquete e frívola que estava em busca de aventura para sua vida monótona, mas foi exatamente assim que aquele arrogante me fez sentir.

- O que foi querida? – Lucy quis saber quando entrei batendo a porta – Não foi como esperava?

- Claro que não! – eu andava de um lado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o outro – Ele me ofendeu, Lucy! Mandou que eu fizesse bordados!

Lucy encolheu os ombros:

- O que a senhorita esperava? Um prêmio?
O lugar de uma mulher não é o de fazer o que está provocando aqui neste lugar...

Eu me indignei:

- E qual é o meu lugar?
- Ao lado de sua família, sendo cortejada por um homem digno, que lhe dê um futuro melhor...

- Isso é ridículo!

- Ou é isso ou tonar-se-á um peso para sua família!

Eu a olhei irritada e ela permaneceu impassível. Era exatamente isso que a sociedade dizia sobre a mulher, mas eu nunca iria aceitar.

PERIGOSAS ACHERON

Jamais!

- Não vou desistir, Lucy! – assegurei e me joguei no sofá – Eu não nasci para ser uma dama da sociedade! Meu lugar é aqui, ao lado dessa gente que tem as minhas origens! Não sou uma moça de origem humilde que a uma hora destas estaria sobrevivendo das minas se não fosse a sorte que tive!

Ela me olhou com compaixão:

- Está lutando contra gente poderosa, querida, porque acha que vai mudar o que eles determinam?

- Por que não posso desistir – respondi.

- Orgulho – ela ponderou.

- Chame como quiser – eu voltei a me levantar. Estava agitada – O que não posso é aceitar que aquele homem me diga o que fazer...

- Ele está defendendo o dele, Beatrice.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ele é rico, Lucy! É filho de um Duque, tem mais dinheiro que muitos homens nobres da Inglaterra. Ele não ajuda porque não quer! É um ganancioso! – disse revoltada.

- O senhor Carter é filho de um Duque?

- Não. Estou falando do senhor Robert Stanford, ele é filho do Duque de Montgomery – expliquei impaciente.

- O jovem Stanford? – ela perguntou encantada.

- Sim! O demônio em pessoa!

- Ele é tão bonito quanto o pai, não é?

Sim. Ele era bonito, mas isso não vinha ao caso.

- Ele é insuportável, ofendeu-me!

Ela ignorou o meu comentário e se aproximou de mim, pensativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Minha mãe trabalhou para os pais do Duque Montgomery, o senhor Farell Stanford – ela começou a contar – Ele era um encanto, formou-se médico, as moças eram loucas por ele, mas ele havia fechado seu coração para uma única mulher e que hoje é sua esposa: Lady Meredith. A história deles é um pouco conturbada, e não vem ao caso, mas Robert é o filho mais velho deles.

- Grande coisa! – eu ignorei – Que diferença isso faz?

- Não seja aborrecida – ela disse com bom humor e se sentou no sofá – Apenas estou lhe contando uma história – Lucy prosseguiu mesmo sob meu olhar impaciente – Não se preocupe, não quero que se case com ele. Robert está prometido a senhorita Alegria Keller, a senhorita a conhece.

Na verdade, eu não conhecia a senhorita Alegria Keller pessoalmente, mas conhecia sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

história triste. Todos sabiam que ela era a sobrinha do Marquês de Dalton, e herdeira de uma fortuna incalculável, aguardando apenas um marido para administrá-la, já que seu pai John Keller e a esposa Tereza, também de família nobre, eles haviam morrido num naufrágio e ela como única filha herdou tudo. Alegria levava uma vida muito restrita, foi criada num convento e agora, ao completar dezoito anos, voltou para Londres e o tio não lhe permitia sair de casa por estar prometida a um jovem também rico desde a infância. Eu apenas não sabia quem era o tal jovem. Na verdade, nunca me inteirei muito da vida das pessoas.

- Eles estão prometidos há muitos anos e o Duque de Montgomery construiu uma propriedade para o filho e a esposa casarem, chama-se Southon. Dizem que é um palacete magnífico – ela disse sonhadora – Que possui mais de trinta quartos e salas majestosas.

PERIGOSAS ACHERON

- Que bom para eles... Isso não o redime de seus erros, Lucy. Ter uma casa grande não fala nada sobre o caráter de um homem...

Ela continuou me ignorando:

- Ele é quem gerencia os negócios do Duque. Farell agora vive para a esposa, ela esteve muito doente, às portas da morte mesmo, mas recuperou-se e ele decidiu largar tudo para estar ao lado dela sempre.

Isso era bonito de saber.

- O pai parece ter mais coração que o filho – comentei me sentando.

- Ele sempre me pareceu um bom rapaz, tranquilo e sereno...

- Então está falando de outro Stanford. Este que esteve comigo há pouco é um homem frio, que só pensa no dinheiro e nos lucros. O tempo todo ele ficou dizendo que *não pode ajudar ninguém, que é*

PERIGOSAS NACIONAIS

o sistema, que se não for ele, vai ser outro bem pior.

- E no que ele está errado, Beatrice?

Eu me levantei novamente.

- Ora, ele pode dar condição melhores as pessoas, deixar que as crianças estudem!

- E por que ele faria isso?

- Para lhes dar uma vida melhor! Não trabalharem o resto de suas vidas nas minas, terem novas oportunidades!

- E como ele ficaria sem seus empregados?
— ela também se levantou — Pense no lugar dele. Por que ele iria querer perder seus empregados? — ela insistiu.

- Ele é egoísta! Somente está pensando no futuro próprio e não daquelas pessoas! Isso não é justo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Está procurando justiça onde não pode haver uma. É a lei da natureza entre os mais fracos e os fortes.

- Não vou aceitar – eu disse irredutível

- Garota teimosa! Vai acabar se colocando em maus lençóis!

- O que isso pode manchar minha honra? Tornar-me uma mulher diferente, que pensa ao invés de ser submissa o tempo todo, se direcionando pela necessidade dos outros? – eu me alterei.

Lucy levou a mão ao peito, chocada com minhas palavras.

- Pensei que Lady Turner tivesse lhe ensinado bons modos.

Aquela colocação sobre minha mãe me irritou mais ainda.

- Não ouse falar de minha mãe, Lucy, ou de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossas origens – eu a cortei com o dedo em riste – Jamais volte a questionar tudo o que ela me deu! Era para eu estar morta, se não fosse ela ou Greg, ou meu pai. Mas devo tudo a ela, tudo. Sou como George, nasci no meio de mineiros e antes que sequer a senhora pudesse imaginar, eu me arrastava pelos tuneis estreitos, onde eu mal cabia, para fazer homens com Stanford cada vez mais ricos! Por causa de homens como ele, meu pai morreu soterrado! E não serão suas ofensas que me farão mudar de ideia, porque eu não vou!

Ela ficou sem palavras, olhando-me constrangida.

- E se não concordar, pode ir embora. Meus pais têm empregados suficientes que possam mandar em seu lugar para ficar me vigiando sem que fiquem dizendo asneiras o tempo todo...

Sai correndo dali, montei no cavalo e parti

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem direção. Eu só queria ficar sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

8

Passei a tarde cavalgando pelos pastos de Shetwood. Pensei em ir até a casa de Gregory, mas temi prejudica-lo mais ainda e ele precisava do emprego para sustentar os irmãos e casar-se com Matilda. Eu estava sozinha nesta luta e a sensação de vazio era horrível, cortava meu peito. Mas eu não ia desistir. Não demorei em voltar para casa e quando entrei no estábulo, encontrei George desenhando num papel. Ao me ver, ele correu para me abraçar.

- Vejo que sentiu minha falta – eu disse com carinho, beijando agora seus cabelos

PERIGOSAS NACIONAIS

perfumados.

- Fiquei preocupado – ele disse e voltou a se sentar.

- O que está desenhando?

- A Casa da Colina.

Eu me aproximei para ver.

- Belo desenho.

Ele havia desenhado a casa, o jardim, Bob. Havia duas mulheres, um homem e uma criança. Penso que éramos nós quatro.

- Ainda está brava? – ele perguntou receoso me olhando de lado.

- Não. Por quê?

- Eu ouvi a senhorita brigando com a senhora Lucy – ele me contou.

Fiquei constrangida.

- Sinto muito que tenha visto isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorriu:

- A senhorita é uma lady perto da minha mãe – ele observou e senti pena dele.

- Sua mãe é muito brava?

- Sim, ela costuma bater enquanto fala – contou.

Eu queria bater na mãe de George por infringir ao menino tantos momentos ruins. Mas talvez fosse a realidade miserável dela que a levasse a agir de forma tão ignorante. Não cabia a eu julgá-la. Afastei minha ira.

- Deve desculpar a senhora Lucy, ela só quer protege-la – ele argumentou comigo.

- Eu sei – eu me sentei ao lado dele – E eu só quero ajudar vocês, ela não consegue entender.

Ele fez uma pausa e perguntou:

- Também trabalhou nas minas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim, eu fui como você, George, mas tive sorte. No dia do acidente na mina há dez anos, eu sobrevivi, Greg salvou minha vida. Mas perdi meu pai.

- Três irmãos meus já morreram soterrados – ele contou.

- Sinto muito.

- Não há porque sentir – ele deu outro sorriso sincero – Eles estão em paz, livres daquilo.

- Gostaria que nenhum de vocês tivessem que passar por aquilo – eu passei a mão por seu ombro com carinho – Eu sei o que é ter que fazer o que acham certo, quando a única coisa que você gostaria de fazer é brincar...

- Eu gosto de brincar...

- Eu sei, meu querido, que criança não gosta?

Sorrimos um para o outro e ouvimos o
PERIGOSAS ACHERON

latido de Bob. Meu cachorro era melhor que qualquer sinete. Surpreendi-me ao ver três crianças surgirem na porta do estábulo: era Alfred, Mary e Ted. Os três eram irmãos e tinham entre doze e oitos anos. Sorri ao vê-los.

- Crianças... – eu me levantei – O que fazem aqui?

- Viemos para a aula, senhorita – Ted falou comigo. Ele era o mais velho dos irmãos

- Fico feliz. Mas vocês não terão problemas com o senhor Carter? – eu questionei e eles se entreolharam. – O que foi?

- Bem... – Ted tirou a boina e meneou a cabeça – A gente não vai poder voltar para o acampamento.

- Por que? – eu franzi o cenho.

Eles se calaram.

- Nossa mãe morreu durante o parto há

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguns meses – ele começou a explicar – E esta tarde, meu pai caiu doente, com febre. Tiveram que isolá-lo, dizem que ele não vai viver.

- E daí vocês fugiram para cá! – conclui.

Alfred fez que não:

- O senhor Carter disse que para compensar a doença do meu pai, teríamos que trabalhar o dobro – ele falou angustiado – A gente não quer, senhorita.

- E ficamos sabendo que George estava aqui – Ted contou.

Eu olhei para George, intrigada:

- Digamos que eu fui até a mina e contei para um amigo como a senhorita me ajudou – ele contou inocente, fazendo aquela carinha de coitado.

- George – eu o reprovei.

- Ele até elogiou minhas roupas – ele tentou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acobertar sua atitude.

O que eu poderia dizer diante de tanta inocência?

- A gente também não pode ficar? – Ted me perguntou.

Eu olhei para ele hesitante. Mais três crianças? Era claro que podia... Eu jamais conseguiria coloca-los para fora. Sabia que isso me traria uma enorme dor de cabeça, mas eu não podia manda-los embora de volta para a mina e para as mãos daquele maldito Carter. Eu daria um jeito em tudo, pensei confiante. Queria ver a cara de Stanford quando descobrisse que os garotos tinham fugido para ficar comigo.

- Claro que pode – eu disse e eles gritaram de felicidade. - Mas aqui temos algumas regras.

- Nós podemos trabalhar, senhorita – Alfred tentou negociar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não é isso. – Eu fiz sinal para que se sentassem e eles me obedeceram – Aqui a primeira regra é o banho.

Eles gemeram.

- Não dói – George garantiu – É até gostoso.

Eles olharam admirados com o comentário de George.

- Nada de mentiras e brigas.

- E o que a gente vai fazer o dia todo? – Ted quis saber.

- Podem ajudar Lucy e Thomas nos afazeres e eu ensinarei vocês tudo o que precisam aprender – disse entusiasmada.

- E vamos tomar sopa todos os dias? – Mary quis saber.

Aquilo cortou meu coração.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim, terão refeições todos os dias...

Eles riram baixinho e balançaram os pés animados.

- E quando vamos tomar banho? – Ted quis saber ansioso.

- Amanhã de manhã. Vocês precisam de roupas novas. – Eu observei – Hoje começaremos com uma boa sopa e os estudos.

Todos sorriram gratos por minha atitude e aquilo encheu meu coração de amor. Não havia nada mais belo que a felicidade sincera de uma criança.

Já era tarde quando acomodamos os meninos em colchões improvisados no estábulo. No outro dia, eu teria que arrumar melhores acomodações. Mas, eu tinha certeza que para eles, dormir sobre o feno e lençóis limpos, cobertos com cobertores era melhor que estar naquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acampamento.

- Não pode ficar com eles aqui, senhorita – a voz de Lucy soou assim que entrei na casa.

Ela estava de braços cruzados esperando por mim.

- E o que queria que eu fizesse, Lucy? Que os mandasse de volta para aquele inferno?

- Ela tem razão, Lucy – eu ouvi a voz de Thomas e ele surgiu da cozinha – Ela não pode deixar essas crianças desamparadas.

Thomas era um alento para a minha vida. Lucy nos olhou contrariada.

- Imagine o que vão falar!

- Eu não me importo, querida Lucy – eu me aproximei dela – Vá até o estábulo e olhe para aquelas crianças. Eles são anjos. Não posso deixar de ajuda-los quando posso fazê-lo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- É arriscado!

- Eu sei. Mas teria coragem de manda-los embora? – eu perguntei e ela não respondeu – Eu sei que seu coração é enorme e caberá centenas de crianças.

Ela segurou para não sorrir.

- Devíamos ter indo embora quando houve oportunidade! – ela me alertou.

- Mas não fomos. Além disso, ninguém pode me culpar, foram as crianças que me procuraram – eu me defendi – Não fui buscar ninguém no acampamento.

- Menina tola – ela reclamou e acabou dando um meio sorriso.

- Vou escrever para os meus pais pedindo conselho – eu disse para tranquiliza-la – Isso a deixa mais tranquila?

Ela me olhou de esguelha:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu ficaria tranquila se a senhorita tivesse um pouco de juízo nessa cabeça.

Eu estava tão feliz que não me contive e a abracei.

- Eu sei que vai me ajudar com os garotos, Lucy – eu me afastei – Obrigada.

- A senhorita não merece tanta consideração, mas farei isso por George – ela falou ainda ofendida com nossa discussão aquela manhã.

Eu sorri satisfeita:

- Eu sei que a senhora nutre por ele um carinho especial.

Ela olhou para Thomas e sorriu:

- Sim, eu gosto dele – e olhou para mim – E nós ficaremos para ajudar.

- Obrigada.

- Mas hoje mesmo a senhorita vai escrever

PERIGOSAS ACHERON

para seus pais e contar o que está acontecendo – ela condicionou.

- Está bem.

- E Thomas enviará a carta amanhã bem cedo quando for comprar roupas novas para os meninos – ela se afastou de mim – Aproveite e peça mais dinheiro aos seus pais, vai precisar para manter toda essa gente aqui.

Ela virou-se e foi para o quarto.

Olhei para Thomas e ele piscou para mim. Lucy era durona, mas era uma boa pessoa.

Fui para o meu quarto e coloquei a escrever. Quando terminei, sentia o corpo dolorido. Escutei Bob latir lá fora. Saí do meu quarto e olhei através da janela da sala. Eu enxergava apenas o pelo amarelo perto da cerca em meio aquele breu.

Um arrepio percorreu meu corpo. Seria Carter atrás das crianças? Fiquei aflita ao pensar

PERIGOSAS NACIONAIS

que eles estariam sozinhos no estábulo e ele poderia lhes machucar. Mas ele não seria tão imbecil de invadir minha propriedade. Ou seria? Tensa, olhei para o rifle perto da porta. Nunca havia pegado um e nem sabia como manejar, mas quem estivesse lá fora não saberia disso. Tomei coragem, peguei a arma e abri a porta, saindo na noite fria.

Bob continuou latindo e eu empunhei o rifle como tinha visto Thomas fazer. Não havia ninguém a vista. Entretanto, eu sabia que havia alguém escondido. Escutei novamente os passos de alguém se afastando rapidamente. Voltei para dentro de casa e tranquei a porta, estava tremendo. Na verdade, eu estava morta de medo.

Respirei fundo controlando as batidas do meu coração e tomei uma decisão. No dia seguinte, eu pediria a Thomas para me ensinar a atirar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aprender nunca seria demais, embora tal ideia me ofendesse. Não por ser mulher, mas eu era contra armas. Então, pensei no senhor Carter e de como ele levantou o chicote para me agredir naquela manhã. Um homem que tentava contra uma mulher, poderia fazer coisas bem piores, como atirar, por exemplo.

Sim, eu deixaria meu medo de lado e minha repulsa por armas de fogo e aprenderia a usá-las, era minha única chance se tentassem contra mim.

PERIGOSAS ACHERON

9

Os meninos ficaram constrangidos quando eu e Lucy o chamamos para o banho, mas não houve outra forma, nós precisávamos tirar os piolhos e as pragas que cobriam seus corpos. Mary já foi mais acessível, mas ficou triste quando tive que cortar seu cabelo mais curto, na altura do ombro. Ela chorou na verdade, entretanto, eu não tive escolha, havia tanto piolho pelos fios que era impossível tirar a todos. Quando Thomas chegou e eu lhe dei as roupas novas, fiquei orgulhosa de vê-los limpos e reconhecíveis. Eles riam um do outro e debochavam de seus perfumes.

- Agora vocês têm que agradecer a senhorita Turner e abraça-la – George disse a eles.

- Não é necessário – eu disse constrangida.

Eles se voltaram para mim e disseram em uníssono:

- Obrigada, senhorita Turner.

- Não tem que agradecer...

Mary me abraçou e beijou minha mão. Alfred abraçou rápido e se soltou. Entretanto, Ted apenas acenou com a cabeça. Ele já se sentia um rapaz feito e não abraçava mulheres ou demonstrava qualquer tipo de afeto.

Passamos o dia atarefados. Ted empenhou-se em ajudar Thomas na confecção de novas camas. Alfred e George os auxiliavam. Eles teriam que ficar no estábulo já que não havia espaço suficiente na casa. Por isso, Thomas ajeitou da melhor forma possível. Deixou os dois cavalos nas baias do lado

PERIGOSAS NACIONAIS

direito do prédio. E ao fundo, onde havia mais espaço, limpou tudo com a ajuda dos meninos e colocaram as camas. No fim da tarde, eu e Mary levamos um lanche para eles.

- Eu estava morto de fome – Ted disse olhando os pães como se fossem tesouro.

Lucy entrou trazendo refrescos.

- Espero que gostem, foi a irmã de vocês que fez – ela avisou.

Colocamos tudo sobre a mesa e nos sentamos para comer. Eu fiquei ali parada, olhando para aquelas crianças, completamente apaixonada por elas. A risada delas era música para os meus ouvidos e eu me afeiçoava a cada segundo que passávamos juntos. Era lindo o modo carinho e protetor com que tratavam George. E meu dia se completou quando vi o esforço deles em aprender o que lhe era ensinado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquela noite li Shakespeare para eles: *Sonho de uma Noite de Verão*. Eles riam e se deliciavam com a magia da história.

- Boa noite – a voz masculina soou pela noite.

Todos se calaram e eu me levantei com um sorriso:

- Gregory – eu me aproximei dele – Estávamos lendo Shakespeare, quer se juntar a nós?

- Não, obrigado – ele disse sério.

- Aconteceu alguma coisa? – eu perguntei e ele não respondeu, apenas olhou para as crianças. Entendi que ele não queria falar na frente delas. – Por hoje chega meninos, por que não começam a se arrumar para dormir?

Eles reclamaram.

- Amanhã teremos mais – prometi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo contra a vontade, eles se entretiveram em seus afazeres e eu peguei a lanterna para sair do estábulo e seguir com Gregory para o jardim.

- Você sumiu, o que houve?

- Carter nos proibiu, eu não podia vir mais aqui. Sinto muito...

- E por que veio hoje? – eu quis saber.

- Matilda terminou tudo comigo – ele me contou com pesar.

- Eu sinto muito, Gregory – disse sincera e fui solidária com ele - Não há possibilidade que ela volte atrás em sua decisão?

- Ela recebeu uma oferta de casamento melhor – ele me contou triste – O novo pretendente já tem sua casa, cavalos e uma boa criação de gansos. Pode dar uma vida melhor a ela.

Eu não sabia o que dizer naquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nada poderia afagar um coração partido.

- Eu nem sei o que dizer...

Nós paramos na porta da casa e nos sentamos no banco. Deixei a lamparina de lado, sobre a mureta.

- Não precisa dizer nada, Beatrice – ele assegurou – Na verdade, não vim aqui para falar sobre isso.

- Não?

Ele fez que não balançando os cabelos:

- Eu talvez precise de um outro favor seu.

- Todos que eu puder lhe ajudar, Greg.

Ele deu um meio sorriso.

- Tenho uma reserva de dinheiro guardada. Pensei que se eu fosse para Londres, e talvez tentasse a vida lá, eu conseguiria algo melhor. Sem Matilda, ficar em Shetwood não tem sentido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E como poderei ajuda-lo?

- Soube que uma nova empresa vai contratar antes do início do outono e precisarão de pessoas qualificadas para trabalharem. Eu pensei que se pelo menos soubesse ler e escrever, poderia conseguir algo melhor. Poderia me ensinar ler e escrever? Sou inteligente e esforçado...

- Greg – eu o interrompi – É claro que é inteligente e eu posso ajudá-lo. Mas já pensou em seu emprego enquanto estiver aqui? O senhor Carter provavelmente vai demiti-lo.

- Eu fui demitido esta tarde... – ele contou finalmente.

- Greg!

- Depois de mais de quase vinte anos trabalhando nas Minas, o senhor Carter me mandou embora.

- Por que?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu... – ele hesitou – Eu perdi a cabeça. – Ele começou a me contar – Matilda havia terminado comigo ontem à noite e eu estava furioso. Então, esta manhã o senhor Carter resolveu surrar um dos meninos e eu o derrubei... – finalizou tímido e se levantou – Quando vi já estava fazendo...

- Não posso dizer que sinto por você... – disse a verdade – Não trabalhar com aquela gente é uma dádiva.

- Tenho dinheiro para ajudar meus pais por alguns meses, mas depois chegará ao fim. E conseguindo um emprego melhor, poderei lhes enviar mais dinheiro para sustentar meus irmãos! – ele me explicou solidário.

- Você é um bom homem Greg – eu disse com carinho.

- Obrigado, Beatrice. – Nós sorrimos um

PERIGOSAS ACHERON

para o outro, cúmplices.

- Podemos começar amanhã. Eu lhe darei aulas antes das crianças, assim poderei lhe ensinar mais rápido, mas você vai ter que se esforçar estudando em casa – avisei.

- Eu farei tudo o que me pedir – prometeu e mudou de assunto – Notei que os filhos de John Fowler estão aqui com você... – ele se sentou ao meu lado outra vez – O que está acontecendo, Beatrice?

Eu mordi os lábios, nervosa. Sabia que podia confiar em Greg, mas ele não ia gostar daquela história.

- Bem, eu... Eles...

Os latidos de Bob me interromperam. Um cavalo branco e seu cavaleiro surgiram perto do portão. Meu coração deu um salto quando vi a figura de Robert Stanford descer de sua montaria e

PERIGOSAS NACIONAIS

abrir o portão de minha casa como se fosse dono dela. Meus olhos ficaram presos nele, enquanto eu me levantava lentamente e ele caminhava em minha direção determinado, os olhos azuis cuspidando fogo, como se fosse me matar.

Eu sabia exatamente porque ele estava ali.
Pelos garotos e por que outro motivo seria?

- Senhor Stanford – eu disse com sarcasmo – Não esperava vê-lo.

Ele me olhou com desprezo. Dirigiu seu olhar para Gregory que parecia querer ser engolido pelo chão. Fiquei decepcionada, afinal, por que as pessoas de Shetwood e Lucy tinham tanto medo daquele homem? Por causa do dinheiro? Por ele ser um nobre ou pelo título que herdaria? Eu não me importava.

- Senhor – ele cumprimentou Gregory com polidez e olhou para mim – Acho que esperava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha visita.

- E por que seria?

Ele pareceu controlar seu humor e perguntou com sarcasmo:

- Por que está abrigando empregados meus?

- Empregados? – perguntei com frivolidade.

- Não se faça de desentendida – ele pediu entre os dentes.

Era melhor não o provocar.

- E qual o problema? Que eu saiba não é crime dar comida e uma cama para as pessoas – eu dei meu melhor sorriso.

Ele parecia querer me agredir.

- Senhorita Turner. Eles são crianças e não estão indo ao trabalho pelo qual são pagos.

PERIGOSAS ACHERON

- Talvez porque *eles são crianças* e não queiram mais trabalhar – devolvi no mesmo tom.

- A senhorita não pode fazer isso! – ele falou impaciente.

- E por que não? – eu dei um passo para ele enfrentando-o.

- Por que o pai deles era meu empregado e...

- Espere – eu mandei e sem notar, eu segurei em sua casaca. Ele olhou para a minha mão, mas eu não atinei isso – O senhor disse “*era*”?

- John Fowler morreu ontem à noite logo depois que eles fugiram, Beatrice – Gregory contou.

Eu soltei lentamente a casaca de Stanford e meus olhos se encheram de lágrimas. O que seria daquelas crianças agora? Eles ficariam arrasados.

- Oh, meu Deus! – eu levei a mão à boca –
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pobrezinhos...

- Onde eles estão? – Stanford quis saber.

- No celeiro...

Ele fez menção de ir até lá. Novamente, eu o segurei. Desta vez, eu senti a mão queimar e a tirei depressa, ele também sentiu e ficamos constrangidos.

- Não pode ir até lá e dizer isso a eles como se estivesse convidando-os para uma cavalgada – eu falei séria.

- O que acha que devo fazer?

- Eu falo com eles – eu avisei e olhei para o estábulo para me certificar que a porta estava fechada – Mas, amanhã. Eles já devem estar deitados e ficarão arrasados.

Ele me fitou impaciente:

- Vão ficar arrasados de qualquer forma...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Seja um pouco humano e se coloque no lugar deles! – eu exigi – Imagine se alguém lhe desse a notícia da morte de seu pai sem nenhuma piedade, eles são crianças!

Por um instante, ele ficou me olhando como se eu fosse uma aberração. Voltou a olhar para o estábulo e depois para mim.

- Amanhã a senhorita está comprometida a dizer-lhes que o pai morreu – ele me avisou – E eles vão embora comigo!

Ele passou por mim e eu o segui:

- Eles não vão com o senhor, eles não são seus! – protestei.

- São meus empregados! – ele disse por cima do ombro.

- Não são seus escravos! Eles não lhe devem nada! Não precisam de carta de alforria para estarem aqui! – eu disse alterada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reparei que ultimamente, eu estava me decompondo com muita facilidade. Acredito que foram os anos contendo minha forte personalidade no mundo aristocrata de Londres. Ali, eu podia ser eu, ainda mais quando Stanford me provocava.

- Não ouse gritar comigo – ele falou lentamente se voltando para mim.

Notei que quando estava nervoso.

- Eles não vão com o senhor... – eu controlei minha voz, mas não lhe pedi desculpas.

- É o que veremos... – ele me desafiou.

- Seu monstro! – eu parti para cima dele com o punho erguido no ar. Ele me segurou pelos pulsos – Seu imbecil! – eu tentava me livrar dele em vão e ele ria de mim, deixando-me mais irritada – Eu o odeio! O senhor não tem coração! Não tem alma!

Eu parei de lutar e ele me soltou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Acha que gosto disso? – ele deu um passo para mim furioso e eu retrocedi – Acha mesmo que gosto de bancar o déspota e agir desta forma? Estou apenas cumprindo com o papel que me foi dado, enquanto meu pai brinca de ser um bom marido! – ele disse amargo – Enquanto, pessoas como a senhorita ficam de namoricos em seu jardim e... – Ele apontou para atrás de mim - E enquanto banca a boa matrona, pessoas como eu – ele apontou para si – Agem da forma como tem que ser, para que o mundo continue girando, para que a economia de uma país persista. Acha que o que eu faço é desumano? Deveria visitar as fabricas de tecido ao Norte, aonde não ter as mãos e os braços, ou quem sabe apenas uma perna é muito comum!

Eu fiquei assustada com a fúria dele. Ele prosseguiu:

- Acha que durmo tranquilo quando vejo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

miséria deste lugar? Não me julgue apenas por que criou em sua mente um mundo utópico onde todos podem ser felizes. Desculpe-me, senhorita, mas este é o mundo real em que as pessoas são exploradas, se não for por mim, será por outro! E garanto-lhe que sou um inimigo muito mais humano que outros que já a teriam enterrado neste jardim, sem piedade! E colocado fogo em tudo!

Ele terminou de dizer e passou as mãos pelos cabelos, exasperado. Somente naquele instante, ele percebeu que havia perdido a cabeça completamente e falado demais. Eu fiquei parada olhando para ele, totalmente constrangida. Não por sua raiva, mas pela dor das responsabilidades que ele carregava, daquilo que enxerguei além de suas palavras. De repente, me senti a mais injustas das mulheres. Eu nunca poderia imaginar que por trás de tanta tirania, houvesse um homem apenas cumprindo seu papel, mas sem querer estar lá.

PERIGOSAS ACHERON

Ele enxergou a compaixão em meus olhos e fez que não.

- Voltarei amanhã – ele prometeu virou-se e saiu, montando em seu cavalo e partindo sem olhar para trás.

Eu fiquei olhando-o desaparecer na noite.

- Você o provocou de verdade, Beatrice – Gregory disse pesaroso.

Eu apenas levei Robert Stanford ao limite de seus sentimentos e isto mexeu comigo profundamente. Queria ir atrás dele e consolá-lo, mas a raiva dele obscurecia qualquer pensamento mais coerente. Havia consternação naquele homem, tanto que eu pude senti-la. Ele era tão escravo quanto aquelas crianças do meio em que viviam.

De repente, eu ouvi passadas perto dos pinheiros. Imaginei se Stanford estava voltando arrependido de sua promessa e pronto para levar as

PERIGOSAS NACIONAIS

crianças.

- O que foi isso? – Greg quis saber.

Bob latiu e acompanhou Greg. Eu não tinha forças para sair do lugar, toda minha energia ficara naquela discussão.

- Quem está aí? – Greg gritou.

Uma cabeça infantil surgiu detrás do pinheiro.

- Saia daí! – Greg ordenou.

A criança saiu. Eu levei as mãos aos lábios, chocada. Mas ainda havia mais, sete crianças no total surgiram diante dos meus olhos. Gregory voltou-se para mim sem saber o que fazer.

- Acho que vamos ter que construir mais camas – foi a única coisa que consegui dizer.

O que mais eu poderia fazer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

10

Não dormi aquela noite, fiquei olhando pela janela, as luzes que queimavam no horizonte. Pessoas que trabalhavam dia e noite para movimentar as minas de Shetwood. Não conseguia tirar dos meus pensamentos o homem que comandava sem piedade aquele lugar. Eu não queria me sensibilizar com a vida de Robert Stanford, mas era inevitável depois de ouvir tudo o que ele disse. O meu problema eternamente seria me compadecer da dor dos outros.

Ele era um homem infeliz, preso numa vida

PERIGOSAS NACIONAIS

que lhe fora designada e ele não gostava daquilo, estava apenas tentando manter o patrimônio que o pai construiu e que agora pertencia a ele. Talvez, fosse um fardo pesado demais para carregar. Nunca pensei que para manter-se num alto nível, homens talvez tivessem que fazer sacrifícios que não se adequavam aos seus valores. Sempre cogitei pela liberdade de escolhas, mas nem todos a possuíam, fosse de qualquer classe social.

Comigo não seria diferente, eu uma hora teria que voltar a Londres e me casar com um bom homem e dar-lhe filhos. Era que havia prometido a meus pais para estar ali ajudando aquelas crianças, mas naquele momento, tal projeto de vida me causava repugnância.

O dia amanheceu e eu sai do quarto arrastada. Precisava cuidar das novas crianças e dar a péssima notícia a Ted, Alfred e Mary sobre a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morte do pai deles. Senti o cheiro de pão e bolo no ar e encontrei Lucy cantarolando na cozinha.

- Temos mais hóspedes – eu contei.

Lucy me olhou por cima do ombro e assentiu.

- George veio me contar – ela falou.

- Levantou mais cedo – observei.

- E a senhorita pelo visto não dormiu nada...

Ela me conhecia o suficiente para saber disso. Além disso, havia olheiras escuras no meu rosto. Sentei a mesa e ela me serviu chá e cortou um pedaço de bolo.

- Ontem o senhor Stanford esteve aqui – contei.

- E vocês discutiram? – ela se sentou de frente para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Foi bem pior que isso – eu bebi um gole de chá e minha garganta doeu.

- Ele a agrediu? – ela perguntou chocada.

- Não, Lucy. Ele veio trazer uma péssima notícia: o pai de Ted faleceu.

- Eu também já sei disso...

- Como?

- George me contou – ela deu um meio sorriso – As crianças que chegaram ontem contaram para eles.

- Oh, céus! Eu havia me esquecido deste detalhe... – coloquei o cotovelo sobre a mesa e apoiei o rosto na mão.

- Crianças sempre falam demais – ela disse com bom humor.

- Eles devem estar arrasados...

- Não duvido, mas eles são fortes, vão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

superar e a senhorita tem experiência suficiente nisso para ajuda-los – ela disse de modo significativo.

Ela se levantou e voltou para perto do fogão.

- Thomas já foi a cidade comprar mais roupas. Hoje temos sete crianças para dar banho e tirar o piolho – ela riu para minha surpresa – São quatro meninos e três meninas. Vamos passar o dia todo fazendo camas e cozinhando.

- Pensei que mais crianças a deixaria de mau humor – observei encantada com a mudança súbita de humor dela.

- George está feliz com a chegada deles, extremamente excitado – ela voltou-se para mim segurando a cesta com pães – Eu deveria me preocupar com o que dono da mina fará diante de tudo isso, mas sei que a senhorita saberá resolver o

PERIGOSAS ACHERON

problema.

A confiança dela em mim me deixou atônita.

- Obrigada, Lucy. Sua confiança é um alento para o meu dia. – Eu confessei.

- Termine seu café da manhã e vamos ao trabalho. Será uma longa manhã...

Lucy tinha razão. Terminei de comer e fui para o estábulo. Os garotos já estavam de pé, sentados em volta da mesa e comiam animados. Não vi sinal de Ted e fiquei preocupada.

- Ele foi dar uma volta, senhorita – George me explicou e sorriu com o canto da boca sujo de manteiga.

- Ele saiu a pé? – eu quis saber.

- Sim... – George sorriu espremendo os olhos.

Lucy acariciou os cabelos dele e seguiu ajudando as outras crianças.

- Terminem o café da manhã, eu volto logo – e saí atrás dele.

Temia que o pior lhe acontecesse. Que Carter viesse atrás dele ou até o próprio Stanford e o obrigasse a voltar para mina. Do jardim, eu o vi parado do outro lado da cerca, sentado olhando para o vale. Bob estava ao lado dele. Saí pelo portão e caminhei até ele.

- Bom dia – eu disse e ele apenas acenou com a cabeça – Quer ficar sozinho ou posso me sentar ao seu lado?

Ele estava abraçando os joelhos e me olhou por um instante:

- Pode se sentar, senhorita.

Eu me sentei e olhei na mesma direção que ele: o vale destruído das minas. Não sabia ao certo

PERIGOSAS NACIONAIS

o que dizer, mas eu tinha de lhe confortar de algum modo.

- Soube sobre seu pai, Ted – comecei a falar.

- Não tem problema, senhorita – ele disse seco – Eu sabia que ia acontecer.

Olhei para ele. Era uma criança tendo de ser um adulto, assumindo responsabilidades de um adulto. A vida era injusta demais. Mas aquela era a realidade dele, do mesmo modo que foi a minha um dia e eu sobrevivi. Não era o fim da vida de Ted e eu não precisava fazer daquilo um pesadelo. Era um período obscuro que o faria um ser humano mais forte no futuro.

- Eu também perdi meu pai na mina de carvão – contei.

- Verdade? – ele me olhou.

- Sim. Eu era como você, Ted. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

trabalhava nas minas, entrava nos túneis e ajudava a escavar, às vezes, eu mal conseguia respirar – contei e meneei a cabeça – Um dia houve uma explosão e a montanha veio abaixo, sobre nós. Muitos morreram, e meu pai estava entre eles...

- Meu pai era um homem bom – ele falou – Ficou doente de tanto trabalhar...

- Infelizmente, a vida não é sempre justa.

Ele olhou atentamente para mim:

- Falaram que a senhorita é filha de um conde – ele falou desconfiado.

- Phedra Johnson era dona desta Casa da Colina e ela me acolheu no dia do acidente. Ela se casou com um nobre e ele me adotou. – expliquei.

- A senhorita teve sorte.

- Sim, eu tive...

Concordei com ele e ficamos em silêncio,

PERIGOSAS ACHERON

olhando para o nada.

- Eu queria voltar lá e enterrar meu pai – ele desabafou – Mas se eu voltar, não me deixam sair mais.

- Provavelmente – eu concordei – Sinto muito, por isso.

- Não quero voltar para lá, senhorita – ele disse sério – Não quero morrer lá.

Aquela frase me angustiou.

- Não precisa voltar, Ted. Você não é escravo daqueles homens, pode ir onde desejar – eu disse com a perto no coração. Sabia que Stanford voltaria aquela manhã para leva-los e eu prometi a mim que impediria de todas as formas.

Ele se calou e escutei um barulho vindo de trás de nós. Olhei assustada, mas não era nada. Bob também ergueu a cabeça, bufou, mas não latiu. Devia ser qualquer coisa ou um galho que caiu do

pinheiro.

Quando voltamos para o estábulo, tudo já estava organizado. Mary ajudava Lucy a dar banho nas meninas, enquanto Alfred e George auxiliavam os meninos. Era engraçado o modo como todos tinham medo de banho e imaginei que tortura deveriam sofrer no acampamento quando tomavam um. Thomas chegou e antes do almoço, todos estavam limpos, com os cabelos cortados e bem vestidos.

- Olhem para vocês! – eu disse orgulhosa –
Prontos para uma nova vida...

Thomas se aproximou de mim e murmurou:

- A senhorita tem visita.
- Quem?
- O senhor Stanford.

Senti um frio na barriga e minhas mãos
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vibraram. Ele tinha vindo para levar as crianças. Entretanto, eu não ia deixar. Escondi meu medo e sorri para os pequenos antes de sair. Há muito tempo, eu não tinha essa sensação de pavor eminente. Meu corpo tremia e eu engolia em seco para controlar meu nervosismo. Ele me esperava na varanda, e seus olhos impassíveis deslizaram sobre mim de uma forma que eu não saberia nomear, mas que me deixou inquieta.

- Bom dia, senhor Stanford – minha voz saiu de forma natural.

- Bom dia, senhorita Turner – ele devolveu no mesmo tom irônico.

- O senhor realmente voltou – eu disse com sarcasmo.

- Eu disse que viria, sou um homem de palavra.

- Uma palavra que para mim não vale nada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– eu devolvi – Não vou permitir que leve as crianças daqui. – falei diretamente.

- Soube que chegaram mais...

- Aqui, em Shetwood, pelo visto as notícias voam – falei tentando controlar minha vontade de agredir aquele homem – E sim, ontem vieram mais sete. E pelo que disseram virão mais.

Ele balançou a cabeça em negativa.

- Não pode ficar com eles aqui, alguns tem família!

- Que os pais venham busca-los – eu retruquei.

Eu sabia que apenas os pais tinham direito sobre os filhos e ele também.

- A senhorita está dificultando as coisas.

- O senhor também – eu dei um passo para ele – Os pais podem vir buscar os filhos se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quiserem, mas quantos aos órfãos, o senhor não tem qualquer direito sobre eles...

Ele tirou um papel da casaca e me entregou.

- O que é isso?

- Um documento assinado pelo pai deles, John Fowler, antes de morrer me dando autoridade sobre as crianças...

Eu senti o ódio me consumir. Estava assinado e selado pelo juiz de Shetwood. Fiquei desesperada e num ato impulsivo eu rasguei o papel.

- O que pensa que está fazendo? – ele perguntou chocado com minha atitude.

Joguei os pedaços no chão:

- Não tem mais autorização alguma, e rasgarei quantos forem necessários.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- A senhorita é louca!
- E o senhor um monstro!
- Pare de dizer isso – ele exigiu com o dedo em riste.

- E o que quer que eu diga? – eu perguntei exaltada – Ontem o senhor me disse que está tentando manter os negócios de seu pai em pé, mas a que preço? Olhe ao seu redor pelo amor de Deus, já se colocou no lugar dessa gente? Não precisa ir tão longe, coloque-se no lugar destas crianças, por favor! – eu quase implorei – O senhor não tem ideia de como é viver assim...

Eu não queria falar mais, estava tão nervosa e meus sentimentos tão fora de controle que eu seria capaz de cair em lágrimas bem ali, na frente daquele homem. E era a última coisa que eu desejava fazer.

- Vá até o estábulo, olhe para eles – eu pedi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem rodeios -Olhe para a felicidade, a tranquilidade em que se encontram e volte para sua maldita mina e veja o que faz com eles. A discrepância é enorme. Aqui são tratados com carinho e dignidade e qual o problema disso? O que estou fazendo de errado em dar-lhes uma vida melhor e um pouco de amor?

Ele ficou ali parado e estreitou o olhar. Senti que eu me encontrava no caminho certo, de algum modo estava atingindo o bom senso daquele homem o resto de humanidade que possuía.

- Eu lhe peço que passe um dia conosco. Caso, o senhor possa dar a eles uma vida melhor, eu os deixarei ir... – condicionei.

- A senhorita não tem muita escolha diante da lei – ele argumentou.

- Eu sei que não, senhor Stanford. Mas não estou pedindo nada demais, apenas que fique e observe e tire suas próprias conclusões...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não posso perder meu tempo aqui. – Ele não se compadeceu diante do meu argumento. Aquele homem era insuportável! Mas, eu não ia ceder também.

- Por que tem tanto medo? – perguntei.

Ele fez que não:

- Não tem nada a ver com medo, senhorita.

- Então, um dia na minha presença não vai mata-lo – eu lhe dei as costas – Venha, vamos começar a fazer camas, o senhor pode nos ajudar, se quiser.

- Tenho compromissos mais importantes. –
A voz dele soou atrás de mim.

- Tenho certeza que sim, senhor, por isso viajou de Londres até Shetwood e está aqui em minha casa! – eu o provoquei.

E comecei a caminhar em direção ao estábulo e o ouvi praguejar. Ele ficou parado algum
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo ali, olhando-me enquanto eu andava e senti um fogo queimar meu peito. Era tudo ou nada. Fiquei aliviada quando escutei seus passos atrás de mim, mas o que me surpreendeu foi Bob correr para ele sem latir e ficar esperando por um pouco de carinho. Cachorro traidor!

PERIGOSAS ACHERON

11

Quando as crianças viram Stanford, ficaram duras como uma pedra, mas eu resolvi tranquilizá-los.

- Crianças, deem bom dia para o senhor Stanford – eu pedi e eles fizeram – Ele veio aqui hoje para nos ajudar com os afazeres.

Ele os olhou atentamente. Óbvio que ficou surpreso por vê-los limpos e arrumados.

- Podem começar – eu disse e cada um seguiu seu caminho.

- Comprou roupa para eles? – ele me perguntou surpreso.

PERIGOSAS NACIONAIS

- E o que esperava? Eles estavam carregados de piolhos e carrapatos, senhor Stanford, e o que usavam eram trapos... Não podia deixá-los daquela forma.

- Se fizer isso para todos do acampamento, levará sua família à falência...

O comentário dele me irritou.

- Tenho economias, senhor – eu comprimi os lábios para não xingar e prossegui – E pelo que vejo, tudo em sua vida envolve dinheiro, deveria mudar sua maneira de pensar. Há mais prazeres que enriquecer.

Ele olhava tudo ao redor incrédulo:

- Acha mesmo que fazer tudo isso vai curar suas dores?

Eu franzi o cenho e me virei para ele. Agora ele tinha toda a minha atenção:

- Sobre o que está falando?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele hesitou, mas respondeu:

- Eu ouvi sua conversa com o jovem Ted há pouco – ele me contou e eu fiquei vermelha de raiva – Não foi propositalmente – ele desculpou-se – Foi por um acaso e ouvi quando falou sobre seu pai e sua vida nas minas.

- E o que tem? – cruzei os braços, nervosa.

- Está ajudando estas crianças para aliviar a culpa que sente por terem lhe dado uma vida melhor – ele concluiu.

Eu não acreditei no que ouvia.

- O senhor é louco! Faço isso porque fizeram por mim, mas não por culpa, mas por amor.

Ele riu de mim, incrédulo.

- Amor? – ele debochou.

- E por qual outro motivo seria? O que eu ganharia com isso? Por que tem tanta dificuldade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em acreditar no amor, senhor Stanford?

Ele me olhou sério, de repente.

- Este tipo de sentimento não existe – respondeu seco.

- Claro que existe – eu insisti – É o mesmo sentimento que fez seu pai largar tudo, para viver ao lado de sua mãe depois que ela ficou doente.

Ele estreitou o olhar:

- Como sabe disso?

- O senhor sabe detalhes da minha vida e eu sei da sua – encolhi os ombros – Estamos quites.

Ele fez que não:

- Meu pai agiu errado...

- Por que? Apenas pelo fato dele ter-lhe dado responsabilidades que não queria?

- Isso não é da sua conta!

- Não é! Realmente, eu não tenho nada a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ver com o que faz de sua vida, senhor. Mas me compadeço quando vejo alguém arruinar a própria história por medo.

Os olhos dele ficaram escuros de raiva. Acho que ele queria me matar. Era melhor eu sair dali.

- Já que se pré-dispôs a ficar aqui, pode começar ajudando Thomas e os meninos – eu avisei – Tenho meus afazeres e são muitos.

- Pensei que a senhorita só desse ordens.

Eu passei por ele e não contive o sorriso no rosto ao dizer:

- O senhor não sabe de nada – e fui em direção à casa.

Até a hora do almoço, eu não o vi mais. Tinha receio que ele fosse embora e tentasse levar as crianças à força, mas no estábulo tudo parecia calmo e tranquilo. As meninas e Lucy levaram o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

almoço para eles e eu fiquei na casa algum tempo sozinha. Não queria admitir nem mesmo para mim que a presença daquele homem me incomodasse, mas era algo inevitável e ele fazia minhas emoções oscilarem entre o desprezo e a compreensão.

Levei um tempo e entrei para ver Robert Stanford rindo com Thomas. Não pude evitar o contentamento que senti ao vê-lo sorrir, ele realmente era um homem bonito e agradável aos olhos. *Aquele homem sabia rir? O que ele estaria dizendo ao menino?* Perguntei-me curiosa. Ele levantou o olhar e me viu. Eu me senti como se tivesse levado um empurrão. Ele retomou sua seriedade e eu não conseguia desviar o olhar, mesmo constrangida.

Uma das crianças gritou e chamou por mim, olhei para ela e mandei todos lavarem as mãos, antes de acomodarem-se. As crianças

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fizeram algazarra, mas ao se aproximarem da mesa e notarem meu olhar severo, eles se comportaram pedindo desculpas e se sentaram calmamente. Thomas fez a prece e eu servi a todos com a ajuda de Lucy.

Surpreendi-me ao ver Stanford sentando ao lado de Ted de forma amigável. Por um instante, pensei que ele se recusaria a comer um almoço tão simples.

- Posso servi-lo? – eu quis saber.

Ele me olhou com certa simpatia:

- Por favor, senhorita – pediu e sorriu.

Minhas mãos tremiam e eu não podia fazer nada para controlá-las.

- Está nervosa, senhorita Turner? – Ted quis saber.

Crianças e sua inconveniência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não – eu menti, forcei um sorriso e me afastei.

Servi mais alguns e me sentei para comer, mas sem apetite. Como eu poderia fazer uma refeição sabendo que aquele homem poderia me tirar as crianças a qualquer momento? Por várias, vezes enquanto as crianças falavam, nossos olhares se cruzaram e eu enxergava naqueles olhos azuis certo deboche. Será que meu plano estava dando errado? Será que ele não conseguia olhar para um momento como aquele e sentir o amor que eu dedicava àqueles pequenos? E como eles estavam felizes?

Aquela situação me deixava ansiosa. Por mais que lutasse a favor daquelas crianças, eu sabia que a lei estava do lado de Stanford e ele poderia leva-los quando quisesse. Eu apenas suplicava a Deus que tocasse seu coração, em algum recôncavo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de sua alma e o fizesse enxergar minhas boas intenções. Meu coração ficou pesado e eu não toquei mais na comida.

Passamos o dia ajeitando as coisas. Os homens conseguiram fazer mais duas camas, mas necessitávamos de mais. E ainda colchões. Eles poderiam dividir as camas no começo, mas eu imaginava que se mais crianças chegassem, mais trabalho eu teria. Eu povoava minha mente daquelas preocupações para não pensar no fim do dia, e no que Stanford faria. A chegada de Gregory aliviou minhas angustias e fomos para o estábulo para que eu lhe ensinasse a ler e escrever. Meu amigo surpreendeu-se ao ver Stanford com um serrador nas mãos, cortando a madeira, concentrado no que fazia. Seus cabelos dourados pendiam sobre o rosto e a camisa branca estava dobrada até o cotovelo. Sua pele era bronzeada de sol e ele parecia muito atento ao trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu apenas não compreendia porquê de repente achei aquela cena encantadora, fazendo meu coração palpitar. Eu deveria estar ficando louca.

- O que ele faz aqui? – Greg me perguntou ao sentarmos.

- Temos um acordo, agora. – Eu contei sentando-me de costas para Stanford.

- Acordo? – a voz dele soou incrédulo – Fez um pacto com o diabo?

Ele tinha razão, mas eu era orgulhosa demais para admitir. Eu o olhei impaciente:

- Eu precisava fazer alguma coisa para que ele não levasse as crianças – expliquei – E pedi a ele que passasse um dia conosco, para ver como a vida dos meninos é melhor longe das minas.

- E acha que isso vai adiantar alguma coisa? – perguntou cético.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu não sei, Greg. Mas eu estava desesperada e precisava tentar qualquer coisa.

Ele me compreendeu.

- Espero que tenha sorte.

- Eu também.

Senti minhas costas queimarem e olhei para trás. Stanford tinha parado para beber água e olhava para nós. Havia reprovação em seu semblante. Depois do comentário dele na noite anterior, deveria pensar que eu Greg estávamos comprometidos. Ele que pensasse o que quisesse, eu não lhe devia satisfações! Desviei o olhar para Gregory e comecei a lhe ensinar.

O tempo voou e logo estávamos reunidos para o jantar. Stanford saiu do estábulo, e concluí, então, que ele partiria, mas ele voltou segundos depois, e ficou sentando ao lado das crianças, observando-as com atenção. E prosseguiu sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estadia enquanto eu lhes ensinava e depois quando passei a ler Romeu e Julieta.

Eu fiquei constrangida quando cheguei na parte em que Romeu diz à Julieta, no jardim dos Capuleto: *“Ai! Há mais perigo nos teus olhos que em vinte das suas espadas. Basta que me olhes com ternura e ficarei coraçado contra sua inimizade...”*. Ao ler em voz alta, isso imediatamente me remeteu à Robert e minha voz tremeu. Acabei fechando o livro e sorri para as crianças, sem ter coragem de olhá-lo.

- Chega por hoje – eu disse tensa – Foi um dia cansativo e precisamos todos descansar, amanhã teremos muito o que fazer.

Eles chiaram, mas obedeceram. Fui com Gregory até o portão e me despedi dele. Quando voltei o olhar para casa, Stanford estava ali parado me esperando. Meu coração acelerou. Era a hora da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

verdade.

- Fiquei abismada com seu trabalho aqui hoje – eu comentei me aproximando.

- Se me dispus a ficar, pelo menos, tinha que ser útil. – Ele comentou vestindo a casaca.

- E o que achou?

Eu não deveria ter perguntado, mas eu estava ansiosa demais para saber.

- Tem uma bela casa – ele se fez de desentendido.

- Não estou falando disso!

Ele sorriu charmoso.

- Eu sei... – ele passou por mim em direção a cerca.

- Não vai dizer nada? – eu o segui.

- Não...

- Não pode fazer isso! – protestei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Posso fazer o que quiser, senhorita – ele abriu o portão e foi até o seu cavalo preso numa árvore.

- Ficou o dia todo aqui e não tem nada a dizer? – perguntei incrédula. Deixando a ansiedade me afogar.

Ele segurou a rédea do cavalo e se voltou para mim:

- Ainda é necessário fazer muitas coisas por aqui – ele comentou.

- Estamos fazendo o que podemos – defendi.

- É um bom trabalho. Tem muitas pessoas empenhadas em ajuda-la...

- E?

- E mais nada.

Eu me controlei para não gritar com ele.

PERIGOSAS ACHERON

Aquele homem conseguia me tirar do sério.

- Por que está fazendo isso?

- Eu voltarei amanhã... – ele não respondeu.

- E se eu não quiser que volte? – eu o desafiei.

Ele me olhou de forma indolente:

- A escolha é sua...

Nós nos encaramos e o silêncio da noite ficou ensurdecedor. Aquele homem era como uma serpente, eu sabia disso e deveria me afastar, mas ao mesmo tempo, eu não podia evitar aquela sensação de formigamento na base do estômago toda vez que ele me olhava. Começou eu não sabia quando, mas deveria terminar ali.

Mesmo assim, eu não me apartei. Seus olhos se prenderam aos meus e eu engoli em seco. Ele ergueu a mão e tocou meu rosto, seus dedos eram quentes e uma sensação gostosa atravessou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu corpo todo. Minha pulsação aumentou e eu tinha a impressão que meu coração estava batendo dentro dos meus ouvidos. O rosto dele foi se aproximando do meu bem devagar, como uma tortura. Senti seu hálito quente contra o meu e instintivamente abri os lábios para respirar e fechei os olhos.

Um galho se quebrou atrás de nós e eu me virei de uma vez. Levei a mão ao peito com o susto, mas eu sabia que o coração batia forte por outro motivo.

- Quem está aí? – eu perguntei me afastando.

Bob veio correndo e latindo. Olhei para o cachorro pensando que ele era um falso, que ele podia ter me salvado bem antes do galho se quebrar, latindo contra Stanford, mas agora, eles pareciam amigos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um grupo de crianças surgiu detrás do pinheiro. contei ao todo cinco.

- O que significa isso? – Stanford perguntou irritado.

Eu olhei para ele:

- Significa que o senhor pode vir amanhã, teremos mais trabalho... – eu avisei e olhei para as crianças, aturdida.

PERIGOSAS ACHERON

12

- Beatrice! Beatrice!

A voz de Lucy me tirou do sono. Virei na cama e a vi parada à porta do quarto.

- É melhor se levantar – ela falou depressa – Precisa ver uma coisa.

Eu franzi o cenho e esfreguei o rosto antes de jogar o lençol para o lado, tirar o camisolão e colocar apressadamente meu vestido. Quando saí de casa, surpreendi-me ao ver uma carroça de madeira sendo descarregada por dois homens. O material era todo levado para o estábulo.

- O que está havendo aqui? – eu perguntei a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lucy.

- Mandaram entregar a madeira – ela olhou para mim com um sorriso largo.

Eu sorri também. Meu pai com certeza era um homem surpreendente.

- Como meu pai ficou sabendo que precisávamos de mais madeira? Escreveu para ele? – eu quis saber.

- Não foi seu pai, senhorita. Foi o senhor Stanford.

Ela somente podia estar brincando! Havia algum engano.

- O que? Não pode ser!

Ela virou-se para mim e tocou meu ombro:

- Foi o que os homens disseram e eles ainda vão trazer mais duas carroças como esta -ela me informou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- E por que ele faria isso?

- Tem que perguntar a ele, querida – ela tocou meu ombro - Talvez, ele não seja tão ruim quanto parece.

Ela voltou para dentro da casa e eu fiquei ali parada, olhando a carroça sem entender nada. Por que ele mandaria mais madeira se queria levar as crianças embora e na noite anterior ficou furioso com a chegada de mais em minha casa? Homem louco. Eu não ia ficar perdendo meu tempo e pensando nele, havia um monte de coisas para fazer. Entretanto, mesmo que eu não quisesse, toda vez que olhava aquela quantidade de madeira estocada, eu pensava em Robert Stanford e era remetida para aquele momento estranho entre nós. Eu não sabia e nem desejava nominá-lo de outra forma.

Eu ainda podia me lembrar daqueles olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

azuis me engolindo, do toque da mão dele no meu rosto. Era impressão minha, ou se as crianças não tivessem chegado ele teria...

- Senhorita Turner – a voz de George me despertou dos devaneios. Eu estava cortando o cabelo de um dos garotos.

- O que foi querido?

- Tem uma senhora querendo lhe falar.

- Comigo? – eu estranhei – Ela disse o nome?

- Acho que é senhora Burgh – ele me contou – Ela está na casa, esperando.

Taylor? O que ela faria na Casa da Colina? Enxuguei minhas mãos no avental e sai até a casa. Entrei e encontrei Taylor tirando as luvas e olhando ao redor.

- Senhora Burgh – eu disse educadamente – É um prazer vê-la.

PERIGOSAS ACHERON

Ela me sorriu com cordialidade.

- Tenho certeza que não – ela riu de repente como se contasse uma piada – Desculpe-me, Beatrice, mas acredito que a última vez que nos encontramos, não foi muito amigável.

Eu não disse nada, apenas aguardei os motivos dela para estar ali.

- Bem – ela ajeitou as saias – Nada mudou por aqui, não é?

- Não... Alguns detalhes, talvez...

- Eu imagino. – Ela fez uma pausa e me encarou – Não se fala em outra coisa na cidade que não seja seu abrigo para crianças...

- Abrigo? – eu franzi o cenho e me aproximei interessada – Sobre o que está falando? – eu me sentei de frente para ela.

- Bem, dizem que as crianças estão abandonando a mina e vindo para cá, é verdade?

- Sim – eu não tinha porque negar.

- E que a senhorita tem o apoio de Robert Stanford, já que ele está comprando tudo para ampliar seu estábulo...

Eu não pude evitar minha surpresa ao receber a notícia. O que aquele homem queria fazendo aquele repentino ato de bondade?

- Não sei disso, senhora. Eu e ele – eu hesitei – Ainda não conversamos.

- Primeiro quero que me chame de Taylor – ela encolheu o ombro – Sou quase sua tia. E segundo, não estou aqui para fazer fofoca, quero ajudar.

- Ajudar? – eu estranhei.

- Sim – ela sorriu confiante – Conversei com meu marido e ele permitiu que eu a ajudasse a cuidar das crianças algumas vezes na semana.

Eu fiquei espantada com aquela súbita
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajuda. Primeiro, Stanford ampliando meu estábulo, e agora, Taylor. Eu temia que o mundo acabasse.

- Toda ajuda é bem-vinda. Mas não acha que vão falar da senhora por estar aqui?

Ela riu outra vez e lágrimas vieram aos seus olhos:

- Pobre, Beatrice. Eu ajudei a criar todo o mito de maldição desta casa. Acha mesmo que vir aqui faria alguma diferença aos cidadãos de Shetwood? – ela não esperou resposta – Eles me odeiam porque decide assumir meu amor pelo senhor Burgh, acredito que conhece a história toda.

- Sim – eu não menti.

- E então, vai querer minha ajuda?

- Claro que sim – eu finalmente sorri – Vai ter muito trabalho por aqui, e a senhora pode auxiliar Lucy para que eu possa coordenar outros serviços...

PERIGOSAS ACHERON

- Será ótimo – ela levantou-se e estendeu a mão para mim – Não sabe o que bem que está fazendo me deixando voltar aqui.

Eu pensei o que minha mãe acharia disso. Mas não toquei no assunto, seria indelicado, já que elas não se falavam há dez anos.

- Eu virei amanhã bem cedo – ela disse e partiu.

Lucy ficou parada olhando para mim:

- Vai aceitar a ajuda desta mulher? – ela perguntou com desprezo.

Eu ignorei o tom reprovador das palavras.

- E porque eu não faria isso? – eu perguntei.

- Ora – Lucy se aproximou de mim – Ela roubou o marido de uma outra. A esposa do homem sucumbiu à morte pela vergonha. A senhorita mesma ouviu a senhora MacCallister contar outra

PERIGOSAS ACHERON

noite a história.

- A senhora MacCallister é venenosa demais para que eu ouça suas palavras – argumentei – Além disso, vamos ter muito trabalho daqui para frente, e toda ajuda é bem-vinda.

- Senhorita Turner, eu tenho que lhe dizer...

- A senhora tem que fazer o que peço – eu a cortei com delicadeza – E não sei como minha mãe reagiria se soubesse que destratou a irmã dela – eu ponderei.

- Sua mãe é uma condessa agora...

- Meu Deus! – eu fingi espanto – E ela perdeu o amor pela irmã por causa disso? – fiz que não – Além disso, Lucy, o que a senhora Burgh faz da vida dela, não me interessa – e antes que ela prosseguisse com suas lições de moral, finalizei: - Vou falar com Thomas, acredito que vamos precisar de um chiqueiro e um galinheiro aqui,

PERIGOSAS NACIONAIS

além de uma horta, para tornar os gastos menores – e antes de sair voltei para ela – Talvez precisemos até mesmo de uma vaca para o leite da manhã...

Saí e meu sorriso desapareceu ao ver o senhor Stanford conversando com Thomas perto do estábulo. Eles deviam estar conversando sobre a edificação, porque apontavam para ela o tempo todo. Senti um gelo na barriga e minhas mãos suaram. Olhei para mim: meu avental estava sujo e meu vestido era o mais velho que tinha. Sem perceber, alisei as roupas e ajeitei meus cachos muito loiros, mas eles teimavam em sair do rabo de cavalo. *Em Londres, eu seria facilmente confundida com uma empregada da casa, meu pai ficaria decepcionado comigo,* pensei. Quando notei que eu estava preocupada com a minha aparência por causa daquele homem, me repreendi e franzi o cenho, caminhando na direção deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Thomas notou minha chegada e parou de falar, Stanford voltou-se para mim e aguardou que eu me aproximasse. Sua expressão era impassível e linda, infelizmente. Meu coração deu um salto. O homem, de repente, se tornara o bom moço e eu estava comovida por isso e irritada por minha fraqueza.

- Vejo que já está planejando a reforma – eu disse cruzando os braços. Na verdade, eu aguardava por explicações.

- Espero que não se ofenda porque estou querendo ajudar...

Eu balancei a cabeça e Thomas pediu licença e se afastou.

- Ajudar? – eu o encarei séria – E por que *o dono das minas* me ajudaria?

- Quer mesmo saber?

- Claro...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele deu um passo para mim. *Próximo demais*, minha razão disse. *Longe demais*, a loucura soprou.

- Não posso impedir que as crianças venham para cá – ele admitiu – Realmente, eu teria que contratar um advogado de Londres para morar em Shetwood e brigar por cada uma delas, já que seus pais não parecessem dispostos a isso e seria extremamente dispendioso – ele soltou o ar dos pulmões – E ainda ter energia suficiente para convencê-la a não me matar, cada vez que eu fizer isso.

Era impressão minha ou ele estava sorrindo? Não é possível que ele achasse que eu acreditaria naquelas simples palavras?

- E então acordou hoje com vontade de me ajudar? É um pouco contraditório, senhor Stanford.

Ele franziu o cenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Há certas coisas que não se explicam, senhorita – ele sibilou.

- Tem razão – concordei com ele - E o que quer em troca?

- Nada...

- Nada? – perguntei incrédula – Vai me dizer que fará tudo isso sem cobrar *nada*?

- Não cobrarei - ele disse sério.

Não acreditei nele.

- Está mentindo... É um homem que pensa apenas em dinheiro, não pode ter mudado do dia para a noite e agir de forma tão fraternal...

- E por que não? – ele me questionou.

- Porque ninguém muda sem que seja de sua índole, senhor.

- Mas eu não mudei – ele assegurou – Estou apenas agindo de uma maneira, digamos –

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele pensou por um instante – Diferente do que costume fazer.

- E vai fazer isso e não vai tentar levar minhas crianças embora? – duvidei.

- Por que eu faria isso se estou disposto a ajudar? – retrucou.

Encolhi os ombros:

- Não faço a mínima ideia, eu não o conheço, e não confio no senhor – passei por ele e voltei – Senhor Stanford, eu espero realmente que esteja ajudando, porque se estiver tentando me enganar...

- O que vai fazer? – ele comprimia os lábios para não rir. Uma mulher do meu tamanho ameaçando um homem duas vezes maior.

- Eu... Eu... – eu fazia ideia do que dizer – Eu lhe darei uma lição que jamais vai se esquecer! – disse a única coisa que me veio à mente.

PERIGOSAS ACHERON

- Tenho certeza que não dormirei esta noite, preocupado com isso, senhorita – ele disse com falsa educação, os olhos brilhando divertidos.

Eu sabia que havia ficado vermelha e me afastei novamente, ele estava rindo de mim, eu nem precisava olhar para ter certeza. O pior foi que também não contive o sorriso.

13

- Ele realmente está ajudando? – Greg me perguntou quando chegou aquela tarde.

Eu estava parada do lado de fora do estábulo olhando para Thomas, Robert e mais dois homens que começavam a marcar a terra para o início da obra. Robert Stanford havia decidido aumentar o estábulo para que coubessem mais crianças. Eu não conseguia entender, aquele homem era louco? Por que ele teimava em ajudar?

- Está – eu respondi encolhendo os ombros.

- Ele é um bom homem, Beatrice – Greg falou admirado – Está ajudando quando não tem

motivo algum para isso.

Eu não tive tempo para responder, Greg seguiu em frente e se juntou a eles. Stanford o cumprimentou e olhou para mim. Levei um choque e me virei, caminhando apressadamente em direção a casa. Passei o resto do dia amarga vendo todos tratando Stanford com atenção e respeito, como se ele fosse um deus. Até mesmo as crianças estavam à vontade na presença dele, e riam com ele. Aquilo me irritava profundamente. Será que apenas eu não conseguia enxergar boa intenção no que ele fazia? Será que somente eu não podia perdoar o monstro que chegou a minha casa me ameaçando e agora se transformara milagrosamente no bom moço?

Eu o ignorei todo o tempo, sentindo-me ofendida com seus atos de benevolências, tão discrepantes do homem que conheci. Greg estava tão entusiasmado com a reforma, que sequer

PERIGOSAS NACIONAIS

tivemos aulas a tarde, notei que ele fazia tudo que o “Senhor Stanford” pedia. Por fim, ninguém teve aulas, terminaram de jantar e foram ajudar lá fora e quando passei por eles, o esqueleto de uma nova área do estábulo estava erguido.

- Não é admirável? – Lucy perguntou olhando da varanda da casa. – Este homem está fazendo um milagre para nós!

Eu olhei para trás. Sim, ele estava, mas a que preço? Olhei para ela revoltada e fui para o meu quarto. Não saí mais dele e aproveitei o tempo de sobra para escrever para meus pais e contar as novidades, inclusive sobre um certo filho de um Duque que estava virando minha vida do avesso e atrapalhando tudo. Acordei mais cedo na manhã seguinte e fui à cidade caminhando. Desde que havia chegado à Shetwood, eu não havia me dado esse prazer de passear pela floresta e respirar ar

PERIGOSAS ACHERON

puro. Poderia ter ido de carruagem ou a cavalo, mas nada melhor do que um bom passeio para colocar os pensamentos em ordem e eu era toda confusão.

O sol começava a brilhar no horizonte refletindo nas folhas verdes da natureza. Comecei a divagar em como seria meu futuro diante daquela situação. Por um instante, eu pensei em nunca mais voltar para Londres e ficar ali, cuidando daquelas crianças para sempre. O pensamento não era desagradável, ao contrário, ficar na Casa da Colina, me parecia tudo o que eu precisava para viver. Mas eu não sabia como convencer meus pais disso, eles jamais permitiriam.

Cavaleiro e sua montaria surgiram de repente do meio da floresta de eucaliptos e eu levei um susto. Entretanto, fiquei mais aterrorizada ao constatar que se tratava do senhor Carter. Ele parou o cavalo diante de mim. Tentei passar, mas ele não

PERIGOSAS NACIONAIS

deixava, impedindo meu caminho.

- Bom dia, senhorita.

Não respondi e dei a volta por trás de seu cavalo e continuei descendo rapidamente, aquele homem me causava asco. Ele começou a me seguir.

- Um dia lindo para um passeio solitário...

Aquela frase me fez arrepender de ter descido a colina a pé e sozinha. E por ter esquecido de pedir a Thomas que me ensinasse a atirar. Caso estivesse carregando uma arma comigo agora, poderia me defender daquele homem asqueroso.

- É perigoso para uma senhorita – ele comentou – Poderia ser atacada por um forasteiro.

Comecei a andar mais depressa e ele riu. Meu coração tamborilava dentro do peito e eu senti medo quando ele aumentou o trote para me acompanhar. O que aquele homem queria comigo? Ele passou na minha frente e me impediu de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prosseguir. Levantei o olhar para ele e o verme desceu do cavalo e se aproximou.

- O que quer comigo? – perguntei fingindo não estar morta de medo.

Ele parou diante de mim e me fitou com desprezo:

- Está destruindo meu negócio, senhorita e eu não gosto disso...

- Não estou destruindo nada, senhor Carter.

- Acha mesmo que vou permitir que roube meus empregados?

- Não estou roubando nada – eu retruquei.

Ele deu um sorriso mostrando os dentes amarelados.

- Engana-se se acha que vou cair em seus caprichos de moça rica, como Stanford caiu – ele falou.

PERIGOSAS ACHERON

- Não sei do que está falando...

Ele ergueu a mão para tocar a trança em meu cabelo e eu me afastei enojada.

- Acho que sabe – ele abaixou a mão e soltou uma risada debochada – Conheço seu jogo.

- É melhor sair da minha frente, senhor – eu disse e tentei passar, mas ele segurou meu braço com força.

- Solte-a – a voz autoritária soou atrás de nós, antes mesmo que eu gritasse.

Eu não podia estar mais aliviada por olhar para trás e ver Robert Stanford em seu cavalo branco, avançando em largo galope. Carter me soltou e deu um passo para trás. Stanford desceu do cavalo e veio até nós, com passos determinados, cego de raiva, me empurrando para trás e se colocando a frente de Carter.

- O que pensa que está fazendo? – ele

vociferou.

- Estou apenas mantendo uma conversa amigável como uma vizinha – Carter disse ardiloso.

- E precisa colocar a mão nela para isso? – ele o questionou. Carter não respondeu, mas seus olhos negros eram uma tempestade de fúria. - O que quer com a senhorita Turner?

- Você sabe – Carter disse irritado.

- Nós não ameaçamos senhoritas, Carter – ele disse visivelmente irritado – E já conversamos sobre esta situação, eu me lembro.

- Ela está roubando nossos empregados! – Carter se exaltou.

- E virão outros – Robert respondeu – Chegam pessoas todos os dias para trabalhar nas Minas, não podemos impedi-las de partir se quiserem. Sou o sócio majoritário da mina e digo que o senhor não tem nada para tratar com a

PERIGOSAS NACIONAIS

senhorita Turner, fui claro?

Carter olhou para mim com ira e depois para Stanford:

- Muito claro – ele virou-se e montou em seu cavalo, metendo o chicote na anca do animal, que relinchou e saiu depressa.

Eu soltei o ar dos pulmões e Robert voltou-se para mim, segurando-me pelos braços.

- A senhorita está bem? – ele quis saber – Ele lhe fez algum mal?

- Não... – eu fiz que não.

- Está pálida, é melhor se sentar antes que desmaie – ele me empurrou contra a lateral da estrada de cascalho, e me fez sentar sobre uma grande pedra – Respire fundo e com calma – ele pediu. A mão dele sobre o tecido do vestido era firme e reconfortante. Eu obedeci porque realmente me sentia mal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sinto muito pela atitude do senhor Carter... – ele desculpou-se.

- Não concorda com ele?

- Não mais – ele respondeu com um sorriso.

Acho que o sol da manhã estava me fazendo mal. Eu queria sorrir também.

- Mudou mesmo de ideia? – eu perguntei incrédula.

- Sim – ele assentiu.

Eu meneei a cabeça:

- Acredito que arranjou uma briga feia com seu sócio, senhor Stanford.

- Nada que uma boa soma de dinheiro não resolva – ele argumentou e sorriu amargo, olhando ao redor e voltando-se para mim.

- Ele está com muita raiva – eu apontei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu sei, Carter é como todos os outros, apenas pensa no dinheiro...

- Como o senhor...

- Sim – ele admitiu – Mas posso abrir algumas exceções, senhorita.

Eu fiz que não:

- Isso parece tão absurdo...

- Minha atitude?

- Sim.

- É porque nos conhecemos muito pouco, senhorita Turner. Por isso, temos liberdade em pensar mal um do outro.

Ele me encarou e eu não pude discordar de seu argumento. Eu não conhecia nada sobre ele, a não ser o que Lucy havia me contado, o mal-estar que havia entre nós e aquele sentimento estranho de benevolência que me acometia quando eu me

PERIGOSAS ACHERON

recordava das palavras dele há noites atrás.

Eu inspirei e me levantei.

- Acho melhor seguir meu caminho, senhor Stanford...

- Não é bom que fique sozinha – ele ponderou – Carter pode não ter ido embora.

Eu olhei para a estrada. Ainda havia um longo caminho até Shetwood. Era uma hora de caminhada. Ele tinha razão e eu estava realmente com medo de prosseguir sozinha, então me virei e disse:

- Mas há só um cavalo...

Ele compreendeu minha condição. Não éramos nem próximos para dividir a mesma montaria, seria indecoroso demais.

- Posso caminhar ao seu lado – ele propôs.

- Não quero lhe causar tamanha fadiga –

avisei.

- Será um prazer.

Meu corpo estremeceu quando o ouvi dizer aquela simples frase. Não podia e nem quis argumentar contra, e uma companhia seria bom durante a caminhada. Ele pegou a rédea do cavalo e se colocou ao meu lado, começamos a andar.

- Tem o costume de passear pela estrada? – ele perguntou quebrando o silêncio formado nos primeiros minutos constrangedores.

- Não – eu sorri desviando o olhar da paisagem para ele – Não tive muito tempo para isso e ... Fiz muito isso quando era criança.

- Aqui é um lugar bonito – ele comentou.

- Sim, muito. Não vinha aqui há dez anos, desde que aconteceu o acidente na mina e Phedra se casou com Vincent e eles foram para Londres.

- Não gosta de Londres, não é?

PERIGOSAS NACIONAIS

Admirei a percepção dele ao notar isso.

- Não muito, senhor Stanford. Não sou uma aristocrata, nasci em berço simples, gosto deste estilo de vida, não de bailes e saraus e toda aquela etiqueta e moralismo – eu ri – Meu pai fica louco comigo.

- Por isso não aceitou se casar com o Conde de Arnou?

Eu me ofendi com tal pergunta:

- Isso realmente não é da sua conta, senhor – eu disse e olhei para frente.

- Foi uma simples pergunta – ele se ofendeu.

- Gostaria de falar sobre sua noiva, a senhorita Alegria Keller? – retruquei.

- O que quer saber sobre ela? – me perguntou com naturalidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Nada, ora – eu hesitei – Não pode querer falar sobre sua vida pessoal comigo!

- E por que não? Pelo visto a senhorita já sabe de tudo – ele me acusou.

- As pessoas falam senhor Stanford, não posso impedi-las – argumentei.

- Eu imagino que não... – ele disse com ironia.

- Acha mesmo que fiquei interessada em sua vida? – eu ri dele – Poupe-me por favor! Até atravessar meu portão e se passar pelo carpinteiro, eu não tinha ideia de quem o senhor era.

- Eu notei – ele riu – E aqui estamos nós tentando manter uma conversa civilizada – ele concluiu – Pretende morar na Casa da Colina?

- Eu ainda não sei, senhor. Não conversei com meus pais sobre isso... Havia prometido voltar para casa logo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não creio que seja uma filha obediente – ele observou – Acredito que queira ficar aqui.

- Talvez esteja certo, mas o tempo dirá, prefiro não fazer planos.

Ele pareceu compreender:

- Eu confio que é o melhor que faz...

- Não gosta de fazer planos, senhor Stanford? – eu quis saber.

- Já tenho uma vida planejada, senhorita, há muito tempo. Duvido que eu queira fazer mais planos do que já tenho...

- Fala como se não gostasse deles.

- E não gosto – admitiu para minha surpresa – Mas o que posso fazer? Há certos caminhos que um homem deve seguir para o bem de sua família.

Eu senti pena dele, embora ele não fosse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

digno disso. Mas era triste não poder fazer escolhas.

- Fala de seu casamento?

- Falo de tudo – ele desabafou de repente e eu o deixei falar – Como a senhorita, não nasci em lar abastado...

- É um órfão? – perguntei chocada.

- Não – ele fez que não e pensou por um instante antes de dizer – Até os dez anos eu pensava ser um bastardo, filho de uma empregada – ele começou a contar – Não sabia que era uma grande mentira e eu era filho de Farell Stanford e Meredith Willcox – ele sorriu – É uma longa história, mas meus pais se reencontraram e me encontraram e viemos para Londres, onde minha vida mudou radicalmente, passei a ser filho de um Duque e sempre tive grandes responsabilidades.

- E sua mãe adoeceu... – eu completei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sim e meu pai decidiu largar tudo por ela...

- Deve ser um amor muito forte... – observei.

- Quando tudo aconteceu, eu achei que não...

- E por que mudou de ideia? – eu perguntei olhando para ele.

Ele fixou o olhar em mim por um instante. Senti aquele calor morno e irrequieto pelo corpo e desviei o olhar para a cidade que aparecia lá embaixo. Resolvi não esperar pela resposta:

- Deve estar sentindo falta de casa – disse a primeira coisa que me veio à cabeça. Eu estava nervosa.

- Sempre sentimos – ele respondeu evasivo.

- Logo se casará e estabelecerá morada – eu falei e senti um mal-estar por isso – Shetwood
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficará apenas na lembrança.

Segui na frente dele mais apressada, sem entender meu súbito mau-humor... Ou eu entendia e apenas não queria enxergar. Ficamos em silêncio o restante do caminho e quando chegamos ao vilarejo, eu me despedi dele. Stanford amarrou o cavalo ao poste e se aproximou de mim.

- Vou acompanhá-la – ele me avisou – E não adianta argumentar, está decidido – e fez sinal para que eu fosse a frente.

Foi inevitável que nos tornássemos o comentário da cidade. Afinal, Robert me acompanhou em todos os lugares que eu precisava ir, e carregando minhas encomendas, como se fosse meu laçao. E eu não podia reclamar de nada, sua companhia era agradável. Notei que ele era bastante observador e vez ou outra dava algum palpite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tenho irmãs – ele justificou porque entendia tão bem sobre fitas – Duas meninas, Anne e Linda. Ainda são muito jovens, crianças – ele disse com carinho.

Consegui visualizá-lo cuidando atentamente de duas garotinhas tão loiras quanto ele e sendo carinhoso com elas, além de muito protetor.

- É para as meninas – expliquei e sorrimos um para o outro – Elas vão adorar, senhor Stanford.

Ele deu um passo para mim e eu o encarei acuada. Estávamos dentro da loja lotada de pessoas e eu sabia que estavam olhando para nós, mas eu estava tão preocupada com o calor que se apoderava de meu corpo, que esqueci do resto:

- Poderia me chamar de Robert, vamos trabalhar juntos e não há porque haver formalidades... – ele justificou, aqueles olhos azuis

PERIGOSAS ACHERON

enormes sobre mim.

Eu sabia que chamá-lo pelo primeiro nome seria uma tentação. Eu deveria resistir, mas a única coisa que consegui fazer foi assentir nervosa e ele se afastou satisfeito. Então, eu voltei a respirar.

Estávamos partindo quando passamos por um grupo de senhoras e ouvi uma delas dizer:

- Esta é igual a tia, não vale nada. Está roubando o homem de outra...

Eu ignorei e Robert também. Olhei para ele e encolhi os ombros:

- Não duvido que alguma delas escreva para o meu pai contando o que fizemos esta manhã... – comentei.

Paramos ao lado do cavalo dele e ele voltou-se para mim, com o cenho franzido:

- E o que fizemos?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Uma senhorita não deve ficar na companhia de um senhor comprometido – expliquei.

- Sinto se sua reputação foi manchada – ele falou com sinceridade amarrando as sacolas na cela – Contudo, não me importa o que pensam...

Eu fiquei aliviada por ouvir aquilo, temi que ele se arrependesse, afinal havia sido uma manhã tão agradável.

- Eu também não ligo, senhor. Deve saber a história de minha mãe, sua irmã Taylor e a Casa da Colina.

Ele fez que não atrapalhando os cabelos que brilhavam ao sol.

- Mas a senhorita pode me contar enquanto subimos a colina... – ele propôs com um charme encantador.

Eu comecei a caminhar e ele desatrelou o

PERIGOSAS ACHERON

cavalo e me seguiu:

- Bem, Phedra e Taylor eram filhas de Jack Johnson e moravam na casa da colina...

Eu contei tudo a ele. Sobre a vida delas, e de como era minha vida monótona e sem graça em Londres. E rimos juntos.

- Também fui criado no campo – ele me contou – Mais ao norte, em Pharousburg, uma propriedade que pertenceu ao Senhor Willcox, tio de meu pai e primeiro marido de minha mãe...

Eu ri diante da história.

- Deve estar chocada, mas é uma história interessante. – Ele garantiu.

- Não se faça de rogado, quero ouvir tudo – pedi.

E passamos a hora seguinte enquanto caminhávamos falando sobre nosso passado. Por incrível que pareça estávamos à vontade um com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

outro. Eu podia ouvir o canto dos pássaros, bem como o brilho do sol entre as árvores. Enquanto ele falava eu observei as folhas secas que caíam pelo caminho, o vento fresco que soprava trazendo o frescor do verão. A luz do sol estava alta e iluminava toda a Casa da Colina. De longe podia ouvir o som dos martelos trabalhando nas mãos hábeis dos homens. Caso não fosse a fumaça nas montanhas de Shetwood, a paisagem seria perfeita.

- Eu tinha a idade de Ted quando minha vida mudou radicalmente – ele comentou – Acho que por isso, ao passar um tempo com ele, consegui enxergar a verdade sobre muita coisa – confessou – Principalmente, me fez recordar quem eu era...

Então, não foi pela maneira como eu tratava as crianças, pensei com pesar. Mas fiquei feliz por ele encontrar um caminho que o levou à verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ele e os irmãos provavelmente morreriam de trabalhar nas minas – ele prosseguiu – E a única oportunidade que tem de conhecer um pouco de felicidade na vida é aqui...

Eu queria agradecer pela gentileza dele em notar isso, porém, tal sentimento ficou preso na garganta. Meu orgulho ainda era mais forte que meus sentimentos contraditórios por aquele homem. Ficamos nos olhando e eu senti uma paz diferente, eu queria abraça-lo e me aconchegar em seu peito e dizer: “tudo bem, o senhor tomou a decisão certa”.

- Que bom que chegaram! – a voz feminina e estridente soou da porta da casa e eu levei um susto como se estivesse fazendo algo errado.

Robert adiantou-se e abriu o portão para que eu entrasse, logo, ele me seguiu depois de tirar as encomendas da sela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Deixe-me apresenta-los – eu disse cordial me aproximando de Taylor – Esta é a Senhora Taylor Burgh, e este é o Senhor Robert Stanford.

Ela esticou a mão para que Robert a beijasse, mas ele simplesmente apertou levemente, para decepção de Taylor.

- Não é toda o dia que a gente conhece alguém da realeza – ela comentou com um sorriso largo.

- A senhora Burgh é irmã de minha mãe – expliquei.

- É um prazer conhece-la, senhora...

- O prazer é meu – ela falou de forma afetada e riu. – Onde vocês estavam?

Não gostei da forma como ela se dirigiu a ele. Fiquei irritada.

- Fomos à cidade fazer compras – eu respondi e passei por ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sozinhos? – ela olhou de um para o outro.

Eu não respondi, entrei na casa e ela me seguiu. Robert entrou atrás segurando os pacotes.

- Pode deixar tudo aqui, Robert, por favor.
– Eu pedi.

Ela ficou mais chocada quando me viu chama-lo pelo nome de batismo. Eu não estava disposta a dar explicações.

- O almoço já está pronto? – eu quis saber.

- Faz tempo – ela piscou para mim.

- Vou trocar de roupa e já me reúno a vocês, com licença – eu disse e corri para o meu quarto, fechando a porta.

Eu me recostei nela e respirei fundo. Senti que já não era dona das minhas emoções como antes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

14

- Não se fala em outra coisa na cidade que não seja sobre o seu passeio e do senhor Stanford – Gregory comentou quando chegou à propriedade naquela tarde.

- As pessoas em Shetwood não tem mais o que fazer? – perguntei erguendo uma sobrancelha, enquanto estendia roupas no varal.

- Sabe que não – ele debochou de mim.

Eu tive que concordar com ele.

- Como dizia minha mãe: deixem que falem, o que isso pode acarretar contra mim?

PERIGOSAS NACIONAIS

- Sua honra? – ele me questionou e pegou um prendedor no sexto para me entregar.

Era difícil aceitar que alguém naquele lugar pudesse ter poder sobre minha vida e meus atos.

- Acredito que isso não faz muita diferença agora – eu fingi não me importar – Estou longe de Londres.

- E ele também, Beatrice. O senhor Stanford está bem longe dos olhos de sua noiva.

Eu coloquei o lençol branco no varal e me abaixei para pegar outro.

- Isso não é problema meu – eu falei.

- Realmente não é um problema seu... – ele concordou – Caso você não estiver gostando dele.

Eu olhei para ele, atordoada:

- De onde tirou isso? – perguntei indignada.

- Somos amigos, e eu a conheço. Ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mexeu com a senhorita. Admita. – Ele disse com carinho.

Eu peguei uma roupa na bacia e me levantei, encarando-o:

- Não é da forma como está pensando, Greg – eu fiz que não – Robert – eu disse seu nome e Gregory arregalou os olhos como se eu tivesse falado uma praga – Quer dizer, o senhor Stanford me surpreendeu, mas como qualquer homem que faz algo bom faria. Ele me salvou da maldade do senhor Carter esta manhã, como não ser grata a ele?

Ele me fitou por um instante:

- Se está dizendo, mas não é o que parece... Acha mesmo que ele faria o que está fazendo apenas por solidariedade, Beatrice?

Eu não podia acreditar que fosse por outro motivo. Não havia lógica. Nós mal nos conhecíamos e ele era um homem comprometido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não se iluda por causa de fofocas de gente maldosa – eu me virei para colocar a roupa no varal.

- Eu vi o modo como se olham, Beatrice. É como eu olharia para Matilda se ela ainda me quisesse... – ele falou me deixando desconcertada. Abaixei os braços, mas não tive coragem de me virar para pegar outra roupa e encará-lo – Tome cuidado. Ele tem uma vida fora de Shetwood e você não faz parte dela.

Engoli a seco e o escutei se afastar. Gregory estava certo: eu e Robert nos olhávamos de uma forma diferente, e eu sabia disso, embora não quisesse admitir. E eu ainda havia abaixado a minha guarda depois de tudo o que ele fizera e por passar uma manhã adorável comigo e trocarmos confidências de maneira tão normal, como se fossemos amigos. Eu até podia dizer que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simpatizava com ele, porém, eu jamais almejaria ser sua prometida. Não havia lógica nisso.

Perdi toda a alegria do dia, essa era a verdade. Vi as horas passarem se arrastando sempre que a ideia que Robert partiria para sua noiva mais cedo ou mais tarde. E eu ficaria em Shetwood com as crianças. Eu deveria estar morrendo de felicidade, contudo, não estava e isso me deixava torturada. Com medo que Greg tivesse razão em muitas coisas.

Eu não jantei com eles, fiz minha refeição sozinha na casa, solitária. Podia escutar a risada deles vindo do prédio e me senti uma idiota por não estar lá. Fugir não adiantaria muita coisa, quando o que eu sentia estava dentro de mim. Saí apenas para dar aulas às crianças, mas eu não conseguia me concentrar.

Aquela noite, em especial, estava calor. O

PERIGOSAS ACHERON

suficiente para eu pegar um refresco e me sentar no banco da varanda. Bob veio se sentar aos meus pés e eu acariciei seu pelo macio. Ouvi a voz de George reclamando algo com Alfred e depois a risada dos demais. *Crianças...* O som da voz deles me trazia uma paz sem explicação.

- Qual o motivo de um sorriso tão bonito? – a voz de Robert soou ao meu lado e eu levei um susto.

Ele estava parado perto da pilastra, a noite encobria seu rosto, mas eu sabia que ele olhava diretamente para mim. O frio na barriga, o calor no colo, o coração martelando no ouvido. Aquelas não eram sensações boas. Deveriam ser, mas em outras circunstâncias. Ele segurava a casaca nas mãos e aproximou-se, sentando-se ao meu lado sem ser convidado, como era do seu jeito determinado. Robert não era o tipo de homem que esperava

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecer, ele fazia as coisas ao seu modo e isso me assustava. Eu me afastei o máximo que podia, enquanto meu cachorro traidor se aconchegou aos pés dele em busca de carinho.

- Eu reparei que não jantou conosco – ele observou.

- Eu tinha algumas coisas para fazer – menti indiferente.

- Sei... – ele aceitou a resposta.

- Fizeram um bom trabalho hoje, acredito que em pouco tempo tudo estará pronto... – eu disse séria falando sem parar, porque o silêncio entre nós era revelador demais.

- Não parece satisfeita com isso...

Eu preferia que ele me conhecesse menos.

- Eu estou feliz – assegurei.

- Não parece – insistiu.

PERIGOSAS ACHERON

Isso me irritou.

- O senhor não me conhece – eu finalmente olhei para ele.

- As pessoas gostam desta frase, não é? Para justificar seus problemas...

- Não estou tentando desculpar nada – eu disse e me levantei.

Ele também se levantou.

- O que foi que houve? Pensei que havíamos éramos amigos...

Amigos! Talvez esse fosse todo o problema, pensei amarga. Refleti o quanto eu era egoísta, querendo que a vida dele se transformasse, como os meus sentimentos haviam se modificado. Ele tinha uma vida fora dali e eu deveria ser menos tola e frívola.

- Desculpe-me – eu me virei para ele – O senhor tem feito tanto e estou lhe devolvendo desta
PERIGOSAS ACHERON

forma.

- Não quero que seja agradecida, Beatrice – ele disse meu nome e eu me arrepiei inteira.

- E o que mais eu poderia ser? – eu o questionei me fazendo de desentendida.

Ele deu um passo para mim e seus dedos tocaram os meus. Eu tentei afastar minha mão, mas ele foi rápido e a segurou com firmeza. Era uma sensação miseravelmente tão boa.

- Não faça isso, Robert – eu pedi.

- E por que não? – ele me questionou e ergueu a minha mão para beijá-la, sem tirar seus olhos dos meus.

Meu sangue era como água fervendo. Quando os lábios dele tocaram minha pele, eu senti uma vontade de chorar ridícula. Minha respiração se alterou e eu sentia que havia corrido até Shetwood sem parar.

- O senhor sabe por que não – eu falei com a voz estrangulada.

Eu queria tanto aquilo, por Deus, eu queria mais!

- Beatr....

A voz de Greg nos interrompeu e eu me afastei depressa, constrangida.

- Desculpe-me – Gregory falou extremamente desconcertado – Eu só queria me despedir.

Eu estava morta de vergonha e não conseguia olhar para Robert.

- Não precisa pedir desculpas – eu fui até Gregory – Voltará amanhã?

- Claro – ele assentiu depressa – Até amanhã, então. Senhor – ele fez sinal com a cabeça para Robert e depois voltou-se para mim – Beatrice... – e saiu apressado metendo a boina na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça.

- Acho que ele não gostou de nos ver juntos
– Robert comentou atrás de mim.

Eu me voltei para ele:

- Greg? Não! – eu fiz que não – Ele é apenas um grande amigo, devo minha vida a ele.

Ele veio até mim:

- Tem certeza que é somente isso? – perguntou possessivo.

Eu tinha que parar com aquilo. Seria melhor para todos nós.

- Tenho e isso não lhe diz respeito. Deveria estar escrevendo uma carta para sua noiva ao invés ficar beijando a mão de senhoritas – eu o reprovei.

Ele estreitou o olhar:

- Não tenho o costume de fazer isso com *as senhoritas* – ele retrucou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Certo – eu fingi concordar – Mas também não é adequado que o faça comigo. O senhor é um homem comprometido.

Robert pensou por um instante.

- Está bem, tem razão – ele concordou para meu total desespero – Eu peço desculpas – disse com mau humor e passou por mim, pegou a casaca em cima do banco e a vestiu enquanto caminhava em direção ao portão.

- Venha Bob – eu chamei meu cão e entramos na casa.

Lucy não me disse nada, apenas me olhou atentamente e depois entrou em seu quarto. Acredito que ela ouviu toda a conversa lá fora. Entrei em meu quarto e tranquei a porta. Foi bom ele ter ido embora e admitido que estava errado, era o que um homem honrado faria. Mas então, porque eu estava tão arrasada? Por que de repente eu sentia

PERIGOSAS ACHERON

inveja do futuro que Alegria Keller teria? Por que eu fechava os olhos e só conseguia pensar no beijo que aquele homem dera contra a minha pele?

Um calor insuportável tomou conta de mim.

Abri a janela e sentei na cama para ficar olhando o céu estrelado. Tentava compreender os enganos do meu coração, mas parecia impossível e elucidar o que me ocorria, me fazia sufocar. Eu não podia conceber qualquer pensamento a respeito de Robert Stanford sem me sentir uma mulher ingênua. Talvez, quando ele partisse, o tempo me ajudasse a curar daquela situação inesperada. Adormeci sem perceber e acordei com um grito ecoando pela noite. Pensei que pudesse vir de algum animal da floresta, mas outros vieram. Sentei-me na cama:

- As crianças! – eu levantei correndo

PERIGOSAS NACIONAIS

desesperada. Quando saí da casa senti o horror tomar conta de mim, estava tudo em chamas.

O estábulo estava pegando fogo e as crianças corriam de um lado para o outro, em pânico.

- Saiam daqui – eu ordenei.

- George está lá dentro! – Ted gritou acima do crepitar das chamas que estavam altas.

Eu fiz menção de correr para lá, mas alguém segurou meu braço.

- Deixe isso comigo, senhorita – Thomas ordenou e saiu a minha frente.

Empurrei os demais para o lado da casa, enquanto Lucy saía da casa e gritava por Thomas e George. Não era apenas o estábulo que estava em chamas, a parte de trás da Casa da Colina fora incendiada também e o fogo se alastrava pelo restante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Para perto da cerca! – eu gritei afastando as crianças da fumaça que tomava conta do lugar.

Lucy começou a chorar desesperada enquanto eu via o fogo consumir a chaminé da casa. Alguém colocou fogo em tudo, era desesperador.

- Thomas! – Lucy gritou quando parte da nova estrutura desabou.

Eu levei a mão ao peito, mas em seguida ele surgiu pela lateral oposta com George no colo, desmaiado. Ele correu para nós e colocou o menino sobre a grama fria. Lucy pôs a cabeça do menino sobre o colo e começou a chorar desesperada. De repente, George começou a tossir e todos ficamos aliviados, ele estava vivo. Felizmente ninguém havia se machucado. Os cavalos não conseguiram sair, bem como retirar a carruagem e todos nossos pertences.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Quem teria feito isso, senhorita? – Thomas perguntou atordado.

- Eu não sei... – Eu respondi atônita. Mas não pude evitar de pensar em Robert.

Meu coração se espremeu ao imaginar que ele fizera todo aquele jogo de bom moço para nos arruinar. Lembrei de suas palavras dias antes dizendo que um outro inimigo me enterraria naquela terra e colocaria fogo em tudo. Como eu fui tola! Senti que ele havia me usado, se aproximado de mim para agir de má fé. Eu sabia que ninguém poderia mudar assim do dia para a noite. Agora tudo fazia sentido para mim, não foi por acaso que ele me salvou das mãos de Carter, aliás, como não questionei ele aparecer assim tão de repente, num horário improvável quando aquele verme me abordava.

Stanford me seduziu para destruir tudo em

PERIGOSAS ACHERON

seguida.

Lágrimas vieram aos olhos e eu não pude contê-las. Robert havia me enganado. Tudo não passara de uma encenação para ele conseguir o que queria e sair de bom moço na história. Quem agora o acusaria de colocar fogo no lugar em que ele estava investindo? E pensar que eu havia começado a gostar dele.

Ao nascer do sol, a Casa da Colina era apenas cinzas. Pura desolação.

E coincidentemente, Robert Stanford surgiu em seu cavalo branco, antes do horário que sempre chegou nos dias anteriores. *Teria ele adivinhado o que estava acontecendo?* Eu me perguntei com ironia. Agora ele faria uma cena de susto e todos cairiam em sua lábia. Eu sentia raiva ao vê-lo, queria agredi-lo. Levantei correndo e fui ao encontro.

PERIGOSAS NACIONAIS

- O que houve aqui? – ele perguntou atônito – Dá para ver a fumaça da estrada!

Eu não acreditava mais nele.

- O que acha? – eu o olhei atentamente esperando qualquer vestígio dele que remetesse à traição.

Robert passou por mim e olhou tudo ao redor, depois voltou-se, preocupado.

- A senhorita está bem?

- Sim – disse magoada – George quase perdeu a vida, mas Thomas o salvou. Perdemos os cavalos, tudo, não restou nada.

- Eu sinto muito...

- Será que sente mesmo? – eu perguntei frustrada – Queria ver tudo isso aqui abaixo, senhor. Será que não bancou o bom samaritano apenas para agir na surdina? – eu o acusei sem rodeios.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me fitou furioso:

- Acha mesmo que eu faria isso? Colocaria a vida destas pessoas em risco?

- Eu não sei – respondi e ele mostrou-se decepcionado - Apenas vejo que está tudo destruído e as crianças agora não tem onde morar como o senhor mesmo disse que um outro inimigo faria, lembra-se?

Ele fez que não:

- Decepciona-me que pense isso sobre mim, senhorita – ele disse seco – E muito.

- E o que quer que eu pense? – eu o enfrentei – Desde que chegou aqui trouxe apenas problemas e de repente mostrou-se interessado na propriedade e em mim! – eu o apontei – E com qual intuito? – mostrei os destroços – Este? Pois o senhor conseguiu o que queria! Está feliz?

Seus olhos me esmagaram com uma frieza

PERIGOSAS ACHERON

cortante:

- Acredito que tirou suas próprias conclusões e ninguém a demoverá disso! – disse seco.

- O senhor vai pagar pelo que fez! – eu levantei o punho no ar.

- Beatrice – Thomas me reprovou.

- Não o defenda, Thomas! – eu disse por cima do ombro – Todos nós sabemos que ele é o culpado! – e me virei para Stanford - Saia daqui! O senhor não é bem-vindo!

Ele olhou para os demais e depois para mim. Um misto de decepção e raiva o acometia, mas eu não ia cair mais em suas encenações.

- Nunca mais quero vê-lo! Jamais, entendeu? – eu gritei – Monstro!

Stanford assentiu e se retirou sem dizer uma palavra a seu favor ou contra mim. Vê-lo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

partir foi a admissão de seus erros. Ele sabia que eu estava certa, ele havia agido de má fé comigo. Engoli em seco, e respirei fundo, estava tremendo.

- Senhorita... – George me chamou. Ele estava abraçado a Lucy.

Eu me volvei para eles:

- Precisamos pensar no que vamos fazer...

- Senhorita... – George insistiu.

Eu me aproximei dele que ainda estava deitado sob os cuidados de Lucy:

- O que foi querido?

- Não pode falar assim com o senhor Stanford! – ele murmurou.

- Isso é coisa de adultos, meu bem. Perdoe-me se eu me exaltei e você teve que ouvir tudo. Mas as pessoas são assim... Infelizmente... – forcei um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mas ele é um bom homem! – insistiu –
Ajudou a gente.

- Eu também achava isso, querido...

- Não foi ele, senhorita.

Meu coração gelou quando George disse
isso.

- Por que está dizendo isso, George?

- Foi o senhor Carter...

Eu compreendia a atitude de defesa do
menino, todos amavam Stanford pelo visto. Robert
deveria ter mandado Carter colocar fogo em tudo.

- Eu sei, querido. – Eu acariciei seus
cabelos sujos e me virei.

- O senhor Carter mandou Martin colocar
fogo em tudo. Ele chegou outra noite com os
garotos, e fez o que o senhor Carter mandou – ele
falou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu parei onde estava e me volvei para ele, os olhos arregalados.

- Isso não tira a culpa do senhor Stanford...

Ele soltou-se das mãos de Lucy e sentou-se para me falar:

- Eu vi Martin colocar o fogo e ele me bateu na cabeça e então disse que todos morreriam por seguir a senhorita e o senhor Stanford – ele terminou.

Aquilo não podia ser verdade.

- Está dizendo a verdade, George? – eu me ajoelhei diante dele e segurei seu rosto para que me encarasse – É algo muito sério o que está dizendo.

- Eu juro pelo meu braço que é verdade...

- Não pode ser! – eu fiz que não – Você deve ter entendido errado!

- Eu juro, senhorita. Martin fugiu, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse que a senhorita e o senhor Stanford pagariam por tudo! Eu juro!

O menino dizia a verdade. Eu havia cometido um grande erro e senti o peso disso imediatamente.

- Por que não disse nada? – eu fiquei brava com ele.

- Ninguém perguntou e a senhorita não parava de gritar – ele se justificou.

Olhei para Lucy atordoada.

- Acho que cometi uma injustiça, Lucy – eu disse aflita e mordi os lábios.

- Vá atrás dele, senhorita, precisamos dele para resolver isto – Lucy olhou ao redor – Este Carter pode tentar outra coisa...

Eu assenti e levantei depressa. Não havia cavalo, eu teria que correr até Shetwood.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ele foi em direção às minas – Ted disse se colocando ao meu lado – Eu vou com a senhorita!

- Fique...

- Eu vou – ele disse irredutível.

Olhei para Thomas:

- Eu voltarei com o senhor Stanford... – eu disse confiante.

Mas eu sabia que ele tinha todo o direito de nunca mais falar comigo depois das acusações que lhe fiz. Entretanto, eu precisava tentar, era o que meu coração dizia e era o que eu tinha que fazer.

PERIGOSAS ACHERON

15

- O que vai dizer quando o encontrar? –
Ted me perguntou quando nos aproximávamos do acampamento.

- Eu não sei – eu disse ofegante, por causa da rápida caminhada.

- Um pedido de desculpas seria bom – ele me informou como um adulto faria.

Eu não podia contestá-lo.

- Farei isso – prometi.

- E diga a ele que precisamos de uma casa nova – ele pediu.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ted – eu o reprovei – Não posso fazer isso...

- Claro que pode – ele falou seguro – Ou para onde iremos?

O garoto tinha razão. Eu precisava encontrar Stanford, e depois decidir o que faria com aquelas crianças. Não quis demonstrar minha angustia e apenas concordei com ele. Atravessamos o acampamento sob o olhar curioso de todos. Vi o cavalo de Stanford e meu coração bateu descompassado. Fiquei aliviada por saber que ele estava lá. Entrei no escritório e não vi sinal dele ou de Carter.

- Está procurando alguém, moça? – um rapaz me perguntou.

- Estamos procurando o senhor Stanford – Ted respondeu.

- Ele acabou de ir naquela direção – ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontou para a montanha – Foi até a mina falar com o senhor Carter.

- Obrigada – eu agradeci e disse a Ted – Fique aqui e me espere, por favor.

Ele obedeceu e eu comecei a subir a montanha lotada de gente que andava carregando pedras pesadas. Olhei para o alto e vi quando Stanford entrava por uma das aberturas na crosta da montanha. Segurei a barra do vestido e subi depressa, entrando atrás dele, no túnel mal iluminado. Homens me olhavam como se eu fosse uma aberração, mas eu os ignorava.

- Viram o senhor Stanford? – eu perguntei a um deles.

Apontou para o fim do corredor e eu segui em frente. Eu o vi parado no fim da passagem sem saída. Meu coração batia descompassado e tive que conter as lágrimas. Mas não havia outro modo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

falar-lhe. Era agora ou nunca.

- Robert – eu o chamei.

Ele se voltou para mim com o cenho franzido.

- O que faz aqui, Beatrice? – ele perguntou atônito – Não deveria estar aqui, é perigoso.

- Eu... – não era hora para perder a coragem – Assim que o senhor partiu, eu descobri a verdade. Sei que não foi o senhor que colocou fogo na Casa da Colina e eu vim lhe pedir desculpas.

Ele foi indiferente as minhas palavras.

- Isso não podia esperar? – ele perguntou apático.

- Não – eu dei um passo para ele, decidida – Sinto muito, de verdade. Eu...

- Agiu de forma errada – ele completou sem muita paciência.

PERIGOSAS ACHERON

Meu orgulho não queria admitir, mas era a verdade.

- Sim, eu sinto muito. George viu um dos garotos colocar fogo no celeiro e ele lhe disse que George e as crianças iam queimar comigo e com o senhor... – eu fiz que não – Estou arrependida de ter dito o que lhe falei... Não podia esperar para pedir desculpas, fui uma tola.

A expressão dele anuviou.

- Isso é um bom começo. Mas precisamos encontrar Carter e falar com ele, preciso impedi-lo de fazer algo pior.

- O encarregado disse que o senhor veio atrás dele e o segui...

- Mas ele não está aqui – olhou para o fim do túnel – Ele deve estar fugindo de mim. Ele sabe que não vou deixar o que ele fez barato.

- Há muitos caminhos, ele pode estar

PERIGOSAS NACIONAIS

escondido em qualquer lugar – comentei – Posso ajudar a encontra-lo...

- Tem que sair daqui – ele pediu me empurrando pelo corredor – Esta é uma conversa entre homens e se ele a encontrar, não sei do que ele é capaz, Beatrice.

- Não tenho medo dele! – falei teimosa parando para encará-lo – Deixe-me ajudar, Robert – pedi – A culpa de tudo isso é minha, desde o começo!

- Façamos assim, voltamos para o escritório e esperamos por ele lá – determinou.

Primeiro foi o estrondo e o teto e as paredes começaram a ceder. Gritei de susto e Stanford me puxou.

- Corra! – ele mandou.

Começamos a correr em direção a saída e pedras grandes começaram a descer sobre nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mineiros corriam a nossa frente e a poeira se formava por todos os lados. Segurei o grito que surgia em meu peito e seguia Robert sem hesitar, tentando me esquivar do que desabava sobre mim. A montanha rugiu e a pilastra de madeira que segurava o teto caiu sobre mim e fiquei para trás. Meu corpo agora era todo dor.

- Beatrice – eu ouvi Robert falar meu nome como se ele estivesse bem longe de mim.

Eu gemi de dor e abri os olhos, tudo era escuridão. Robert estava ajoelhado ao meu lado e fez força para levantar a madeira que havia caído sobre a minha perna. Eu gritei de dor quando ele conseguiu. Ele tirou a casaca e tampou a perna machucada.

- É melhor não olhar, seu ferimento foi grave – ele enrolou a casaca na perna que doía me fazendo chorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Está doendo muito – eu reclamei tentando me sentar, a dor ardia para todo meu corpo.

- Já vai passar, fique quieta! – ele mandou e sentou-se, puxou me corpo de encontro ao dele – Quando mais se mover, mais sangrará... Tentei apenas estancar o sangramento até que nos encontrem.

Eu me dei conta que estávamos presos ali. Olhei ao redor. Mais adiante no meio do caminho havia um braço para fora das pedras, alguém morrera soterrado. Olhamos um para o outro com pesar. Sabia que embaixo daquele caos havia outros mortos. Nós apenas tivemos sorte.

- Há quanto tempo estamos aqui? – eu quis saber.

- Horas – ele respondeu – A senhorita ficou algum tempo desacordada.

Notei que a testa dele sangrava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- O senhor se machucou. – Constatei.

- Isso não foi nada, apenas uma pedra fora do lugar – ele falou com sarcasmo.

Eu me aconcheguei no ombro dele, tinha a sensação que minha cabeça havia sido moldada para caber bem ali. Seu corpo era quente e embora estivéssemos na eminência da morte, eu me sentia segura. Estávamos presos dentro de uma mina, soterrados e eu estava muito cansada, apenas com vontade de dormir. O ar estava pesado e quente e eu sabia o que isso significava, nos restava pouco oxigênio naquele curto espaço, já que ao redor era puro caos de madeira e pedras.

Ficamos algum tempo em silêncio, deveriam ser apenas minutos, mas para mim, eram séculos e eu sentia que o pior estava acontecendo comigo. Minha perna doía desesperadamente e a dor irradiava pelo meu corpo, a respiração ficava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

difícil a cada minuto. Eu não queria entrar em pânico, mas talvez já estivesse.

- Eu sinto muito, Robert – eu me afastei para encará-lo, fiz uma careta de dor e me apoiei minha mão em seu peito – Eu não deveria ter dito aquelas coisas... A culpa disso tudo aqui é minha!

Ele me encarou com tranquilidade. Seu rosto sujo de poeira ainda sim era bonito.

- Não é culpa sua, Beatrice – ele garantiu – Eu teria vindo até aqui de qualquer forma quebrar a cara de Carter – ele falou e sorriu.

- Mesmo assim, espero que me perdoe por tudo o que eu disse, eu estava com raiva e cega...

- Eu a compreendo sua raiva, mas perdoá-la já é outra história – ele passou a mão no meu cacho de cabelo solto – Toda vez que a senhorita se refere a mim como *monstro*, eu tenha vontade de colocá-la sobre meu colo e lhe dar umas boas palmadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu o fitei chocada:

- O senhor não faria isso...

Ele sorriu charmoso:

- Não me teste...

Eu quis rir, mas gemi de dor.

- Está doendo muito, não é? – ele perguntou e eu concordei.

- Logo, eles vão nos encontrar – eu tentei ser confiante.

- Ou não – ele me cortou – Sabe que podemos morrer aqui...

- Está sendo muito pessimista, senhor. Eu sobrevivi a um desabamento.

- Estou sendo realista – ele olhou para o braço do morto a poucos metros de nós – Ali ficava toda a base de sustentação da caverna, e desmoronou. Levarão dias para tirar tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia disso.

- E ainda tem o oxigênio – eu o lembrei – Não teremos muito tempo respirando aqui.

- Exatamente – ele segurou meu queixo e me obrigou a encará-lo. – Lembra-se, Beatrice, quando me perguntou porque mudei de ideia com relação aos meus pais?

Eu fiz que sim. Foi na manhã anterior.

- O que tem isso? - eu quis saber.

- Eu mudei de ideia por sua causa... – ele confessou.

Ele não podia dizer aquelas palavras num momento tão infame.

- Não entendo...

- Ouça-me. Podemos sair tão vivos quanto estamos agora, quanto morrermos aqui, não posso perder a oportunidade de dizer que conhecê-la

PERIGOSAS ACHERON

mudou minha vida, completamente.

Eu engoli a seco, o coração aos saltos, mergulhando cada vez mais naqueles olhos azuis.

- O senhor é comprometido – eu o lembrei.

- Com uma moça com quem nunca troquei mais que meia dúzia de palavras, e por quem não sinto nada além de respeito – ele disse sério.

- Não está dizendo isso para me atormentar, está? – perguntei desconfiada.

- Não – ele acariciou meu rosto com o polegar – Eu menti para mim a vida toda, achando que fazer o que diziam era o melhor e a senhorita me fez ver que posso ser eu e escolher até mesmo a quem amar...

- Não pode me amar. O senhor mal me conhece... – tentei fugir da verdade que me atormentou nos últimos dias.

- Então, diga-me o que é isso que eu sinto

PERIGOSAS NACIONAIS

toda vez que vejo, fazendo com que meu coração salte e eu deseje urgentemente estar ao seu lado...

Ele aproximou seu rosto do meu e eu fechei os olhos, tentando controlar minhas emoções e meus pensamentos incoerentes. Eu não era nada além de uma moça tolamente apaixonada pelas palavras que aquele homem me dizia.

- Diga-me que não sente o mesmo... – ele pediu e os lábios dele tocaram o meus.

Eu esqueci completamente de onde estávamos, da dor que percorria meu corpo. Fui tomada pelo desejo quando os lábios dele tocaram os meus e meu coração bateu desesperado. Foi como se mais nada existisse além do toque dele, de sua existência e da minha, tornando-se uma somente. Ele me puxou para mais perto e eu gemi de dor, afastando-o.

- Sinto muito – ele falou olhando para a

PERIGOSAS ACHERON

perna e depois para o meu rosto – Eu não queria machucá-la.

- Não machucou.

Ele sorriu e me fez recostar contra o seu peito. Eu não podia acreditar que ele havia me beijado. Eu não sabia o que dizer ou o que fazer e me calei, deixando que a mão dele acariciasse minhas costas e cabelo lentamente. A dor voltou a consumir meu corpo e eu pensava que a última coisa que desejava era morrer naquele momento. Não agora, que eu o havia encontrado.

A certa altura, Robert encostou seu rosto em minha testa.

- Está com febre... – ele constatou.

- Meu corpo todo dói – reclamei.

Acho que dormi, porque não me lembro de muita coisa depois disso. Sei que sonhei com meu pai, Richard Ward, ele acenava para mim do meio

da plantação de trigo e eu corria rindo para ele.

- *Venha, querida – ele dizia acenando para mim.*

Eu estava rindo e então parei. Eu não queria ir até ele, sentia muita dor e agonia. Meu desejo era ficar quieta, mas ele insistia para que eu fosse.

- *Eu não quero ir – murmurei.*

- *Venha querida – meu pai insistia.*

- *Não posso... – eu falei sentindo mal por não prosseguir. Eu tinha que voltar, não podia ir.*

- Ouviu alguma coisa? – a voz de Robert soou acima de mim.

Abri os olhos, eu não sabia o que estava acontecendo. Tentei ficar firme, mas eu não me sentia mais parte daquilo. Estava tendo um pesadelo, ou algo assim, já não sabia distinguir realidade do sonho.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Aqui – Robert gritou.

Mais areia caía sobre nós e pedras começaram a rolar. Nós íamos morrer. Eu senti lágrimas nos olhos, eu era tão jovem. Mas se a vida tinha valido a pena, foi para voltar à Casa da Colina.

- Eu o amo, Robert – eu murmurei.

Tentei olhar para ele, mas estava fraca demais e senti um buraco negro me engolir.

PERIGOSAS ACHERON

16

Meu quarto em Londres possuía janelas grandes que ficavam abertas no verão, deixando as cortinas azuis balançarem com o vento da manhã. Eu abri os olhos e pisquei várias vezes antes de olhar ao redor e constatar que as cortinas eram brancas e não cintilavam sob a luz do sol. O tempo estava nublado. Minha garganta estava seca e senti uma delicada mão acariciar meu rosto. Olhei para o lado e vi Taylor sorrindo para mim.

- Estou com sede – reclamei.

Ela pegou um pano molhado e umedeceu meus lábios.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Você ficou muitos dias desacordada, se eu lhe der água, vai vomitar tudo – ela disse com carinho - Que bom que acordou – ela murmurou – Estávamos preocupados.

Tentei sentar na cama, mas ela me segurou pelo ombro com delicadeza.

- É melhor ficar bem quieta, você ainda não se recuperou – ela acariciou meus cabelos.

- Onde estou?

- Em minha casa – ela voltou a sorrir e notei que esta era a semelhança entre ela e minha mãe: as duas sorriam da mesma forma. Senti saudades de casa, de repente.

As lembranças foram chegando aos poucos. Lembrei do incêndio na Casa da Colina, de Robert, do acidente da mina e de minha perna ferida.

- Minha perna... – murmurei.

- Está melhor, mas você vai levar um bom

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo para se recuperar, foi um belo estrago – ela contou.

- Onde está Robert? – eu quis saber.

- Com certeza, em Londres, o Duque veio buscá-lo! – ela ficou séria – Ele também ficou mal, Beatrice. Vocês quase morreram.

- Eu sinto muito... – eu disse com pesar – E as crianças?

- Estão bem – ela assegurou – Agora descanse, você precisa se recuperar...

Eu não discuti, meu corpo ainda necessitava descansar e me entreguei ao sono. Acordei com o som da voz de minha mãe. Desta vez, o dia estava mais claro, o quarto mais arejado, as cortinas ondulavam e eu não sentia tanta dor e cansaço. Sentei na cama e puxei o cobertor para verificar minha perna direita. Ela estava enfaixada.

- Vincent! – minha mãe gritou de repente

PERIGOSAS ACHERON

entrando no quarto – Ela acordou!

Minha mãe, que era tão jovem quanto eu, com seus trinta anos correu para a cama e me abraçou com amor e saudade. Eu me entreguei ao carinho de seus braços e senti um alívio imenso por estar viva. Meu pai surgiu na porta, ele se aproximou de nós e beijou meus cabelos antes de esperar a esposa se afastar para poder me abraçar também. O amor deles era reconfortante depois de tudo que havia passado.

- Como chegaram aqui? – eu perguntei quando ele se afastou.

- Ora... Taylor nos enviou uma mensagem – Phedra respondeu.

Olhei para ela a espera de uma repreensão por meu contato com Taylor:

- Está tudo bem, querida, uma hora isso tinha que acontecer – ela sorriu e depois fez que

PERIGOSAS NACIONAIS

não - Eu deveria matá-la mesmo assim, mais por sua imprudência que por reunir familiares! - minha mãe disse emocionada – Quase morri de ansiedade até chegar aqui...

- É tão bom vê-los...

- Esperávamos que nosso encontro fosse em outras circunstancias – meu pai completou.

- Eu sei – admiti – E sei que a culpa de tudo o que aconteceu foi minha...

- Não exatamente – meu pai corrigiu e ele e minha mãe se entreolharam.

- Não devíamos tê-la deixado sozinha aqui – minha mãe disse com arrependimento.

- Não diga isso... Foi apenas um infortúnio!

Vi em seus olhares que eles não concordavam.

- Há quanto tempo estou convalescente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Mais de duas semanas – meu pai respondeu – Estávamos esperando sua melhora para voltar a Londres...

- Eu não quero voltar – eu fiz que não.

- Não há o que discutir! – meu pai interviu – A brincadeira terminou aqui!

- Pai – eu tentei argumentar.

- Foi um erro deixa-la vir! – ele falou irredutível – Não apenas quase tirou sua vida, mas manchou sua reputação, Beatrice. Meu dever é zelar por você, e não vou permitir que volte aquele lugar!

- Eu quase a perdi para aquela montanha maldita! – minha mãe disse revoltada – Mais uma vez a sorte estava ao seu lado, meu bem, não deixarei que corra outro risco.

Eles não me deixariam ficar em Shetwood. Era óbvio. Eu quase havia morrido e zelariam por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mim. Fiquei angustiada entre a obediência como filha e meu coração.

- E onde estão Lucy e Thomas? – perguntei preocupada.

- Já voltaram para Londres – Vincent respondeu.

- E a Casa da Colina? – eu quis saber.

- Destruída – minha mãe rebateu o óbvio.

- Eu sinto muito – falei com pesar.

- Não sinta. No fundo, destruir aquele lugar foi um favor – ela prosseguiu amarga.

- Meu amor... – Meu pai a reprovou e me olhou – As terras não pertencem mais a nós. Não tem que se preocupar com aquele lugar, nunca mais voltará lá.

A decepção aprofundou em meu coração. Eles não tinham ideia que aquele lugar significava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim.

- Eu nunca deveria ter concordado com esta viagem – minha mãe ponderou – Nós quase a perdemos, foram dias de agonia...

- Mas e as crianças? Eles precisam de mim...

- Não mais, Beatrice – meu pai me cortou – As que tinham família voltaram para suas casas e os órfãos foram entregues ao Estado.

- Oh, não... – falei com pesar - Eles merecem coisa melhor...

- É o certo a fazer – Vincent declarou determinado – Partiremos em alguns dias e tudo isso que aconteceu aqui será uma vaga lembrança...

Ele se retirou e não me deixou argumentar. Eu teria de voltar para Londres, fiquei arrasada.

- Mãe – eu me voltei para ela na esperança que ela me ajudasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não o julgue, Beatrice – ela pediu – Nós quase a perdemos.

- Mas sigo viva...

Ela segurou minha mão com carinho e me encarou:

- Tem ideia de como para o seu pai receber uma carta de um desconhecido contando sobre seu suposto envolvimento com Robert Stanford? – minha mãe indignou-se.

Fiquei constrangida com aquela notícia. As pessoas falavam, mas não imaginei que chegariam a tanto.

- Ele vai se casar antes do fim da temporada, Beatrice! – ela me censurou.

Eu não sabia o que era pior, causar vergonha aos meus pais ou a confirmação que Robert se casaria com Alegria Keller de qualquer forma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Não houve nada entre nós – eu a certifiquei – As pessoas veem maldade em tudo.

Ela me olhava atentamente.

- Eu sei – ela se aproximou da cama e sentou-se para segurar minha mão – Eu senti na pele a maldade daquelas pessoas, mas o escândalo chegou a Londres, querida. Não escreveram apenas para seu pai, mas para o Duque e para Lady Keller – ela fez que não – Farell Stanford procurou seu pai querendo discutir a situação. Foi constrangedor, imagine, o que poderíamos dizer a ele sobre nossa filha que estava sozinha sem ninguém da família acompanhando-a? O erro foi nosso ao permitir que viesse para cá refletir sobre sua vida... Eu deveria ter imaginado que a língua ferina daquele povo não a perdoaria como fizeram comigo e Taylor.

Eu fiquei sem graça. O que podia dizer a meu favor? Era verdade, eu havia me apaixonado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por Robert. Meu coração estava com ele, sempre estaria, junto das crianças e do amor que conheci. Mas este segredo eu guardaria para minha vida toda, bem como as palavras que ele havia me dito na pressão de pensar que iríamos morrer dentro daquela mina. Tenho certeza, que em uma situação mais corriqueira, ele jamais diria tais coisas. Robert era demasiado responsável e cumpriria com seu acordo juntos aos Keller.

- Eu sinto muito – disse sincera – Eu só queria ajudar aquelas crianças.

Minha mãe me abraçou:

- Eu sei querida... Eu sei... Nós a ajudaremos a superar isso... – beijou-me na testa.

A porta foi aberta e Taylor entrou.

- Vejo que está bem melhor – ela sorriu se aproximando da cama e olhou para Phedra – Eu lhe disse que Beatrice é uma garota muito forte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Disse – minha mãe sorriu e se voltou para mim – E agora temos que arrumar as coisas para voltar para casa.

Taylor pareceu surpresa.

- Pensei que ficariam mais tempo – ela disse com pesar.

- Vincent tem negócios a tratar – ela explicou – E eu não gosto de ficar muito tempo aqui.

- Que pena! – Taylor disse sincera – É que sempre fico tão sozinha e a chegada de Beatrice foi uma esperança que as coisas melhorassem para mim.

- Agora ela vai para casa – minha mãe pontuou – Mas poderá nos visitar em Londres, Taylor...

- Meu marido não gosta muito de viagens – ela comentou – Temo que não voltaremos a nos ver

PERIGOSAS ACHERON

tão cedo.

As irmãs se encararam com tristeza. Havia mágoa entre elas que precisavam ser resolvidas e talvez a chance de uma nova relação entre elas, mais madura e sincera.

- Vou pedir os serviçais que venham lhe auxiliar com um bom banho – Taylor avisou e olhou para a irmã – Por que não aproveitamos e passeamos pelo jardim? – ela propôs – Eu gostaria muito de conversar...

Minha mãe me olhou por um instante. Acredito que ela não desejava muito tocar nas feridas do passado, mas posto daquele modo, seria infantil não ir.

- Vou ficar bem – eu falei com bom humor.

Elas saíram e eu me recostei nos travesseiros macios. Eu voltaria para Londres em obediência aos meus pais, mas seria a mais infeliz

das mulheres. Não apenas por estar longe de Shetwood e das crianças, mas também porque meu coração agora pertencia a um homem impossível para mim.

A volta para Londres foi silenciosa e amarga. Quando chegamos à estação, meu pai ofereceu o braço para que eu me apoiasse. Peguei a bengala e fiz força para me levantar. A perna já não doía tanto, era apenas o incomodo de mancar e não poder apoiá-la totalmente no chão. Uma linda carruagem nos aguardava na movimentada estação e fomos para Primrose, nossa casa, o que na verdade não deixava de ser um palacete.

Suspirei quando olhei pela janela e vi os portões de ferro se abrirem. Eu estava de volta a minha prisão sem grades. Os empregados nos aguardavam na entrada, inclusive, Lucy e Thomas, mas o que fez meu coração saltar de alegria foi ver

o pequeno George junto a eles. Quando me viu, ele correu em minha direção e me abraçou. Olhei para Lucy que se aproximava, em busca de explicação.

- Eu e Thomas o adotamos – ela contou com um sorriso amplo.

Era uma notícia maravilhosa, eu não poderia estar mais feliz. George se afastou e disse:

- Agora sou filho deles! – falou com carinho.

Pela preferência e carinho que Lucy e Thomas mostraram pelo menino desde o começo, era natural que eles o tomassem como filho.

- Fico muito feliz, meu querido – eu acariciei seus cabelos. Vê-lo era reconfortante para o meu coração.

- A senhorita está muito bonita – ele me elogiou. – Com cara de doente, mas muito bonita.

Eu ri:

PERIGOSAS NACIONAIS

- Obrigada e você parece um lorde.

- Faço o que posso – ele me garantiu.

Eu ri e minha mãe se colocou ao nosso lado:

- Vamos entrar, você deve estar cansada – ela ponderou.

- Sim – eu concordei.

Até que eu melhorasse, um quarto de hóspedes foi designado para mim no primeiro andar da casa, para evitar que eu tivesse que subir escadas. Meus irmãos vieram ao meu encontro para me felicitar e senti uma nova onda de felicidade me invadir, vê-los era bom, trazia certa paz que eu havia perdido.

- Está bem melhor, senhorita? – Lucy comentou quando entramos em meu quarto. Os empregados trouxeram os baús e minha mãe se pôs a abri-los – Pensamos que íamos perde-la...

PERIGOSAS ACHERON

Eu me sentei na cama e deixei a bengala de lado.

- Minha perna já está boa. Fico feliz que tenha adotado George, Lucy – eu disse contente.

- Ele trouxe um renovo para nossa vida – ela disse com amor.

- Mas me preocupo com os outros garotos. Sabe onde eles estão? – eu quis saber.

Lucy compreendeu.

- Não sei exatamente o que foi feito deles – ela disse sincera – Sei que Ted e os irmãos estavam decididos a partir de Shetwood – ela lembrou-se e fez que não – Mas como o senhor Stanford tinha o poder sobre eles, talvez tivessem que voltar para as minas ou ir para algum orfanato, acredito que a última alternativa tenha sido a melhor.

Eu fiquei decepcionada, um orfanato frio e sem graça para crianças tão cheias de vida e

PERIGOSAS NACIONAIS

amorosas.

- Mãe – eu a chamei e ela me olhou – Não poderia descobrir para onde eles foram levados?

- E o que fará com esta informação? – ela perguntou se aproximando de mim.

- Eu vou visita-los – respondi – Preciso saber se estão bem.

Ela concordou.

- Falarei com seu pai.

- Obrigada! É ruim saber que estão num orfanato, porém é melhor que as minas de carvão – comentei.

- O senhor Carter foi preso, meu bem – minha mãe disse olhando de Lucy para mim – Foi ele quem provocou o acidente na mina.

- O que? – eu me virei para minha mãe –

PERIGOSAS ACHERON

Sobre o que está falando?

Ela se sentou ao meu lado.

- O desabamento não foi por acaso. Carter sabia que iam atrás dele depois de incendiar a Casa da Colina. Ele mandou o empregado dizer ao senhor Stanford que ele também estava dentro da mina. Quando o filho do duque entrou, ele colocou seu plano em prática e explodiu tudo. Você estar lá foi para a sorte dele. – ela explicou.

- Eu jamais poderia imaginar que ele seria capaz de tamanha atrocidade – comentei.

E quase havia matado a mim e a Robert. Eu queria perguntar sobre ele a Lucy, mas minha mãe estava perto e eu não queria deixa-la chateada. E Lucy contaria para ela. Eu tinha que me conformar que jamais voltaria a ver Robert e se nos encontrássemos, ele seria um marido fiel a Alegria Keller. Aplaquei minha ansiedade e dei atenção ao

PERIGOSAS NACIONAIS

que Lucy dizia.

- Por sorte, Ted estava do lado de fora e foi até Greg, que fez uma incursão para salvá-la... – Lucy contou.

- Mais uma vez Greg salvou sua vida – minha mãe disse orgulhosa.

Eu não conseguia imaginar outra pessoa fazendo isso. Greg era um herói.

- Sim, ele salvou – eu fiquei feliz – E como ele está? Ele não foi me ver em Shetwood.

- Sei que veio para Londres e conseguiu um bom emprego – Lucy contou.

- Meu pai deve ter sido bastante generoso com ele – imaginei.

- Seu pai foi – Lucy concordou – Mas foi o senhor Stanford que o empregou aqui em Londres – contou – Ele me parece muito bem.

PERIGOSAS ACHERON

Outra surpresa sobre Robert. Meus olhos arderam em lágrimas. Eu nunca mais o veria, e se o encontrasse, seria como dois estranhos, isso me sufocava. Queria me levantar e correr dali.

- Eu gostaria de encontrar Greg e lhe agradecer por ter salvado minha vida – falei.

- Pedirei a seu pai que escreva a ele para vir vê-la... Ele poderá jantar conosco semana que vem quando o Conde de Arnou virá nos fazer uma visita – ela disse de modo significativo.

Eu não podia acreditar que ainda pensavam que eu me casaria com Arnou.

- Pensei que ele tivesse desistido dessa ideia de casamento – eu a olhei contrariada.

- E não desistiu, felizmente – ela assegurou.
– Depois deste escândalo, o casamento com Arnou lhe será a melhor coisa.

- Não pode estar falando sério! – eu fiz que

PERIGOSAS NACIONAIS

não – Não pode me obrigar a me casar com ele!

- Faz muito bem, senhora – Lucy concordou. Elas sorriram cúmplices. – Alguém precisa colocar um pouco de juízo na cabeça da senhorita Turner.

- Eu não preciso de juízo, senhora. Eu preciso de liberdade – retruquei e olhei para minha mãe – Prefiro um convento ou a solteirice a me casar com Arnou!

- Beatrice! – minha mãe me reprovou.

- Pensei que deixaria eu me casar com um homem que amasse! – eu falei magoada.

- Eu até faria isso, mas as coisas mudaram...

- O que mudou? – eu perguntei irritada – Agora se importa com que a sociedade fala? Mudou de ideia sobre a felicidade? A senhora se casou com o homem que amava...

PERIGOSAS ACHERON

- Mas Vincent não era um homem comprometido e ele me tratou com respeito! – ela disse brava comigo – E eu não agi como uma moça vulgar!

Eu não podia acreditar que ela havia dito aquilo. Minha mãe arrependeu-se, mas era tarde demais.

- Querida eu...

- Não me casarei! – eu disse com lágrimas – Diga isso a meu pai e a Arnou. Prefiro ser mal falada a uma mulher infeliz!

- Acho melhor eu ver o andamento da casa, senhora, com licença – Lucy desculpou-se para nos deixar a sós.

Minha mãe a acompanhou, me deixando sozinha. Voltou alguns segundos depois. Eu já havia me recostado nos travesseiros.

- Beatrice. O que está acontecendo? – ela

parou diante de mim – Eu nunca a vi tão agressiva.

Eu sabia que havia passado dos limites da educação.

- Desculpe-me – eu falei – Meu lugar não é aqui – eu fiz que não – Estou me sentindo sufocada, sinto falta de Shetwood. Não quero parecer mal-educada, mas não gosto de Londres e nem disso tudo que me cerca, eu queria estar lá... Fazendo algo útil ao invés de ficar indo a chás e bailes! – eu engoli seco para não chorar – Não pode me compreender... Eu não faço parte desta nobreza!

- Eu a compreendo. Mas escolhas tem que ser feitas...

- Para benefício de quem? – eu perguntei irritada – Do bom nome da família de Vincent Turner?

- Beatrice – ela me reprovou.

- Não está pensando em mim!

PERIGOSAS NACIONAIS

- Claro que estou – ela se aproximou da cama – Um escândalo está feito, todos pensam que você e Robert estiveram de namorico, nenhum homem vai aceita-la como esposa! Arnou não se importa com as fofocas, ele a ama!

Eu a encarei com lágrimas:

- Mas eu não o quero!

- Pode vir a amá-lo!

- Acredita mesmo nisso?

Ela não contrapôs.

- Eu não posso ajuda-la, se não me dizer a verdade...

- Eu estou sendo sincera...

- Então, conte-me o que houve entre você e Stanford? - Ela sentou-se na cama e me encarou - Não minta para mim, você escreveu sobre ele em todas as suas cartas. O que houve na Casa da

PERIGOSAS ACHERON

Colina? – ela insistiu em saber.

Eu sabia que podia confiar nela:

- Não houve nada demais – garanti – Nós nos apaixonamos e não podemos ficar juntos. Ele tem compromissos junto à família.

Ela soltou minha mão e se afastou.

- Ele manchou sua honra, Beatrice – minha mãe disse séria – Não pode defendê-lo, está cega!

- Não – eu fiz que não – Ele foi um cavalheiro comigo o tempo todo...

- Jura? – ela perguntou sem hesitar – Jure pelo amor que sente por mim que ele nunca fez nada que a desonrasse – ela exigiu.

Eu não consegui responder. Ele havia me beijado e dito certas coisas. Mas, eu não tinha coragem de contar nada. Além disso, não era importante a ponto de me difamar, mas minha mãe não compreenderia.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Ele vai se casar com Alegria Keller e isso é o que importa! – eu a encarei com seriedade – E eu prefiro ir para um convento a me casar com Arnou...

Ela não disse nada. Mas sabia que ela não havia acreditado em mim. Apenas virou-se e saiu do quarto a passos largos.

Senti meu coração apertar. Eles me obrigariam a me casar com Arnou para sanar aquele escândalo e eu não tinha como fugir daquela situação em que eu havia me colocado.

PERIGOSAS ACHERON

17

E foram dias de silêncio e solidão. Bob era minha única companhia. Ninguém visitaria a filha adotada de um conde que provocara um escândalo na sociedade de Londres. Não me fazia falta os falsos bajuladores, mas estava ressentida pelo único caminho que encontravam para mim: o casamento. Ninguém mais tocava no assunto sobre Shetwood naquela última semana, mas eu sentia o clima pesado e estranho.

Minha mãe me olhava como se soubesse de algo que eu não conhecia e mesmo que eu tentasse descobrir, ela arditamente me deixava a ver

PERIGOSAS NACIONAIS

navios e mudava de assunto. Aquilo estava me matando. O que me consolava, era que logo a temporada acabaria e o outono chegaria para abrandar o calor. Eu esperava que a mudança de estação me trouxesse algum tipo de esperança, porque havia perdido as minhas.

Eu caminhava pelo jardim de Primrose apoiando na bengala. Bob e George seguiam a frente, brincando, como fazíamos todas as tardes para passar o tempo.

- Vou me sentar aqui – eu avisei apontando para o banco.

Dali, eu podia ver o garoto rolar na grama com Bob. Lucy ficaria furiosa com ele depois, e lhe daria um puxão de orelha por deixar as roupas tão imundas. Eu dizia a ela que roupas sujas de crianças eram sinônimo de felicidade.

- Beatrice...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu fiquei petrificada. Olhei para o lado e vi Robert Stanford parado a poucos metros, em pé, com toda sua beleza e charme. Ele estava sério e esperava que eu dissesse qualquer coisa e tirou o chapéu, deixando os cabelos revoltos surgirem. Eu queria me levantar e correr para seus braços e sentir o calor de seu corpo contra o meu. Eu não me importava se isso iria scandalizar a todos caso estivéssemos em Shetwood, mas ali, em Londres, eu não podia decepcionar mais aos meus pais. Olhei ao redor à procura de minha mãe ou Lucy, mas não havia mais ninguém. Voltei-me para ele angustiada.

- Senhor Stanford – eu consegui dizer depois do choque de revê-lo – O que faz aqui?

Ele se aproximou e se sentou ao meu lado sem ser convidado.

- Eu vim vê-la – ele olhou dentro dos meus

PERIGOSAS ACHERON

olhos.

Eu desviei o olhar para George:

- Não é certo! – eu disse seca tentando me afastar, mas não havia mais espaço.

- Está falando pela senhorita?

Eu o olhei, incrédula:

- Vai me dizer que não sabe do escândalo que causamos?

- Claro que sei.

- Meus pais estão magoados comigo e seus pais também devem estar com o senhor – eu comentei.

- Acredito que Alegria esteja mais – ele concordou.

A última coisa que eu precisava é que ele falasse dela naquele momento.

- Era esperado, não é? Mas nós dois não

PERIGOSAS NACIONAIS

medimos as consequências de nossos atos.

- Não.

Eu respirei fundo.

- O que quer?

- Aconteceu tanta coisa depois do acidente na mina. Eu estive na casa da senhora Burgh para vê-la, mas a senhorita não voltava a si – ele começou a falar – E viajei depois que me recuperei do acidente, fui tratar de negócios em Oxford e cheguei em Londres ontem à noite.

Eu precisava ser evasiva. E não me ater as batidas loucas do meu coração.

- Fez boa viagem? – inquiri indiferente com a garganta seca.

- Sim. Embora, eu estivesse ansioso para voltar e consertar todos os maus entendidos que deixei – explicou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu fiz que não, compreendendo a situação.

- Não precisava ter vindo aqui, senhor.

- Pare de me chamar com tanta formalidade! – ele disse impaciente se levantando – Lembre-se de nós na mina! – pediu.

- E o que houve? – eu o questionei – Pensávamos que íamos morrer e falamos coisas impensadas. Que sabemos que nunca deveriam ter sido ditas.

- É isso o que realmente pensa?

- Não interessa o que eu penso. O que importa é que as coisas tomem o rumo que devem tomar.

Ele ficou tenso:

- Soube que vai se casar com Arnou.

- É o que deve ser feito – respondi com uma vontade imensa de chorar. Eu não me casaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com Arnou, preferia me trancar num convento. Aquele sentimento por Robert havia me convertido numa tola. - Por favor, vá embora – eu implorei – Não tem sentido vir aqui.

Ele fez silêncio por um instante e depois me encarou:

- Eu já lhe contei a história de meus pais? – ele perguntou.

O que ele queria dizer com aquilo. Por que não ia embora?

- Contou, na colina, naquela manhã que fomos à Shetwood – lembrei inquieta.

- Então, eu devo ter-lhe dito que o maior alívio na vida de meu pai foi quando ele descobriu, mesmo depois de tanto tempo, que o amor de minha mãe continuava intacto por ele... – ele voltou a se sentar.

- Não me disse – falei triste.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Foi por isso que vim aqui – ele deu um passo para mim.

- Para falar do amor de seus pais? – eu me fiz de desentendida.

- Não. Para saber se seus sentimentos continuam os mesmos. – Ele fez uma pequena pausa - A senhorita ama Arnou? – ele quis saber.

Que pergunta sem sentido, eu tive vontade de dizer.

- Isso não lhe diz respeito...

- Ama? – ele insistiu.

Eu não queria falar. Mas eu jamais poderia mentir para Robert sobre meus sentimentos.

- Veio me torturar? – me esquivei de responder.

Encaramo-nos e o vento atrapalhou os cabelos platinados:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Seu pai esteve em minha casa – ele contou virando-se totalmente para mim.

- Eu sei que ele e seu pai discutiram muito sobre o escândalo desde que receberam a carta nos denunciando – minha voz saiu tremida. Eu estava perdendo o controle das emoções.

- Ele fez isso esta semana, logo que retornaram de Shetwood. – Ele contou.

- E por que ele faria isso? – eu não compreendi.

- Ele foi bem taxativo sobre o estrago que fiz em sua vida...

- Eu posso imaginar isso – eu olhei para minhas mãos e quando levantei o olhar, ele parecia mais próximo. O ar ficou pesado e eu sufocada.

- A senhorita concorda com ele? – ele perguntou e eu comecei a tremer sem explicação.

- Concordo com o quê? – achei que minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

voz não fosse sair, agora nossos joelhos se tocavam e eu podia sentir o calor dele, isso era tão deliciosamente errado. Eu podia ter-me afastado, mas não fiz, eu não conseguia. Era um pedacinho do céu do qual eu não podia abrir mão, levaria na lembrança para sempre.

- O que houve entre nós foi um erro? – aqueles malditos olhos azuis poderiam fazer qualquer um confessar um crime, mesmo que não o houvesse cometido.

Tentei falar, mas minha voz não saiu, estava certa de fugir quando ele segurou minha mão, e o toque dele fez meu corpo inteiro formigar. Meus olhos se perderam nos dele por alguns segundos, e quanto mais o tempo passava, maior era a vontade de deixar tudo para trás, e me jogar na profundidade de seu beijo.

- Robert... – eu hesitei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Responda – ele insistiu apertando mais a minha mão.

Eu fechei os olhos e respondi:

- Sabe que não – eu abri os olhos carregados de lágrimas.

- Então, o que disse para mim na mina era verdade – ele afirmou.

Eu reuni toda a coragem que possuía. Enfrentar Carter em uma mina cheia de explosivos, não era tão incrivelmente apavorante que confessar aquela verdade.

- Sim.

Delicadamente, ele ergueu minha mão e a beijou de modo perturbador. Uma lágrima escorreu em meu rosto e eu tratei de enxuga-la, contendo minha respiração ansiosa. Ele ergueu o olhar para mim:

- Então, está decidido!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E levantou-se e saiu apressado pelo jardim. Eu fiquei por alguns segundos olhando-o atônita, sem entender nada.

- Aquele era o senhor Stanford? – George perguntou se aproximando.

Eu olhei para o menino que trazia Bob com ele.

- Sim...

- E por que ele saiu correndo?

- Eu não sei...

Robert chegou e se foi como uma tempestade, mas sua última frase me intrigava. O que ele quis dizer? Peguei minha bengala e levantei, caminhando o mais depressa que podia até a casa. Entrei e ouvi vozes vindas do salão. Encontrei meus pais reunidos com mais um casal e Robert. Eles falavam ao mesmo tempo e se calaram quando entrei.

PERIGOSAS ACHERON

- O que está acontecendo aqui? – perguntei me reunindo a Robert, diante dos casais sentados.

Ao olhar para o casal desconhecido, notei a semelhança entre o senhor e Robert e deduzi que se tratavam dos pais dele.

Robert me olhou sério:

- Eu estava comunicando a eles que vamos nos casar...

Ele falou como se estivéssemos decidindo o cardápio do jantar e eu levei alguns segundos para entender.

- Até que enfim! – minha mãe falou aliviada, levando a mão ao peito. – Eu temi que não se entendessem!

- Eu não entendo... – eu disse confusa olhando para ele e franzi o cenho – Como casar? – eu olhei para os meus pais – E Arnou?

- Você o quer? – minha mãe perguntou

PERIGOSAS ACHERON

surpresa.

- Não, mas até ontem...

- Isso é passado, querida – meu pai garantiu com um sorriso largo – Robert acaba de pedi-la em casamento.

O que estava acontecendo ali?

- Casar? – eu perguntei chocada.

- A senhorita não quer? – Robert perguntou tenso – Pelo que entendi há pouco...

- Eu sei o que entendeu – eu o cortei constrangida pela presença de nossos pais – Não podemos decidir as coisas assim... Desta forma absurda! – eu gesticulei.

Aquele homem era louco e insano.

- E o que acha que devemos fazer diante do escândalo que nos assola? – ele me questionou determinado, colocando as mãos nos quadris.

PERIGOSAS NACIONAIS

- Eu... Eu não quero me casar apenas para abafar um escândalo! – objetei.

- Vamos nos casar porque nos amamos, Beatrice – ele disse com um carinho que me derrubou.

Encontrei em aquele olhar todo o amor que existia e minhas barreiras ruíram. Caso elas realmente tenham existido um dia, porque tive a impressão que nunca fui muito firme em minhas convicções quando o assunto era Robert Stanford.

- Mas o senhor não me pediu ainda! – contestei sem muita convicção.

- Eu tenho que fazer isso primeiro a seu pai e depois realizaremos um jantar em família onde formalizarei o pedido com toda pompa e circunstância... – ele disse prático – Podemos providenciar o casamento em poucas semanas. Não temos porque adiar o inevitável...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Bem pensando, meu filho – o duque se levantou e cumprimentou Robert e depois olhou para meu pai – Concorda com tudo, não é Vincent? Eu não faço qualquer objeção a este casamento – ele falou para minha surpresa.

- Não faz? – eu perguntei confusa.

- E por que eu faria? – ele me devolveu a pergunta e eu não sabia responder.

- Claro que concordo com tudo – meu pai fez sinal para Thomas – Traga a bebida, precisamos brindar, por favor, Thomas.

Minha mãe se levantou e se aproximou de mim. A senhora Stanford, em toda sua delicadeza e beleza, também se aproximou e me abraçou:

- Bem-vinda à família, Beatrice – ela disse com carinho e se afastou.

- Oh, querida – minha mãe também me abraçou – Hoje é um dos dias mais felizes da minha

PERIGOSAS ACHERON

vida.

Thomas chegou com a bebida e os homens brindaram. Robert olhou para mim, ele sorria e estava feliz. E todo seu contentamento era por que iria se casar comigo? Eu ainda estava em estado de choque. Depressa demais, como tudo relacionado a ele.

Ele deixou o copo de lado e se aproximou, me fitou atentamente.

- O que foi? Não está feliz?

- Quer se casar comigo? – eu murmurei atônita – E quanto à Alegria?

- Eu desfiz o noivado e ela sabe que foi melhor para nós, embora vá me odiar por muito tempo – ele disse sincero.

- Sinto muito... Eu não queria a infelicidade de ninguém...

- Eu não sinto, Beatrice. Decidi que não

PERIGOSAS ACHERON

poderia me casar com uma estranha, quando encontrei a mulher com quem desejo passar o resto da minha vida...

Eu ofeguei e me joguei nos braços dele. Robert me abraçou e a bengala caiu no chão. Tê-lo próximo a mim era a sensação mais reconfortante e boa que já havia sentido. Eu não sabia explicar com palavras como aquele homem mexia com os meus sentimentos e me virava do avesso. Eu queria ele por perto para sempre.

- Tem certeza? – eu murmurei.

- A mesma evidência de seus sentimentos, são os meus... – ele disse e se afastou.

Foi quando notei que estávamos a sós novamente, nossos pais haviam se retirado em silêncio.

- Eu pensei que nunca mais fosse vê-lo...

- Não houve um dia em que meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pensamentos não fossem seus... Eu a amo de uma forma incompreensível e isso me faz mais forte.

- Eu também o amo, Robert e não desejo que seja diferente... – eu hesitei.

- Mas?

Eu encolhi os ombros:

- E as minas?

- Ainda sou dono delas – ele assegurou – E continuarei sendo.

- Sabe que isso será sempre um impasse sobre nós, não é?

- Sei... – ele ficou sério e me ajudou a andar até o sofá e nos sentarmos – Posso ajudar aquelas pessoas, mas não posso salvá-las.

- Eu sei – eu assenti.

- Posso lhes pagar um salário melhor, e até construir uma escola para as crianças – ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ponderou – Mas além disso, seria inviável.

Eu compreendi.

- A escolha é sua Beatrice: ficar ao meu lado ou me odiar – ele ficou me olhando a espera de uma resposta.

Eu sabia que era a decisão mais difícil da minha vida, e que teria que conviver com isso para sempre. Entretanto, meus valores e o amor que havia em mim travavam uma batalha que eu nunca conhecera antes.

- Eu fiz minha escolha, caro senhor – eu disse séria – Em Shetwood, eu descobri que um dos mais fortes desígnios da minha vida seria amá-lo para sempre. E não há nada que possa mudar isso... – eu fiz uma pequena pausa - Vou aprender a lidar com seus limites, meu querido. – Eu sorri finalmente – Entraremos sempre em acordo.

Um sorriso mordaz surgiu no rosto bonito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

- Tem a vantagem que seu amor resgatou toda minha humanidade – ele confessou.

Robert aproximou-se lentamente, ele levou a mão à minha nuca e me puxou para um beijo mais intenso. Um momento que eu jamais poderia descrever.

Nossas vidas estavam seladas para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Nós nos casamos no início do inverno, na propriedade da família de Robert, em Londres. Claro, que tudo foi um escândalo. Era como se assumíssemos um caso de amor de Shetwood, mas em nenhum momento ele ou eu nos importamos. A única coisa que desejávamos era estarmos um ao lado do outro. Fomos motivo de fofoca durante todo aquele tempo, mas quando o matrimônio ocorreu, as más línguas foram abrandando e aos poucos fomos esquecidos.

Passamos a lua-de-mel na Itália e quando retornamos, não fomos direto para Londres, aliás,

PERIGOSAS NACIONAIS

eu temia que ele me levasse para a casa que havia construído para morar com Alegria, Southon, e essa ideia ofendia-me tremendamente. Mas quando toquei no assunto de lar, ele apenas me disse:

- O que importa é estarmos juntos. Qual a diferença do teto que nos cobrirá?

Entretanto, surpreendi-me quando não fomos direto para casa. E após a viagem de retorno o navio aportou em Londres e seguimos de trem para Shetwood. Ele disse todo o tempo que seria uma surpresa, quando chegamos à estação meu coração parecia que ia saltar do peito.

- O que estamos fazendo aqui? – eu quis saber.

- A senhora vai ver – ele piscou charmoso para mim e me ajudou a descer do trem.

A carruagem nos aguardava e nos levou pela cidade e depois subiu à colina tomada pela

PERIGOSAS ACHERON

neve. Eu fazia perguntas, mas Robert se recusava a responder. Paramos, ele desceu primeiro e estendeu a mão para me ajudar. Meus olhos não podiam acreditar no que viam: onde um dia fora a Casa da Colina, agora havia uma enorme construção: uma casa de dois andares tão grande quando a casa de meus pais em Londres.

- Robert? – eu o olhei aturdida.

- Bem-vinda de volta à Casa da Colina, meu amor...

Eu levei as mãos aos lábios:

- O que? Eu não compreendo... – falei confusa – Eu pensei que...

- Quando tudo incendiou – ele começou a dizer pegando a minha mão e me levando para perto da cerca branca que fora reerguida – Eu comprei as terras de seus pais. Pode não acreditar, mas algo me dizia que um dia voltaríamos *para*

nossa casa e para ficar...

- Nossa casa? – eu perguntei enquanto ele abria o portão e fazia medida para eu seguir na frente dele.

Eu passei por ele, olhando tudo ao redor, sem poder acreditar em nada. Robert me guiou para dentro da casa e atravessamos o hall e depois entramos em uma sala onde havia uma enorme árvore de natal e uma chaminé acesa.

- Construiu depressa demais, não houve tempo! – eu o questionei.

- Comecei a construir quando a senhora partiu de Shetwood, e lá se vão quase seis meses, Beatrice...

Eu não podia acreditar, balancei a cabeça atônita.

- Robert – eu me aproximei e o abracei, beijando sem parar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele riu, mas o que me fez afastar dele assustada foram as risadas que ouvi atrás de mim. Quando me virei, eu me deparei com Ted, Alfred e Mary. Eles estavam parados ao lado da árvore de natal e riam da cena.

- Oh, meu Deus! – eu gritei e corri para abraça-los e beijá-los.

Com o rosto banhando em lágrimas, eu me voltei para Robert:

- Acredito que esta casa não seria a mesma sem eles... – ele observou.

- O Senhor os...

- Adotou? – ele completou e fez que sim – Eles são nossos filhos agora.

Eu balancei a cabeça em negativa:

- O senhor não existe... – eu disse emocionada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se aproximou de mim com seu sorriso charmoso, os cabelos platinados, aquela beleza que me fazia suspirar:

- Enquanto a senhora estiver aqui... Eu também estarei...

Eu me levantei e me joguei em seus braços, beijando-o com ardor.

- Feliz Natal! – ele me disse entre os beijos.

- Feliz Natal...

E então nos afastamos para abraçar as crianças.

Horas mais tarde, quando levei as crianças para seus respectivos quartos, encontrei meu marido sentado em frente a lareira, sentei-me aos seus pés e recostei a cabeça em suas fortes pernas. Ele acariciou meus cabelos, enquanto meus olhos cintilavam na árvore de natal iluminada pela chama da lareira.

PERIGOSAS ACHERON

Eu apoiei meu queixo em sua perna e olhei para ele:

- Obrigada por tudo.
- Considere um presente de natal – ele sorriu.
- Eu nunca pensei que eu seria tão feliz – eu admiti – E que o senhor desejaria morar aqui...
- Há muito mais – ele me informou – Já pedi para iniciarem a construção de uma escola e a senhora terá trabalho para contratar tutores.
- Obrigada – eu segurei sua mão e a beijei – Uma vida toda não será suficiente para agradecer-lhe por seu ato de benevolência.

Ele fez com que eu me levantasse e me sentou em seu colo. Eu o enlacei pelo pescoço naquele momento de intimidade que tanto adorava.

- Apenas me ame, em qualquer circunstância. Mesmo quando eu for apenas o dono
- PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das minas. – Ele pediu sério – Não consigo imaginar minha vida sem a sua. Eu morreria se a perdesse.

Eu soltei o fôlego que prendia e acariciei seu lindo rosto. A intensidade do amor dele era um idílio, meu ar, meu tudo.

- Então, senhor Stanford, se prepare porque eu lhe darei muito trabalho nos próximos anos amando-o...

E mais uma vez, meu coração retumbou dentro do peito quando ele me beijou.

Robert era meu amor. Minha vida.

E agora eu estava em casa, em Shetwood, aonde nossos filhos nasceriam.

E eu viveria mil vidas, se todas me levassem para casa. Para Robert.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fim

PERIGOSAS ACHERON

A Carta

<http://a.co/d/bTgNNFl>

Meredith Willcox, a Condessa de Durant, ficou viúva há pouco tempo e vive isolada ao norte da Inglaterra, sem qualquer plano de voltar a Londres. Até que ela recebe a visita de Farell Stanford, sobrinho de seu falecido marido, e a quem ela amou com todas suas forças no passado, o mesmo homem que a desgraçou, abandonando-a sem piedade. Farell viajou por vários dias até Pharousburg, para que o testamento de seu tio se cumprisse e ele pudesse finalmente se vingar daquela vil mulher, que destruiu seu coração e ainda se casou com seu tio por interesse. Entretanto, a forte nevasca o prende naquele

inóspito lugar e ele é obrigado a enfrentar seus sentimentos profundos por Meredith e a confrontá-la com a carta que ela escreveu há dez anos. A Carta que os separou. Segredos serão revelados e feridas novamente se abrirão de forma devastadora. Pode o amor sobreviver a tantas mentiras?

A Casa da Colina

SÉRIE CONTOS DE NATAL LIVRO 01

<http://a.co/d/7nnwI6e>

1860. A Inglaterra está a pleno vapor com a Revolução Industrial, e não é diferente na pequena Shetwood, aonde as minas de carvão se movem dia e noite.

A vida de Phedra Johnson sempre foi difícil, mas ela nunca perdeu as esperanças de dias mais felizes.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nem mesmo quando seu pai morreu e seu primo Scott Fielding apareceu para tomar posse da herança, ela deixou de acreditar que as coisas poderiam melhorar. E enquanto todas as moças de Shetwood querem casar-se com Scott, seu único desejo é manter seu emprego, ser independente e partir para Londres, aonde recomeçaria sua vida. Mas há a Casa da Colina, o lugar em que Phedra nasceu; a pequena Beatrice por quem ela tem um grande carinho; e há a possibilidade de um novo e poderoso amor. O natal está chegando, e por que não acreditar que as boas novas estão por vir? Descubra neste conto um presente de natal

PERIGOSAS ACHERON

Sobre a autora

FLÁVIA PADULA é jornalista, filha, irmã, mãe, esposa, amiga, dona de casa, mulher e escritora. Escreveu o livro jornalístico *Quisisana, uma história, uma vida*. Recebeu vários prêmios literários no Brasil. Também é autora dos Romances Históricos *O Duque*, *O Yankee*, *O Plebeu*, *A Carta*, *O Conde de Denbigh*, *Casa da Colina* e *De volta à Casa da Colina*. Na literatura contemporânea *Uma Segunda Chance*, *O Falcão do Deserto* e do conto *Escolhas*. Também lançou a Comédia Romântica *Quero Me Casar* e outros contos Eróticos publicados pela Amazon.

Facebook:

<https://www.facebook.com/flaviapadulaescritora>

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON